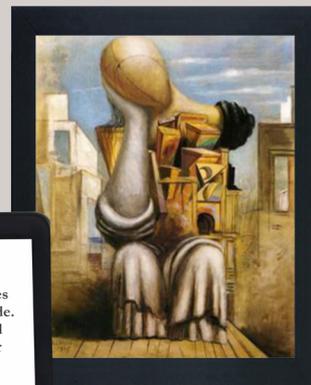
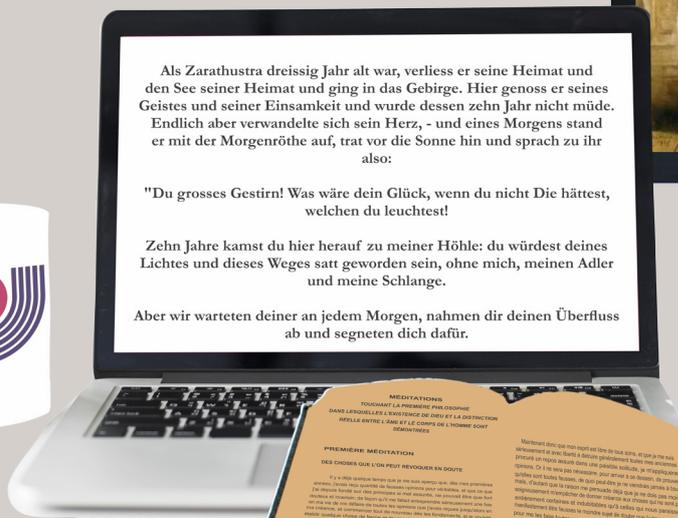


# Anais do XXIII Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da UNIOESTE

## - Resumos das Comunicações -



Als Zarathustra dreissig Jahr alt war, verliess er seine Heimat und den See seiner Heimat und ging in das Gebirge. Hier genoss er seines Geistes und seiner Einsamkeit und wurde dessen zehn Jahr nicht müde. Endlich aber verwandelte sich sein Herz, - und eines Morgens stand er mit der Morgenröthe auf, trat vor die Sonne hin und sprach zu ihr also:

"Du grosses Gestirn! Was wäre dein Glück, wenn du nicht Die hättest, welchen du leuchtest!

Zehn Jahre kamst du hier herauf zu meiner Höhle: du würdest deines Lichtes und dieses Weges satt geworden sein, ohne mich, meinen Adler und meine Schlange.

Aber wir warteten deiner an jedem Morgen, nahmen dir deinen Überfluss ab und segneten dich dafür.



Toledo – PR  
2019

Célia Machado Benvenho  
Libanio Cardoso  
Nelsi Kistemacher Welter  
Wilson Antonio Frezzatti Junior  
(Organizadores)

Anais do XXIII Simpósio de  
Filosofia Moderna e Contemporânea  
da UNIOESTE

**- Resumos das Comunicações -**

Toledo – PR  
2019

Arte da capa: Junior Cunha

Revisão: Marta Mello

Promoção e Apoio financeiro do evento:



Apoio financeiro dos Anais:



PAEP 09/2018 processo 643319

Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca Universitária UNIOESTE/Campus de Toledo.  
Bibliotecária: Marilene de Fátima Donadel - CRB – 9/924

Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná (23.: 2018, nov. 19-22: Toledo - PR)

S612a Anais (do) XXIII Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) (recurso eletrônico) /  
Organização de Célia Machado Benvenho, Libanio Cardoso, Nelsi Kistemacher  
Welter, Wilson Antonio Frezzatti Jr. – Toledo : (s. n.), 2019.

World wide web

<http://www.unioeste.br/filosofia/>  
<https://www5.unioeste.br/portalunioeste/pos/ppgfil/sobre/publicacoes/producao-docente>

Evento realizado no período de 19 a 22 de novembro de 2018, na Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Toledo, Pr.

ISSN: 2176-2066

1. 1. Filosofia moderna – Congressos 2. Filosofia contemporânea – Congressos  
I. Benvenho, Célia Machado Org. II. Cardoso, Libanio Org. III Welter, Nelsi  
Kistemacher Org. IV. Frezzatti Jr., Wilson Antonio Org.

CDD 20. ed. 190.63  
106.3

## **Comitê Científico**

Alexandre Guimarães Tadeu de Soares - UFU  
Aylton Barbieri Durão - UFSC  
Carlo Gabriel Pancera - UFMG  
César Augusto Battisti - UNIOESTE  
Clademir Luís Araldi - UFPel  
Claudinei Aparecido de Freitas da Silva - UNIOESTE  
Cristiano Perius - UEM  
Douglas Antonio Bassani - UNIOESTE  
Éder Soares Santos - UEL  
Eneias Junior Forlin - UNICAMP  
Érico Andrade Marques de Oliveira - UFPE  
Ester Maria Dreher Heuser - UNIOESTE  
Jadir Antunes - UNIOESTE  
João Antonio Ferrer Guimarães - UNIOESTE  
José Atílio Pires da Silveira - UNIOESTE  
José Francisco de Assis Dias - UNIOESTE  
Libanio Cardoso - UNIOESTE  
Luciano Carlos Utteich - UNIOESTE  
Luciano Donizetti Silva - UFJF  
Marcelo Fabri - UFSM  
Marciano Adílio Spica - UNICENTRO  
Marcos Rodrigues da Silva - UEL  
Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli - UESC  
Nelsi Kistemacher Welter - UNIOESTE  
Olímpio José Pimenta Neto - UFOP  
Roberto Saraiva Kahlmeyer Mertens - UNIOESTE  
Rosalvo Schütz - UNIOESTE  
Tarcílio Ciotta - UNIOESTE  
Vânia Dutra de Azeredo - UNIRIO  
Wilson Antonio Frezzatti Jr. - UNIOESTE

## SUMÁRIO

Apresentação .....	05
Programação geral .....	06
Programação das conferências .....	10
Programação dos minicursos .....	11
Resumos das comunicações .....	12
Índice dos Resumos por Autor .....	166

## APRESENTAÇÃO

O Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea é um evento anual promovido pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia e pelo Curso de Graduação em Filosofia da UNIOESTE, sendo expressão de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como de integração entre os Cursos de Graduação e Pós-graduação de Filosofia da UNIOESTE e os Departamentos de Filosofia de outras universidades. Esse intercâmbio é bastante intenso, havendo um grande fluxo entre seus membros, o que é demonstrado pela quantidade de recém-graduados e de docentes do curso de Filosofia da UNIOESTE que ingressam em programas de pós-graduação de diversas universidades do país, mas também pelo ingresso de mestrandos e doutorandos em nosso programa, provenientes de outras regiões do país, além da presença, em nosso programa, de pós-doutorandos, inclusive estrangeiros. Docentes de nossos cursos de pós-graduação participam, coordenam e organizam grupos de estudos na UNIOESTE e em outras instituições, e pesquisadores de outras instituições participam em nossos grupos.

O evento, que ocorre desde 1996, está em sua 23ª edição e é sensível sua influência sobre os acadêmicos do Curso e sobre seu interesse na pesquisa e na atividade filosófica. A convivência com outros acadêmicos e docentes tem servido de incentivo em diversos âmbitos. É um evento integrado e vinculado às atividades mantidas pelo Curso. Ele tem como suporte atividades como pesquisas; ciclos de palestras; grupos de pesquisa cadastrados no CNPq e na Fundação Araucária; grupos de estudos; seminários; Grupo PET-Filosofia; e outras atividades afins; e, como tal, é expressão do trabalho e do desempenho de seus docentes, em nível interno e externo. Enquanto um momento de grande atuação e engajamento dos acadêmicos do Curso, no que diz respeito tanto à participação quanto à organização do evento e ao acolhimento de acadêmicos vindos de fora, ele também tem se mostrado um momento formativo ímpar. Nesta edição, tivemos seis Conferências, cinco Minicursos e cento e trinta e cinco Comunicações, além de contar com lançamento de livros e apresentação cultural em sua abertura. O evento, que ocorreu no período de 19 a 22 de novembro de 2018, contou com mais de 350 participantes inscritos e teve um número expressivo de frequência tanto nas conferências quanto nos minicursos e nas apresentações de comunicações.

Estes Anais reúnem os resumos das comunicações que foram apresentadas durante o evento. Os resumos estão organizados em ordem alfabética de autores. Os artigos completos, após avaliação, serão publicados na revista *Diaphonia*, publicada pelo PET-Filosofia da UNIOESTE.

Sem a participação, na organização do Simpósio, dos docentes, dos pós-graduandos, dos graduandos, do Centro Acadêmico de Filosofia e do PET-Filosofia, não teríamos o sucesso alcançado durante os quatro dias do evento. Foi também imprescindível o apoio financeiro da CAPES, da Fundação Fausto Castilho, da Fundação Araucária, da Reitoria da UNIOESTE e da Direção da UNIOESTE/Campus Toledo.

Wilson Antonio Frezzatti Jr.  
Coordenador do XXIII Simpósio de  
Filosofia Moderna e Contemporânea

## PROGRAMAÇÃO GERAL

Local: Unioeste Campus de Toledo – Toledo, PR

### **Segunda-feira: 19/11/2018**

#### NOITE

19:15 – 20:15 Cerimonial de abertura

20:15 – 20:45 Apresentação cultural:

*Schubertiade*: Concerto com músicas de Franz Schubert

Stefano Busellato (Barítono, UNIOESTE)

Lélis Keity Hermes (Piano, Toka Musical)

20:45 – 21:45 Conferência: Unidade das ciências e das técnicas no *Discurso & Ensaio* de Descartes

Prof. Dr. Pablo Mariconda (USP)

21:45 – 22:30 Debate: Moderador - Prof. Dr. César Battisti (UNIOESTE)

### **Terça-feira: 20/11/2018**

#### MANHÃ

MINICURSOS: 08:30 – 11:30

1) A ideia de liberdade em Maquiavel e Hobbes

Ministrante: Prof. Dr. Fabio Raimondi (Università degli Studi di Udine / Itália)

Coordenador: Prof. Dr. José L. Ames (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Ética e Política

2) Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica

Tema: "Fenomenologia, religiosidade, meditação"

Ministrante: Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes (UnB)

Coordenador: Prof. Dr. Libanio Cardoso (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica

3) Linguagem e natureza: transições no idealismo de Fichte e de Schelling

Tema: "A filosofia da mitologia de Schelling como história natural da consciência"

Ministrante: Prof. Dr. Wagner Félix (UEM)

Coordenador: Prof. Dr. Luciano Utteich (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Filosofia, Ciência e Natureza na Alemanha do século XIX

4) O Zaratustra de Nietzsche

Tema: "Sócrates e Zaratustra"

Ministrante: Prof. Dr. Wilson Frezzatti (UNIOESTE)

Coordenador: Prof. Dr. Wilson Frezzatti (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos Nietzsche / Unioeste

5) *Discurso do Método & Ensaios*, de Descartes

Tema: "Questões sobre A dióptrica"

Ministrante: Prof. Dr. Pablo Mariconda (USP)

Coordenador: Prof. Dr. César Battisti (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Filosofia da Ciência, Epistemologia e Filosofia da Linguagem

## TARDE

14:00 – 17:30 Comunicações

## NOITE

19:15 – 20:15 Conferência: Marx e la «storia critica della tecnologia»  
Prof. Dr. Fabio Raimondi (Università degli Studi di Udine / Itália)

20:15 – 20:45 Debate: Moderador - Prof. Dr. José L. Ames (UNIOESTE)

20:45 – 21:00 Coffee Break

21:00 – 22:00 Conferência: Democracia depois da Igualdade?  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Rios Alves Nunes da Costa (UFMS)

22:00 – 22:30 Debate: Moderadora - Profa. Dra. Ester Heuser (UNIOESTE)

## **Quarta-feira: 21/11/2018**

### MANHÃ

MINICURSOS: 08:30 – 11:30

1) A ideia de liberdade em Maquiavel e Hobbes

Ministrante: Prof. Dr. Fabio Raimondi (Università degli Studi di Udine / Itália)

Coordenador: Prof. Dr. José L. Ames (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Ética e Política

2) Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica

Tema: "Sobre a grima: O maléfico, o volitivo e a serenidade nos diálogos (*Feldweg-Gespräche*) de Heidegger"

Ministrante: Prof. Dr. Wagner Félix (UEM)

Coordenador: Prof. Dr. Libanio Cardoso (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica

3) Linguagem e natureza: transições no idealismo de Fichte e de Schelling

Tema: "A Filosofia primeira como uma filosofia da primeira pessoa. Reflexões através do Fichte de Jena - I"

Ministrante: Prof. Dr. Ricardo Barbosa (UERJ)

Coordenador: Prof. Dr. Luciano Utteich (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Filosofia, Ciência e Natureza na Alemanha do século XIX

#### 4) O Zaratustra de Nietzsche

Tema: "O homem cordial: um tipo humano condenado ao cativeiro em *Zaratustra*"

Ministrante: Prof. Dr. Damião Duque de Farias (UFGD)

Coordenador: Prof. Dr. Wilson Frezzatti (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos Nietzsche / Unioeste

#### 5) *Discurso do Método & Ensaio*, de Descartes

Tema: "O papel de *Os meteoros* na ciência cartesiana"

Ministrante: Prof. Dr. Paulo Tadeu da Silva (UFABC)

Coordenador: Prof. Dr. César Battisti (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Filosofia da Ciência, Epistemologia e Filosofia da Linguagem

### TARDE

14:00 – 17:30 Comunicações

### NOITE

19:15 – 20:15 Conferência: Ragion di Stato nel XXI secolo: tra democrazia di emergenza e security governance

Prof. Dr. Alessandro Arienzo (Università degli Studi di Napoli "Federico II" / Itália)

20:15 – 20:45 Debate: Moderador – Prof. Dr. José L. Ames (UNIOESTE)

20:45 – 21:00 Coffee Break

21:00 – 22:00 Conferência: Intencionalidade como conceito problemático na ontologia fundamental de Heidegger

Prof. Dr. Roberto Wu (UFSC)

22:00 – 22:30 Debate: Moderador - Prof. Dr. Roberto Kahlmeyer-Mertens (UNIOESTE)

### **Quinta-feira: 22/11/2018**

### MANHÃ

MINICURSOS: 08:30 – 11:30

#### 1) A ideia de liberdade em Maquiavel e Hobbes

Ministrante: Prof. Dr. Fabio Raimondi (Università degli Studi di Udine / Itália)

Coordenador: Prof. Dr. José L. Ames (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Ética e Política

#### 2) Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica

Tema: "Estratégias retóricas na hermenêutica de Gadamer"

Ministrante: Prof. Dr. Roberto Wu (UFSC)

Coordenador: Prof. Dr. Libanio Cardoso (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica ) Linguagem e natureza:

transições no idealismo de Fichte e de Schelling

Tema: "A Filosofia primeira como uma filosofia da primeira pessoa. Reflexões através do Fichte de Jena - II"

Ministrante: Prof. Dr. Ricardo Barbosa (UERJ)

Coordenador: Prof. Dr. Luciano Utteich (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Filosofia, Ciência e Natureza na Alemanha do século XIX

4) O Zaratustra de Nietzsche

Tema: "Zaratustra, a obra ao mesmo tempo consagrada e renegada"

Ministrante: Profa. Dra. Scarlett Marton (USP)

Coordenador: Prof. Dr. Wilson Frezzatti (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos Nietzsche / Unioeste

5) *Discurso do Método & Ensaio*, de Descartes

Tema: "A *Geometria* como ensaio metodológico: problemas, objeto e verdades"

Ministrante: Prof. Dr. César Battisti (UNIOESTE)

Coordenador: Prof. Dr. César Battisti (UNIOESTE)

Grupo de Pesquisa: Filosofia da Ciência, Epistemologia e Filosofia da Linguagem

## TARDE

14:00 – 17:30 Comunicações

## NOITE

19:30 – 20:30 Conferência: Nietzsche e a literatura francesa: Mulheres que escrevem livros são perigosas  
Profa. Dra. Scarlett Marton (USP)

20:30 – 21:00 Debate: Moderador - Prof. Dr. Wilson Frezzatti (UNIOESTE)

Encerramento: Wilson Frezzatti

23:00 Festa de confraternização

## PROGRAMAÇÃO DAS CONFERÊNCIAS

### **19/11/2018 (Seg)**

20h45: Unidade das ciências e das técnicas no *Discurso & Ensaios* de Descartes  
Prof. Dr. Pablo Mariconda (USP)

### **20/11/2018 (Ter)**

19h15: Marx e la «storia critica della tecnologia»  
Prof. Dr. Fabio Raimondi (Università degli Studi di Udine / Itália)

21h00: Democracia depois da Igualdade?  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Rios Alves Nunes da Costa (UFMS)

### **21/11/2018 (Qua)**

19h15: Ragion di Stato nel XXI secolo: tra democrazia di emergenza e security governance  
Prof. Dr. Alessandro Arienzo (Università degli Studi di Napoli "Federico II" / Itália)

21h00: Intencionalidade como conceito problemático na ontologia fundamental  
de Heidegger  
Prof. Dr. Roberto Wu (UFSC)

### **22/11/2018 (Qui)**

19h30: Nietzsche e a literatura francesa: Mulheres que escrevem livros são perigosas  
Profa. Dra. Scarlett Marton (USP)

## PROGRAMAÇÃO DOS MINICURSOS

**20 a 22/11/2018 08h30 – 11h30**

1) A ideia de liberdade em Maquiavel e Hobbes  
Coordenador: Prof. Dr. José L. Ames (UNIOESTE)  
Grupo de Pesquisa: Ética e Política

Ministrante: Prof. Dr. Fabio Raimondi (Università degli Studi di Udine / Itália)

2) Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica  
Coordenador: Prof. Dr. Libanio Cardoso (UNIOESTE)  
Grupo de Pesquisa: Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica

20/11: "Fenomenologia, religiosidade, meditação" – Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes (UnB)  
21/11: "Sobre a grima: O maléfico, o volitivo e a serenidade nos diálogos (*Feldweg-Gespräche*) de Heidegger" – Prof. Dr. Wagner Félix (UEM)  
22/11: "Estratégias retóricas na hermenêutica de Gadamer" - Prof. Dr. Roberto Wu (UFSC)

3) Linguagem e natureza: transições no idealismo de Fichte e de Schelling  
Coordenador: Prof. Dr. Luciano Utteich (UNIOESTE)  
Grupo de Pesquisa: Filosofia, Ciência e Natureza na Alemanha do século XIX

20/11: "A filosofia da mitologia de Schelling como história natural da consciência" – Prof. Dr. Wagner Félix (UEM)  
21/11: "A Filosofia primeira como uma filosofia da primeira pessoa. Reflexões através do Fichte de Jena - I" - Prof. Dr. Ricardo Barbosa (UERJ)  
22/11: "A Filosofia primeira como uma filosofia da primeira pessoa. Reflexões através do Fichte de Jena - II" - Prof. Dr. Ricardo Barbosa (UERJ)

4) O Zaratustra de Nietzsche  
Coordenador: Prof. Dr. Wilson Frezzatti (UNIOESTE)  
Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos Nietzsche / Unioeste

20/11: "Sócrates e Zaratustra" - Prof. Dr. Wilson Frezzatti (UNIOESTE)  
21/11: "O homem cordial: um tipo humano condenado ao cativo em *Zaratustra*" - Prof. Dr. Damião Duque de Farias (UFGD)  
22/11: "Zaratustra, a obra ao mesmo tempo consagrada e renegada" - Profa. Dra. Scarlett Marton (USP)

5) *Discurso do Método & Ensaio*, de Descartes  
Coordenador: Prof. Dr. César Battisti (UNIOESTE)  
Grupo de Pesquisa: Filosofia da Ciência, Epistemologia e Filosofia da Linguagem

20/11: "Questões sobre *A dióptrica*" – Prof. Dr. Pablo Mariconda (USP)  
21/11: "O papel de *Os meteoros* na ciência cartesiana" – Prof. Dr. Paulo Tadeu da Silva (UFABC)  
21/11: "A *Geometria* como ensaio metodológico: problemas, objeto e verdades" - Prof. Dr. César Battisti (UNIOESTE)

## **RESUMO DAS COMUNICAÇÕES**

## BERGSON E A EXPERIÊNCIA DO VITAL

Adeilson Lobato Vilhena  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
advilhena@yahoo.com.br

Dentre os elementos que norteiam a vasta obra bergsoniana, se faz saber que a noção de experiência assume uma importância capital, sobretudo porque vem proporcionar uma abertura para se pensar o sentido de vivência daquilo que é significativo no âmbito do pensamento filosófico. Trata-se de se pôr, pelo esforço de consciência, isto é, pela intuição, em contato direto com a realidade a ser conhecida. Como realidade da qual se pode obter uma experiência originária por excelência, Bergson nos indica a vida em sua concretude. Nisso, sua filosofia possui como base a noção de experiência no que configura a reabilitação de uma filosofia que se aproxima da vida, ao invés de se distanciar dela. Em face do desenvolvimento cientificista que tomava cada vez mais fôlego no contexto em que viveu o autor francês, a saber, final do século XIX e início do século XX, Bergson mostra sua preocupação em relação às posições científicas, e mesmo filosóficas, enquanto simpatizantes do discurso que corrobora a objetivação da natureza das coisas e que ameaça, constantemente, a vida enquanto força criadora e pulsante. Portanto, é alertando para o risco de se tratar a vida como um mero produto da evolução, composta de fragmentos do já evoluído é que Bergson direciona suas críticas ao biologicismo e, principalmente, ao “falso evolucionismo”, como se refere à teoria da evolução de Spencer. No ver do parisiense, a filosofia não deve negligenciar o dinamismo intrínseco à vida, mas, sim, se lançar no próprio percurso do vital, e, ter dele a experiência originária por excelência. Para tanto, é necessário contornar o *modus operandi* que se ocupa de fragmentar a vida por vias intelectuais, para, assim, encontrar na intuição filosófica o recurso necessário que dá acesso à experiência do vital. Bergson propõe pelo método intuitivo a integração do homem na totalidade cósmica; questiona, portanto, a postura metodológica das ciências empíricas e suas fontes de inspiração de base platônica, que tem ignorado o estado de imanência das coisas, tratando simplesmente por abstrações o que é estático. Sendo assim, a filosofia de Bergson parece fornecer novos ares em um contexto em que a vida mostra-se cada vez mais degradada e negligenciada por paradigmas galgados em uma racionalidade que substitui o vital por uma imitação dele. Um retorno ao originário aqui parece ser uma urgência que deveria ser privilegiada em todas as áreas do saber humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bergson; Experiência; Vida.

### REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **O pensamento e o movente: ensaios e conferências**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

## AGOSTINHO E PLOTINO

Ademir Menin  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
ademirmenin@gmail.com

O presente estudo tem como objetivo evidenciar a relação intercorrente entre a filosofia de Agostinho, considerado o último dos antigos e o primeiro dos medievais, e o pensamento de Plotino, filósofo de fundamental importância para o pensamento neoplatônico. Há certa resistência no estudo desses autores, considerados, em alguns meios, de pouca importância para a História da Filosofia. No entanto, dispomos de claros indícios de que foram e continuam sendo marcos indispensáveis, haja vista sua influência sobre autores tais como Descartes, Pascal, Husserl, Bergson, Heidegger, dentre outros. Agostinho foi um filósofo importante para a consolidação da filosofia cristã. Nota-se claramente o pensamento neoplatônico na fundamentação de sua argumentação filosófica. A busca pela sabedoria e, conseqüentemente, pela felicidade, empreendida por Agostinho, embora apoiada na doutrina cristã, repousa também sobre a filosofia grega, e de modo especial sobre a neoplatônica. Era comum entre os gregos associar a sabedoria à felicidade e, portanto, à virtude. Em se tratando da filosofia cristã, esse modelo também foi adotado e levado avante. Em suma, o movimento histórico perceptível em todos os âmbitos do conhecimento, segundo o qual a Humanidade se desenvolve sedimentando extrato sobre extrato ao longo dos séculos, dá-se também aqui: o pensamento de Plotino, que não era cristão, faz-se perceber em Agostinho, o qual é cristão e fundamenta o pensamento cristão incorporando o pensamento platônico e neoplatônico. Plotino e Agostinho formam assim elos imprescindíveis na corrente do pensamento filosófico. O vínculo entre ambos será apresentado mediante interpretação e conexão de trechos das *Confissões*, de Agostinho e das *Eneadas*, de Plotino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agostinho de Hipona; Plotino; Sabedoria; Felicidade; Neoplatonismo.

### REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2015.
- BROWN, Peter. **Santo Agostinho: uma biografia**. Tradução Vera Ribeiro. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2017.
- GILSON, Étienne. **Introduzione allo studio di Sant'Agostino**. Trad. Vincenzo Venanzi. Genova: Casa Editrice Marietti, 2014.
- PLOTINO. *Enneadi*. **A cura di Giuseppe Faggin**. 5ª edizione. Firenze: Bompiani, 2014.
- TRAPÈ, Agostino. **Agostinho: o homem, o pastor, o místico**. Tradução Francisco Evaristo Marcos e Marcos Roberto Nunes Costa. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

## O LUGAR DO DIREITO NA “METAFÍSICA DOS COSTUMES” DE KANT

Adriana Aparecida da Silva Bissani  
FAG – Faculdade Assis Gurgacz - Toledo  
adrianasilvabissani@gmail.com

Convém delinear o que seria a “Metafísica dos Costumes” para Kant como uma forma de conhecimento racional puro. Os costumes seriam as leis que disciplinam a ação do homem enquanto ser livre, adequando suas ações à legislação moral. A respeito dos “objetos sensorialmente externos” é necessário estabelecer um sistema de princípios, que se refere como ciência metafísica dos costumes, uma ciência natural aplicada às experiências de cada pessoa. Kant afirma que é possível admitir esses princípios naturais baseados na experiência, toma como exemplo o princípio da igualdade da ação e reação na influência dos corpos, que é a evidência da experiência de Isaac Newton. Os químicos, a partir da separação das substâncias, baseiam leis universais nestas. Com confiança de não temer possíveis erros que poderiam ser detectados nos seus experimentos. Quando Kant diz respeito às leis morais isso é diferente. Os conceitos e juízos morais que atuam sobre cada ser humano, enquanto ações ou omissões, não se classificam com nenhum significado moral. Para os seres humanos, a vivência irá convencionar o que nos trará alegria; impulsos naturais como a necessidade de alimentação, sexo, repouso, movimento e honra serão capazes de nos fazer perceber, de modo particular, onde encontraremos essas alegrias e tão somente pela experiência poderemos saber como encontrá-las. Diversamente, sobre os preceitos da moralidade que nos serão ordenados pela razão, que dispõem como os homens devem agir, não há nenhum exemplo para seguirmos. Sequer leva em consideração as vantagens que poderíamos ter, pois seremos capazes de obter por conta da experiência. Dessa forma, a “Metafísica dos Costumes” é o estudo dos princípios racionais, constituindo uma filosofia racional da prática. O autor Flamarion Tavares Leite (2015), em seu livro 10 lições sobre Kant, expõe diversos pontos discutidos por Kant: um desses conceitos é tratado na sexta lição, “Moral e direito”, onde expõe uma explicação sobre metafísica dos costumes. Sendo a “metafísica” o conhecimento a priori ou de entendimento puro da razão pura, e, “costumes”, as regras de conduta. Para Kant, a legalidade é a simples conformidade, ou não, de uma ação com a lei, sem tomar a consideração dos seus motivos, mas que a ideia derivada da lei é ao mesmo tempo o móbil da ação, portanto a moralidade. Para ele, o dever não se define pelo conteúdo, mas pela sua forma. Kant entende os costumes como regras de conduta ou leis que disciplinam a ação do homem como ser livre, posto que pertencente ao mundo inteligível, adequadas suas ações à legislação moral. Ressalta um elemento que distingue a moral e o Direito, a coação, sendo que os elementos que constituem o conceito de Direito são a relação exterior entre as pessoas, o caráter racional e o formalismo no que se refere à relação dos arbítrios. Diante do exposto, a pesquisa que apresentamos trata de traços iniciais para pensar o lugar do Direito dentro da obra “Metafísica dos Costumes”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direito; Moral; Metafísica; Costumes.

### REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. **A metafísica dos costumes**. Tradução, textos adicionais e notas: Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2003. (Série Clássicos Edipro)  
LEITE, Flamarion Tavares. **10 lições sobre Kant**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (Coleção 10 Lições)

## UMA ANÁLISE KANTIANA DA DIGNIDADE HUMANA

Alessandra Amado Elias Sonda  
UNIVEL – Centro Universitário de Cascavel  
alesonda@hotmail.com

Kátia Salomão  
UNESP – Universidade Estadual Paulista  
salomao@univel.br

O objetivo do presente trabalho é analisar, a partir da ótica Kantiana da dignidade humana, a possibilidade de realizar conjecturas reflexivas e críticas sobre as sentenças que foram julgadas improcedentes em relação aos direitos fundamentais dos aprisionados. Ou seja, compreender teoricamente a *jus* filosofia de Kant tangível ao conceito de dignidade humana, na qual o mesmo passa a abordar uma ideia de um ser moral dentro de um sistema imperativo categórico, que é uma forma *a priori*, pura e independente do sujeito que tem autonomia e liberdade para agir e, no entanto, restrito de algumas ações que são consideradas ilícitas pelo Estado, que, por sua vez, irá punir o indivíduo que vier a praticar alguma conduta negativa. Todavia, esse motivo não dá ao Estado o direito de tirar do infrator direitos essenciais que estão previstos no artigo 5º da Constituição Federal, destacando ainda as más condições que os aprisionados são colocados nas instituições carcerárias e o completo descaso dos entes do Poder Público em relação às observações sobre os direitos dos detentos inclusos na Lei de Execuções Penais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dignidade Humana; Autonomia; Condições carcerárias; Sentenças improcedentes.

### REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria L. de A.; MARTINS, Marta. H. P. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2001.
- BONJOUR, Laurence; Baker ANN. **Filosofia – Textos Fundamentais Comentados**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BOSCHETTI, Mauro Luis; LOPES, Mônica Tais Medeiros. **Dignidade do Presidiário, Direitos Humanos e o Sistema Prisional**. Disponível em: <<http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=2830&idAreaSel=16&seeArt=yes>>. Acesso em: 09 out. 2016.
- BRAGA, Stanley da Silva. **TJ-SC - Apelação Cível: AC 20140694941 SC 2014.069494-1 (Acórdão)**. Disponível em: <[http://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/busca?q=NECESSIDADE+DE+CONTINUIDADE+DO+TRATAMENTO+M%C3%89DICO+DOMICILIAR+\(HOME+CARE\)>](http://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/busca?q=NECESSIDADE+DE+CONTINUIDADE+DO+TRATAMENTO+M%C3%89DICO+DOMICILIAR+(HOME+CARE)>)>
- GIL, Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas Editora, 2010.
- JACINTHO, Jussara Maria Moreno. **Dignidade humana – Princípios Constitucionais**. Curitiba: Juruá. 2006.
- JUNQUEIRA, Ivan de Carvalho. **Dos direitos humanos do preso**. São Paulo: Lemos e Cruz, 2005.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Crítica da razão pura**. São Paulo: M. Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes e Outros Escritos**. Tradução Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Doutrina do Direito**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Ícone, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O Fondazione de/ia Metafísica dei Costumi**. Tradução Pietro Chiodi. Roma: Laterza, 1980.

LAKATOS, Eva. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Francisco Arnaldo Rodrigues de. O princípio da dignidade da pessoa humana nas constituições do Brasil. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XV, n.97, fev. 2012. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=11138](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11138)>.

MIRABETE, Julio Fabbrini. **Execução penal: comentários à Lei nº 7.210, de 11-7-84. 9.** São Paulo: Atlas, 2000.

MOTTA, Artur Francisco Mori Rodrigues. A dignidade da pessoa humana e sua definição. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XVI, n. 119, dez. 2013. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=14054](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14054)>.

PEREIRA, Ângela Miranda. Os direitos do preso à luz do princípio da dignidade da pessoa humana. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XVI, n. 116, set. 2013. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=13682](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13682)>.

PIMENTEL, Ademir Paulo. **TJ-RJ - AGRADO DE INSTRUMENTO : AI 00360980420088190000 RIO DE JANEIRO CAPITAL**. Disponível em: <<http://tj-rj.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/395812583/agravo-de-instrumento-ai-360980420088190000-rio-de-janeiro-capital-45-vara-civel/inteiro-teor-395812591>>.

REALE, Miguel. **Filosofia do Direito**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **Lições preliminares do direito**. 24. Ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

SANDEL, Michael. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. Tradução Heloisa Matias e Maria Alice Máximo. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2012.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Dimensões da Dignidade**. Porto Alegre: Livraria do Advogado. 2009.

\_\_\_\_\_. **A eficácia dos Direitos Fundamentais – Uma teoria geral dos Direitos Fundamentais na perspectiva Constitucional**. Porto Alegre: Livraria do Advogado. 2009.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Constituição, Direitos Fundamentais e Direito Privado**. Porto Alegre: Livraria do Advogado. 2006.

## MAQUIAVEL: PODER E RELIGIÃO

Allan Gabriel Cardoso dos Santos  
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
atmop3@gmail.com

Na obra política de Maquiavel, o poder aparece sempre associado à capacidade de produzir ordenações e, conseqüentemente, comportamentos coletivos, isto é, tem poder aquele que tem “autoridade” (*autorità*). O secretário florentino, através da descrição do processo de construção da autoridade pelo aumento da reputação (*O Príncipe*, IX, 3), parece delinear uma certa forma de poder que se funda sobre a opinião pública a respeito dos indivíduos e não sobre as leis e ordenações políticas. O reconhecimento da autoridade – a reputação – pode ser interpretado, então, como uma espécie de poder não-jurídico, construído sobre a opinião que os indivíduos têm das ações uns dos outros. A partir da incorporação da aparência de religiosidade à ordem política, o governante passa a usar da aparência de sacralidade para assegurar a adesão popular às ações extraordinárias (*Discorsi*, I, 11), que podem ser entendidas como aquelas que não teriam adesão popular pelo simples discurso racional ou sem o recurso à aparência de comunicação com o divino. Isto é, como a lei se apresenta sob a aparência de mandamento divino, o povo tem maior receio em desrespeitá-la, pois, segundo o florentino, no povo muitas vezes o temor de Deus é maior do que o temor às leis: ao associar a religião ao “temor de Deus”, Maquiavel pensava nela como uma espécie de mecanismo de controle não-jurídico, que molda os comportamentos pelo poder coercitivo do medo da punição divina. Isso nos permite interpretar que, para o pensador, aparentar sacralidade é uma das formas mais seguras de se angariar reputação e, conseqüentemente, obter autoridade para fins políticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maquiavel; Poder; Autoridade; Reputação; Religião.

### REFERÊNCIAS

- AMES, J. L. Maquiavel e a Educação: a Formação do Bom Cidadão. **TRANS/FORM/AÇÃO**, Marília, v. 31, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/986>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- \_\_\_\_\_. Religião e Política no pensamento de Maquiavel. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 47, n. 113, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v47n113/31141.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- DRI, R. La religión en la concepción política de Maquiavelo. In: VARNAGY, Tomás (Org.). **Fortuna y Virtud en la República Democrática. Ensayos sobre Maquiavelo**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/maquiavelo/dri.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- LEFORT, C. **Machiavelli in the Making**. Tradução Michael B. Smith. Evanston: Northwestern University Press, 2012.
- MACHIAVELLI, N. **Il Principe: a cura de Giorgio Inglese**. Torino: Einaudi, 1995.
- MAQUIAVEL, N. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. Tradução MF. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O Príncipe**. Tradução Diogo Pires Aurélio. São Paulo, Editora 34, 2017.
- TARCOV, N. Machiavelli's Critique of Religion. **Social Research**, v. 81, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://political-science.uchicago.edu/faculty-articles/Tarcov---Machiavellis%20Critique%20of%20Religion.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

## POR UM DEVIR-CRIANÇA EM TEMPOS SOMBRIOS E AS LINHAS DE FUGA EM DELEUZE E GUATTARI

Ana Carolina Noffke  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
carolinanoffke@hotmail.com

Este trabalho tem como intuito explorar alguns agenciamentos feitos por Deleuze e Guattari acerca da criança e do conceito de devir-criança, a fim de verificar em que medida tais agenciamentos podem desprender linhas de fuga criativas para a filosofia em tempos sombrios nos quais o fundamentalismo religioso, a moral e a família surgem como pano de fundo de um Brasil amedrontado, violento e perdido. Desse modo, alguns fragmentos colhidos a partir da obra *O Anti-Édipo* e *Mil Platôs* nos permitirão desenhar uma certa perspectiva política anunciada por um devir-criança, e que agencia a criança no sentido de fazer ver que há uma produção intensiva da vida que, no entanto, é obstruída, entre outras coisas, por microfascismos. O fascismo molecular injeta transcendências e organiza os corpos em uma linha de destruição, tentando a todo custo, submeter a potência intensiva da vida, sua multiplicidade, aos mecanismos de estratificação do humano, a saber, a significância, a sujeição e o organismo. Mesmo que o devir-criança não seja, necessariamente, o devir da criança, ainda assim a criança parece ser agenciada na Filosofia da Diferença, de modo a potencializar o paradoxo da coexistência entre uma vida ordinária e estratificada, e uma vida potente e intensa. Resta-nos buscar por agenciamentos que desobstruam a criação e a produção de uma vida intensa, ficando à espreita de encontros que nos possibilitem formular noções comuns que aumentem nossa potência de agir, que fortifiquem a criação filosófica de nosso tempo e que nos permitam produzir novos modos de existência revolucionários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criança; Devir-criança; Micro-fascismos; Linha de Fuga.

### REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 – vol. 2**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011b.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 – vol. 3**. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 – vol. 4**. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. Imanência: uma vida. Tradução Sandro Kobol Fornazari. **Revista Limiar**, vol. 2, n.4, 2016. Disponível em: [http://www2.unifesp.br/revistas/limiar/pdf-nr4/10\\_Gilles-Deleuze\\_Imanencia-uma-vida\\_trad-Sandro-Fornazari\\_Limiar\\_vol-2\\_nr-4\\_2sem-2015.pdf](http://www2.unifesp.br/revistas/limiar/pdf-nr4/10_Gilles-Deleuze_Imanencia-uma-vida_trad-Sandro-Fornazari_Limiar_vol-2_nr-4_2sem-2015.pdf). Última visualização: 28/10/2018.
- KAFKA, Franz. **Um artista da fome & A Construção**. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## O CONCEITO DE VIDA EM HANNAH ARENDT

Ana Claudia Barbosa Nunes  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
anabarbosa\_ab@hotmail.com

Em sua tese de doutorado “*O conceito de amor em Santo Agostinho*”, escrita em 1929, a filósofa Hannah Arendt trabalha o conceito de vida. Para ela, os seres humanos, criaturas criadas para viver no mundo das aparências até sua morte, possuem uma estrutura, a estrutura do devir. A criatura vive, enfrentando cada desafio diário, na busca da vida feliz; independente para quem se pergunta, todos responderiam que almejam serem felizes, pretendem ter uma vida feliz, trata-se de uma busca incessante até a morte, cada um à sua maneira: “A vida feliz (*beata vita*) é a verdadeira vida compreendida de maneira diferente por cada um” (ARENDT,1929, p.19). Assim, a vida adentra o mundo das aparências (mundo real) no nascimento e tem seu fim na morte, vivemos caminhando para a morte, durante essa vivência fazemos várias atividades, seja estudando, trabalhando, formando relações familiares e amizades, sempre em busca da felicidade; o sentido da vida é a felicidade, por sermos criaturas mortais nossa vida possui o fim que é a morte. De acordo com isso, podemos pensar: a morte não é uma parte da vida? A morte não seria apenas o fim da vida feliz no ambiente terrestre? Respondemos que a morte é a fase em que a vida deixa de pertencer ao mundo, a vida chega a seu fim mundano, nisso a vida vai para seu ser no ser, ser é o todo, portanto, eterno. A vida aparece no mundo através do ainda-não, ainda não estava presente seu ser no mundo, ao tornar-se presente no mundo desenrola-se, nesse desenrolar-se no mundo que a vida está em tornar o não-ser no ser, sendo a criatura mundana, participante desse mundo, sendo do mundo. O que Arendt pensa sobre o que é o ser? Essa resposta ela descreve como: “O ser é, portanto, o todo [...]” (ARENDT,1929, p.77); o ser é o universo, o mundo com tudo o que vive ou está presente nele, estando antes da criatura e permanecendo depois da morte de cada indivíduo; a criatura sendo o mundo, sendo parte do mundo, temos que a vida feliz deve regredir, buscar em sua memória o seu ser, pois, na memória, através da reminiscência o ente entra em contato com o ser, a vida procura relembrar o que é o ser, pois o ente é uma parte do ser, pois tudo o que está no mundo é ser. A criatura sendo um ente que existe no mundo, tendo como estrutura do modo do ser o devir, tendo possibilidades para mudança, mudar a si e ao mundo, pois também é o mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arendt; Vida; Morte.

### REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. Lisboa. Instituto Piaget, 1929.

## UMA REFLEXÃO SOBRE RELAÇÕES GRUPAIS A PARTIR DA OBRA PSICANALÍTICA DE FREUD

Andressa Aline Bertolla  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
dessaaline2@gmail.com

Márcia Caroline Szmid  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
carolszmid@hotmail.com

Michaella Carla Laurindo  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
michaella.laurindo@pucpr.br

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca das relações que se estabelecem entre as massas e grupos no processo civilizatório, enfocando na formação e funcionamento dos fenômenos grupais. De acordo com Freud ([1930] 2006d), para que seja possível viver em civilização de maneira favorável, os sujeitos não podem satisfazer suas pulsões, mas, ao contrário, tendem a reprimi-las ou encontrar destinos que sejam aceitos socialmente. A presente discussão embasa-se na obra psicanalítica de Sigmund Freud, em especial os textos “Psicologia de grupo e a análise do ego” ([1921] 2006c), “O mal-estar na civilização” ([1930] 2006d), entre outros. Freud ([1930] 2006d) revela que o homem é um ser essencialmente agressivo, em herança aos seus antepassados, havendo uma grande inclinação a descarregar a agressividade em direção ao outro e causar-lhe sofrimento. Em “Psicologia de grupo e a análise do ego”, o mesmo autor ([1921] 2006c) mostra como os indivíduos agem em massa de maneira distinta de como agiriam se estivessem sozinhos, porque, estando em grupos, as forças e impulsos inconscientes prevalecem sobre a personalidade consciente; os sujeitos perdem o senso de responsabilidade e criticidade. Para a psicanálise, um grupo surge por meio de uma relação simbólica entre seus integrantes, que tentam, de forma imaginária, tamponar a castração por meio de um modelo. Esta pesquisa leva-nos ao questionamento de como viver em sociedade relacionamentos interpessoais harmoniosos, quando isto exige de seus membros tantas renúncias pulsionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Massas; Fenômeno Grupal; Civilização; Satisfação Pulsional; Psicanálise.

### REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. [1914]. À guisa de Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.
- \_\_\_\_\_. [1920]. Totem e Tabu. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. Volume XIII.
- \_\_\_\_\_. [1921]. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. Volume XVIII.
- \_\_\_\_\_. [1930]. O Mal-Estar na Civilização. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006d. Volume XXI.
- \_\_\_\_\_. [1933]. Por Que a Guerra?. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006e. Volume XXII.

# ÉTICA NA PERSPECTIVA KANTIANA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA ÉTICA E DA DIGNIDADE APLICADA AOS PROFISSIONAIS DE DIREITO

Ane Natacha Meneguetti  
UNIVEL – Centro Universitário de Cascavel  
ane.Direito@hotmail.com

Katia Salomão  
UNIVEL – Centro Universitário de Cascavel  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
salomao@univel.br

O presente artigo buscou nos pressupostos da ética Kantiana o ponto de partida para elaborar uma análise crítica da ética na formação dos profissionais de Direito, além de abordar a questão ética no exercício da profissão. Nesse sentido, a problemática que envolveu a discussão aqui apresentada foi se, à luz da ética Kantiana, poder-se-iam conjecturar questionamentos dialéticos e reflexivos sobre a ética na formação jurídica e no exercício da profissão. Por isso, o método que seguiu-se foi: primeiro tratou-se da Concepção da ética em Kant, tendo em vista aclaradas as relações entre o imperativo categórico e o direito, no sentido de produzir um conjunto de entendimentos sobre a ética desse autor. O segundo passo foi entender o papel do imperativo categórico como ponto de partida para compreender as relações éticas de Kant. Em um terceiro momento, traçou-se o papel entre a liberdade e a dignidade, que também pertencem à esfera das relações éticas em Kant. Por fim, no terceiro ponto do trabalho, foi tratado da questão Kantiana ao direito. Após isso, enfocou-se o Código de Ética dos Advogados, realizando uma análise do mesmo através da ética em Kant. Em suma, a partir das reflexões apresentadas, chegou-se a tal ponto de compreensão em relação à importância do ensino da ética acadêmica na graduação em Direito, mas não de modo isolado, pois a mesma deveria estar dissolvida dentro das matérias ao longo dos cinco anos de ensino jurídico, cabendo ser abordada de uma forma séria, vinculada à ótica do dever kantiano. Portanto, exige-se desses acadêmicos e profissionais que, a cada decisão, a cada sim, a cada não, reflita antes sobre os valores que estão em jogo, de um modo que jamais atente contra a dignidade da justiça, nem abra mão da sua própria dignidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imperativo Categórico; Ética; Direito.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Maria Goretti dos Santos. **Ética e Currículo na Educação Jurídica**. 2008. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/87\\_421.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/87_421.pdf)>. Acesso em: 01 ago. 2017.
- AMARAL, Ana Clara do. **Ética profissional do advogado**. 2006. Disponível em: <<http://www.zemoleza.com.br/trabalho-academico/humanas/direito/etica-profissional-do-advogado/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 12 ago 2017.
- BRASIL, Deilton Ribeiro. **A ética filosófica de Immanuel Kant e sua influência na atividade profissional do advogado**. 1999. Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/25696-25698-1-PB.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- BERNARDES, Marcelo di Rezende. **Os princípios éticos e a sua aplicação no direito**. 2017. Disponível em: <[http://www.lex.com.br/doutrina\\_23813027\\_OS\\_PRINCIPIOS\\_ETICOS\\_E\\_SU](http://www.lex.com.br/doutrina_23813027_OS_PRINCIPIOS_ETICOS_E_SU)>. Acesso em: 01 ago. 2017.

BITTAR, Eduardo. Ética profissional. In: **Curso de ética jurídica: ética geral e profissional**. 10. Ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

BONJOUR, Laurence, BAKER, Ann. **Filosofia - Textos Fundamentais Comentados**. 2. ed. Porto Alegre: ARTED. 2010.

COELHO, Marcus Vinicius Furtado. **As principais inovações do novo Código de Ética da OAB**. 2016. Disponível em: <<http://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI243046,61044-As+principais+inovacoes+do+novo+Codigo+de+Etica+da+OAB>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

COMPARATO, F. K. **Ética: direito, moral no mundo moderno**. 3. ed. ver. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DANTAS, Fabíola. **Ética: Indispensável aos Operadores do Direito**. 2004. Disponível em: <<http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1813/Etica-indispensavel-aos-operadores-do-Direito>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

DEL VECCHIO, Giorgio. **Lições de filosofia do direito**. Trad. António José Brandão. 5. ed. Coimbra: Arménio Amado Ed., 1979.

DIAS, Edicarlo da Silva. **Ética e Moral: é o que se presume de todos os profissionais da advocacia**. 2016. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,etica-e-moral-e-o-que-se-presume-de-todos-os-profissionais-da-advocacia,56118.html>>. Acesso em: 01 out. 2017.

NADER, Paulo. **Filosofia do direito**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad. Paulo Quintanela. Lisboa: Edições 70, 2007.

\_\_\_\_\_. Autonomia moral. In. MAFFETONE, Sebastiano; VECA, Salvatore. (Org.). **A idéia de justiça de Platão a Rawls**. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEAL, Saul Tourinho. **O advogado e a ética**. 2009. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/12926/o-advogado-e-a-etica/2>>. Acesso em: 05 agosto de 2017.

MARTINS, Alda. **Imperativo Categórico**. 2012. Disponível em: <<http://sofos.wikidot.com/imperativo-categorico>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

MARTINELLI, Neiva da Silva. **A moral do dever em Kant**. Disponível em: <<http://meuartigo.br/brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-moral-dever-kant.htm>> Acesso em: 01 ago. 2017.

MACKEVICZ, Osmar. **Ética e liberdade no pensamento de Kant**. 2010. Disponível em: <[http://www.consciencia.org/etica-e-liberdade-no-pensamento-de-kant#\\_ftn1](http://www.consciencia.org/etica-e-liberdade-no-pensamento-de-kant#_ftn1)>. Acesso em: 01 ago. 2017.

MIGALHAS. **Novo código de ética da OAB entra em vigor**. 2016. Disponível em: <<http://www.migalhas.com.br/Quentes/17,MI245008,21048-Novo+Codigo+de+Etica+da+OAB+entra+em+vigor>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

MOREIRA, Gustavo Luiz. **A maioria racional, ou quebrando as amarras da tirania**. (2017). Disponível em: <<http://gustavoprof.blogspot.com.br/2015/07/a-maioridade-racional-ou-quebrando-as.html>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

NASCIMENTO, Rosemberg. **A compreensão de liberdade na perspectiva Kantiana: princípio supremo da moralidade**. 2012. Disponível em: <<http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=2273>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

NUNES, Edson de Oliveira. **Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior: Resolução CNE/CES N°9, de 29 de setembro de 2004**. 2004. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces09\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces09_04.pdf)> Acesso em: 21 abr. 2017.

OLIVEIRA, Daniela Rezende de. **Considerações acerca da Moral Kantiana e suas implicações no direito**. 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/SONY/Downloads/265-525-1-SM.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

PAMPLONA, Gustavo Silva. **Moral, Ética e Direito em Kant**. 2009. Disponível em: <<http://gpamplona.blogspot.com.br/2009/01/moral-etica-e-direito-em-kant.html>> Acesso em: 01 ago. 2017.

PEDROTTI, Henrique. **O Conceito de "Esclarecimento" Segundo Kant**. 2016. Disponível em: <[http://www.institutosapientia.com.br/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1165:o-conceito-de-esclarecimento-segundo-kant-&Itemid=110#\\_ftn1](http://www.institutosapientia.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1165:o-conceito-de-esclarecimento-segundo-kant-&Itemid=110#_ftn1)>. Acesso em: 19 ago. 2017.

QUINTELA, Paulo. **Immanuel Kant Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. 70. Ed. rev. e ampl. Lisboa: Casagraf, 2007.

REALE, Miguel. **Filosofia do direito**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

\_\_\_\_\_. **Lições preliminares do direito**. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

RIBEIRO, Bruno Quinquinato. **A dignidade da pessoa humana em Immanuel Kant**. (2012). Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/dignidade-da-pessoa-humana-em-immanuel-kant>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

SANDEL, Michael J. **Justiça: O que é fazer a Coisa Certa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. **Immanuel Kant: O Supremo Princípio da Moralidade**. Cambridge (EUA), Harvard University, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ZYDQZoFyUuU>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

SALOMÃO, Katia Rocha; SVOLINSKI, Waldomiro Salles Jr. Kant os fundamentos da dignidade da pessoa humana como condição para uma hermenêutica do dever. **E-Civitas**, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/dcjpg/article/viewFile/1422/856>>. Acesso em: 25 maio. 2017.

SERRA, A. Truyol. **História da filosofia do direito e do estado**. Trad. Henrique Barrilaro Ruas. 3. ed. Lisboa: Instituto de Novas Profissões, 1990. v. 2; Madrid: Alianza Editorial, 1988.

SILVA, Camille Barosso. **A ética nas profissões jurídicas**. (2016). Disponível em: <<https://camillebarroso.jusbrasil.com.br/artigos/322813724/a-etica-nas-profissoes-juridicas>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

## **INTUIÇÃO INTELECTUAL DE SI: BREVE ANÁLISE DA CRÍTICA DE SCHELLING AO DOGMATISMO DE ESPINOSA E DA APROXIMAÇÃO ENTRE DOGMATISMO E CRITICISMO**

Angeliana Patrícia de Souza  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
angeliana2@gmail.com

O presente artigo tem o intuito de analisar a crítica de Schelling às escolas do dogmatismo e criticismo sobre a possibilidade do ser humano alcançar o conhecimento de si. Para Spinoza, pela imanência com a substância o homem pode conhecer verdadeiramente; contudo, Schelling define essa intuição intelectual de si (do homem) como tendo sido objetivada inadvertidamente, já que desse modo o homem coloca-se a pensar considerado inicialmente como objeto. O autor também pondera a interpretação à crítica kantiana, já que ela possibilitou a existência de todos os sistemas, assim como Kant expôs, entretanto, sem fundar com isso um novo sistema. Nesse sentido, o criticismo, se se funda como sistema e traz para alvo último do filosofar o incondicionado como praticamente alcançável, se iguala ao dogmatismo, já que ambos os sistemas se identificam na busca do absoluto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criticismo; Dogmatismo; intuição intelectual; conhecimento de si.

### **REFERÊNCIAS**

- BARBOSA, J. **Infinitude subjetiva e estética: natureza e arte em Schelling e Schopenhauer**. São Paulo: Unesp, 2005.
- DUDLEY, W. **Idealismo Alemão**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- SCHELLING, F.V. Cartas Filosóficas sobre o Dogmatismo e o Criticismo. In: FICHTE, J.G.
- SCHELLING, F.V. **Escritos Filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- SILVA, E.C. A relação corpo-mente: A mente como ideia do corpo na Ética de Benedictus de Spinoza. **Rev. Conatus – Filosofia de Spinoza**. vol 5, nº9, p. 19-24, 2011.
- SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

## O PENSAMENTO AGOSTINIANO

Antonio Rangel dos Reis  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
arangelreis@hotmail.com

Junior Cunha  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
juniorlcunha@hotmail.com

José Francisco de Assis Dias  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
prof.dias.br@gmail.com

Pretendemos, neste trabalho, expor alguns dos argumentos do filósofo Aurélio Agostinho, especialmente aqueles descritos na obra *Confissões*, quando limitamos nos principais pensamentos, ou seja, Tempo e Eternidade, *Creatio ex nihilo*, Liberdade e Graça e Bem e Mal, por entendermos que são esses os temas principais no ponto de vista filosófico de Agostinho. De fato, quando indagamos (presente) sobre algo relacionado ao tempo, nosso pensamento nos leva aos acontecimentos que presenciamos (passado) e temos a impressão de que algo vai acontecer (futuro), mas não sabemos exatamente quando o tempo iniciou, e se vai acabar. Agostinho apresenta o conceito de tempo, bem como se o tempo é eterno, com base nas versões bíblicas; para ele, portanto, existiu um início e haverá um fim, pois a eternidade é apenas atributo de Deus. A forma como tudo apareceu, se o mundo foi criado, como foi criado, quem criou, também trata-se de indagações que até hoje intrigam as pessoas e o filósofo de Tagaste resolveu opinar, dizendo que tudo foi criado a partir do nada, pois, para ele não havia outra matéria que se tornou nisso que presenciamos, sendo que tudo foi criado pela vontade de Deus. Depois disso, explanou sobre a liberdade e a graça, que, para o Filósofo Santo são presentes de Deus, que fazem com que façamos o que bem entendermos, sendo que Ele dá a força para fazermos aquilo que pretendemos, chama essa força de graça. Por fim, o problema do mal, ou seja, a diferença entre o bem e o mal, quando questionou a existência do mal, afirmando que, na verdade, seria a ausência do bem, insinuando que se tudo foi criado por Deus, foi criado de forma perfeita, ou seja, apenas o bem foi criado, sendo o mal produto da liberdade que nos leva a pecar, ou seja, o mal é o próprio pecado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo; Eternidade; Bem; Mal; Agostinho.

### REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Santo Agostinho. 2. ed. São Paulo. Abril Cultural, 1980. (Os pensadores)
- AMARAL, Roberto; SOUZA, Camila Cristina de; PEREIRA, Crislene Silva. O Tempo e a Eternidade em Santo Agostinho. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas**. Diamantina, n.02, 2012. Disponível em: <[http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/O-Tempo-e-a-Eternidade-em-Santo-Agostinho\\_crislene\\_camila.pdf](http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/O-Tempo-e-a-Eternidade-em-Santo-Agostinho_crislene_camila.pdf)>. Acesso em: 12/05/16.
- BELLEI, Ricardo J.; BUZINARO, Délcio Marques. O livre-arbítrio e o mal em Santo Agostinho (The free will and the evil in Saint Augustine). **Mirabilia**, Barcelona, vol.11, p. 80-98, 2010. Disponível em: <[http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010\\_02\\_04.pdf](http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010_02_04.pdf)>. Acesso em: 12/05/16.

BÍBLIA A. T. Gênesis. In: **A Bíblia Anotada** (The Ryrie Study Bible). Texto bíblico: Versão Almeida, Revista e anotada e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas Charles Caldwell Ryrie. Tradução Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Tempo e Eternidade em Santo Agostinho (Time and Eternity in Saint Augustine). **Mirabilia**, Barcelona, vol.11, p. 136-155, 2010. Disponível em: <[http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010\\_02\\_07.pdf](http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010_02_07.pdf)>. Acesso em: 12/05/16.

\_\_\_\_\_; BRANDÃO, Ricardo Evangelista. A Teoria da Criação, segundo Santo Agostinho. **Ágora Filosófica**, Recife, Ano 7, n. 1, p. 07-26, 2007. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/82/76>>. Acesso em: 12/05/16.

OLIVEIRA, Marcos de. Liberdade e graça no pensamento de Agostinho. **DISCERNINDO - Revista Teológica Discente da Metodista**, São Paulo, v.2, n.2, p. 35-52, 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/discernindo/article/view/4745/4031>>. Acesso em: 12/05/16.

RÊGO, Marlesson Castelo Branco do. Liberdade e graça em Santo Agostinho. **Ágora Filosófica**, Recife, Ano 7, n. 1, p. 129-158, 2007. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/89/83>>. Acesso em: 12/05/16.

## I-MORAL OU (IR)RACIONAL: UMA VISÃO DA CIÊNCIA DO NORMAL OU PATOLÓGICO

Beatriz Cristina Bencke  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
beatrizbencke@hotmail.com

Emerson Souza dos Santos  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
arquitetoess@hotmail.com

Vilmar Malacarne  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
vilmar.malacarne@unioeste.br

O presente artigo tem como finalidade discutir como os portadores de doenças mentais eram tratados na Grécia e Roma Antiga, na Idade Média e Renascentismo e a chegada do século XX. Trata-se de uma pesquisa sobre a história dos transtornos mentais, com abordagem sobre saúde e doença e as definições entre o que era normal e o patológico das pessoas com problemas de saúde mental. Para isso, discutiremos as definições da anormalidade entre os séculos IV a.C e II d.C, III e XII d.C, Renascentismo do Século XVIII e século XX. A pesquisa é de caráter bibliográfico e incluiu artigos, livros e dissertações e teses para fundamentar o assunto e o conteúdo sobre historicidade dos transtornos mentais e suas repercussões no decorrer dos séculos citados. A saúde e a doença não são fenômenos isolados que possam ser definidos em si mesmos, mas, sim, profundamente vinculados ao contexto socioeconômico-cultural, tanto em suas produções como na percepção do saber que investiga e propõe soluções para o adoecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Historicidade; Transtornos Mentais; Epidemiologia; Pressão Social.

### REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. M. F. Tipos de investigação epidemiológica. In: SOUZA, C. A. M. & TADDEI, J. A. A. C. (Org.) **Textos em Epidemiologia**. Brasília: Seplan/CNPq, 1984.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 22. Ed. São Paulo: Graal, 2006.
- MAUSNER, J. S. E.; BAHN, A. K. **Epidemiologia**. México: Nueva Editorial Interamericana, 1977.
- MIETTINEN, O. S. **Theoretical Epidemiology/Principles of Occurrence Research in Medicine**. New York: John Wiley & Sons, 1985.
- MINAYO, M. C. S. Interdisciplinaridade: uma questão que atravessa o saber, o poder e o mundo vivido. In: **Palestra no 1º Seminário de Estudos do Programa de Apoio à Reforma Sanitária**. Rio de Janeiro: Ensp/Fiocruz, 1990.
- ODA, A. M. G. R. O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria. **Rev. Latinoam, Psicopat.** Fund., VII, 1, 128-141, 2004.
- REBOLLO, C. A. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. **Scientiae Zudia**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 45-82, 2006.
- SAMPAIO, J. J. C. **Epidemiologia da imprecisão: processo saúde/doença mental como objeto da epidemiologia**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998.
- SAÚDE, C.C. C. **Memória da Loucura**. Brasília: Editora MS, 2003.

## O PERSPECTIVISMO NIETZSCHIANO INSERIDO COMO MECANISMO PARA A TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES

Bianca Squarisi Roque de Oliveira  
Universidade Estácio de Sá  
biancasquarisi@gmail.com

O presente texto busca demonstrar como a ideia de perspectivismo nietzschiano, já na forma que fora inserida na obra *Humano, demasiado Humano I* (antes mesmo do prefácio introduzido à obra posteriormente, em 1886), teria contribuído para a transvaloração de todos os valores. A fim de defender que o perspectivismo fora utilizado por Nietzsche como um dos mecanismos de preparação de seu leitor para o projeto central de sua filosofia — a transvaloração de todos os valores —, faz-se necessário salientar que o projeto central da filosofia nietzschiana já se constituía como objetivo filosófico de Nietzsche décadas antes da primeira aparição do termo “transvaloração” em uma obra publicada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perspectivismo; Nietzsche; Transvaloração.

### REFERÊNCIAS

- MARTON, Scarlett. Perspectivismo e experimentalismo. In: \_\_\_\_\_. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010. \_\_\_\_\_ (editora responsável). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola (Sendas & veredas), 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos, ou Como se filosofa com o martelo**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- GORI, Pietro; STELLINO, Paolo. O perspectivismo moral nietzschiano. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 34 - vol. I, p. 101-129, 2014.
- RUBIRA, Luís. **Nietzsche: do Eterno Retorno do mesmo à Transvaloração de todos os Valores**. São Paulo: Barcarolla/Discurso, 2010.

## EDUCAÇÃO EM SARTRE – UM PANORAMA GERAL

Caroline de Paula Bueno  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
carol\_bueno14@hotmail.com

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
cafsilva@uol.com.br

Este trabalho tem como objetivo situar o tema da educação por meio da perspectiva fenomenológico-existencial de Sartre, levando em conta, principalmente, que, para o autor, pensar uma pedagogia existencialista implica refundar o conceito de liberdade. Ora, o filósofo francês descreve o homem como um ser livre. Este é plena liberdade. Além disso, repensar a educação implica considerar o fenômeno da revolta, isto é, mais precisamente o contexto de uma educação-revolta por meio de um indivíduo que seja historicamente situado, exercendo, portanto, uma ação pedagógica. Essa práxis deve visar sempre a realização da liberdade como condição de humanização. Afinal, para Sartre, refletir a partir da educação é levar em conta que os indivíduos são livres, e que é sob o pano de fundo dessa liberdade que uma pedagogia pode ser emancipadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sartre; Educação; Liberdade. Existencialismo.

### REFERÊNCIAS

- GUIRALDELLI JR., Paulo. **Filosofia da educação**. São Paulo: Ática, 2006.
- LIMA, Walter Matias. Algumas considerações sobre educação em Jean-Paul Sartre. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, UFS, v.3, p.9-22, jul./dez. 2009.
- \_\_\_\_\_. Revolta e liberdade: Sartre e a educação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação** (RESAFE), n. 3, 2004.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- VASCONCELOS, José Antonio. **Fundamentos filosóficos da educação**. Curitiba: Editora Ibpex, 2011.

## **SOBRE A ORIGEM DA LINGUAGEM EM NIETZSCHE E E. VON HARTMANN**

Célia Machado Benvenho  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
celia.benvenho@gmail.com

Dentre as reflexões de Nietzsche sobre a linguagem, interessa-nos, aqui, tratar de sua primeira concepção de linguagem, que aparece no texto *Sobre a Origem da Linguagem*, apresentado no inverno de 1869/1870, assim como investigar a influência que a leitura da obra *Filosofia do Inconsciente*, de E. von Hartmann, teve para essa primeira concepção de linguagem. Nietzsche, assim como Hartmann, compreende vida como princípio criador (instintivo e inconsciente) a partir do qual se desenvolvem tanto a linguagem quanto o intelecto humanos. Logo no início de seu texto, Nietzsche diz que a linguagem não é consequência de trabalho consciente, individual ou coletivo. Apresenta, então, uma série de ideias agrupadas em três breves seções, o que conduzirá à tese da origem instintiva da linguagem. Na primeira seção, trabalha duas ideias principais: “Todo pensamento consciente só é possível com a ajuda da linguagem”, evidenciando a relação entre pensamento consciente e linguagem; e “Os pensamentos filosóficos mais profundos encontram-se prontos na linguagem”, que evidencia a relação entre pensamento filosófico e linguagem. Na segunda seção, ele trabalha a questão do desenvolvimento do pensamento consciente como prejudicial para a linguagem; e, na terceira seção, apresenta a tese da “linguagem como atividade inconsciente e instintiva”. Ora, admitir que todo pensamento consciente só é possível com a ajuda da linguagem implica admitir que a linguagem seria pré-condição para o surgimento do pensamento consciente e não a consequência deste. Do mesmo modo, se o pensamento consciente só é possível pela linguagem, o fundamento da linguagem não pode ser estabelecido conscientemente, já que precisaríamos da própria linguagem para isso. Consequentemente, se a linguagem não pode ser considerada produto da reflexão consciente, tanto para o indivíduo quanto para o todo, resta, como dirá Nietzsche, concordando com Hartmann, considerá-la “como um produto do instinto.”

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem; Nietzsche, Hartmann, Instinto; Inconsciente.

### **REFERÊNCIAS**

- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe** (KSA). G. Colli e M. Montinari (Hg.). Berlin: Walter de Gruyter, 1999. 15 Bn.
- CAVALCANTI, Anna Hartmann. **Símbolo e alegoria: a gênese da concepção de linguagem em Nietzsche**. São Paulo: Annablume; Fapesp/Rio de Janeiro: DAAD, 2005.
- CRAWFORD, C. **The beginnings of Nietzsche's theory of language**. New York: de Gruyter, 1998.
- HARTMANN, E. v. **Philosophie des Unbewussten**. Versuch einer Weltanschauung. Berlin, 1869.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMPENDIUM MUSICAE DE DESCARTES: matemática, música e a produção de afetos

César Augusto Battisti  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
cesar.battisti@hotmail.com

A atual exposição pretende tecer algumas considerações sobre o *Compendium Musicae*, obra escrita por Descartes, ainda muito jovem, no final do ano de 1618, há 400 anos. O objetivo é apresentar alguns elementos da obra e compará-la com aqueles presentes na *Geometria*, com o intuito de mostrar paralelos estruturais e semelhanças de natureza epistemológica e metodológica entre elas, bem como evidenciar determinadas características categoriais utilizadas pelo filósofo com vista à produção da inteligibilidade (isto é, da racionalidade) dos fenômenos ou problemas estudados. Como segundo propósito, pretende-se examinar o percurso efetivado por Descartes com vista à compreensão do fenômeno musical, de sua estrutura e de seus elementos componentes, começando pela natureza física do som, passando pela estrutura matemática da música (suas propriedades principais, o tempo e a altura, as relações de maior ou menor consonância entre as notas), até se constituir em um fenômeno relativo à nossa sensibilidade e capaz de fazer emergir em nossa alma afetos e paixões variadas. Como afirma Descartes, o objeto da música é o som, e seu fim é a produção do prazer e a emergência de afetos no ser humano. Circunscrita à sensibilidade humana, a música deixa de ser entendida dentro de uma perspectiva cosmológica e ligada à harmonia das esferas celestes, passando a se configurar como fenômeno relativo à subjetividade humana, ou melhor, ao seu composto alma-corpo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Descartes; *Compendium Musicae*; Música; Matemática; Afetos; Prazer.

### REFERÊNCIAS

- DE BUZON, Frédéric. **Science de la Nature et Théorie Musicale chez Isaac Beeckman** (1588-1637). *Revue d'histoire des sciences*, 38, 2, 1985, p. 97-120.
- \_\_\_\_\_. **Sympathie et Antipathie dans le Compendium Musicae**. *Archives de Philosophie*, 46, 1983, p. 647-653.
- DESCARTES, René. *A Geometria*. In: **Discurso do Método & Ensaios**. Tradução e notas de César Augusto Battisti. São Paulo: Ed. Unesp, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Abregé de Musique**. Tradução, apresentação e notas de Frédéric de Buzon. Paris: PUF, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Compendium Musicae*. In: **Œuvres de Descartes**. Edição de Charles Adam e Paul Tannery. Paris, Vrin, 1996. Vol. X.
- \_\_\_\_\_. *Discours de la Méthode & Essais*. In: **Œuvres de Descartes**. Edição de Charles Adam e Paul Tannery. Paris, Vrin, 1996. Vol. VI.
- \_\_\_\_\_. **Regras para a Direcção do Espírito**. Tradução de João Gama. Porto: Ed. 70, 1985.
- KRANTZ, Émile. **Essai sur l'Esthétique de Descartes**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1898.
- PEREIRA, Aires. Teoria Musical e Estética no *Compendium Musicae* de Descartes. **Revista Portuguesa de Musicologia**, 6, 1996, p. 99-107.
- VAN WYMEERSCH, Brigitte. **Descartes et l'Évolution de l'Esthétique Musicale**. Sprimont (Bélgica): Bardaga, 1999.
- \_\_\_\_\_. L'esthétique musicale de Descartes et le cartésianisme. **Revue Philosophique de Louvain**, 4/94, 2, 1996, p. 271-293.

## INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DO CONCEITO DE "SOLICITUDE" NO PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE LA SALLE

Cleiton Luiz Kerber  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
cleiton.kerber@lasalle.org.br

A *preocupação* é comportamento derivado do existencial *cuidado* que, segundo Heidegger, é "a essência da existência humana". Pensada como tal, a preocupação (*Fürsorge*) pode ser associada à *solicitude* (solicitude) na base prática e teórica dos escritos pedagógicos de João Batista de La Salle, educador cristão do século XVII e patrono da educação universal. O que se pretende apresentar nesta pesquisa teórica e de cunho bibliográfico é determinar o sentido de *solicitude* no pensamento pedagógico de La Salle por meio de uma *interpretação fenomenológica*. Aborda-se a compreensão das premissas orientadoras do pensamento pedagógico lassaliano e como o papel do educador assume uma função não somente de um profissional da educação, mas, sim, como alguém que deixa guiar a sua conduta como pedagogo pelo viés da *solicitude*. Busca-se analisar a aproximação entre o conceito de *solicitude* de La Salle e a ideia de preocupação na fenomenologia existencial de Heidegger. Os dois pensadores partem de pressupostos compatíveis: Heidegger pensa o cuidado e a preocupação na chave de uma co-existência (*Mit-sein*) e La Salle trata o cuidado como a *solicitude* perante seus educandos, como modo de orientá-los. Neste sentido, a *solicitude* seria possível de ser apropriada pela filosofia existencial heideggeriana ao falarmos de preocupação; porém, La Salle, em suas teorias pedagógicas, ainda retém certo componente humanista, traço de sua orientação cristã, o que não se observa na filosofia heideggeriana.

**PALAVRAS-CHAVE:** La Salle; Heidegger; Fenomenologia existencial; Pedagogia da *solicitude*.

### REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução Marcia Sá Cavalcante Shuback. Petrópolis: Editora Universitária São Francisco, 2011.
- JUSTO, Henrique. **La Salle: patrono do magistério: vida, bibliografia, pensamento, obra pedagógica**. Porto Alegre, RS: Santo Antônio, 1991.
- KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **10 lições sobre Heidegger**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Heidegger & a educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008.
- LA SALLE, João Batista de. **Guia das escolas cristãs**. Tradução Albino Afonso Ludwig e Albano Constâncio. Canoas: Editora Unilasalle, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Obras completas de São João Batista de La Salle**. Coord. Edgar Hengemüle. Tradução Albino Afonso Ludwig ... [et al]... Canoas: Unilasalle, 2012.
- POUTET, Yves; PUNGIER, Jean. **La Salle e os desafios de seu tempo**. Tradução Henrique Justo. Canoas: La Salle, 2001.

## O PARMÊNIDES E A IMATURIDADE SOCRÁTICA

Cristiane Freytag de Freitas  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
cristianefreytag@gmail.com

Saulo Sbaraini Agostini  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
ssagostini@gmail.com

Neste artigo, pretende-se esclarecer a teoria das Formas tal como apresentada pelo personagem Sócrates no diálogo *Parmênides*, de Platão, apontando, em seguida, como ela é criticada, na sequência do diálogo. Para isto, pretende-se examinar, especificadamente, um entre os momentos dessa crítica: a 'aporia das formas em si e por si'. Se o pressuposto da teoria das Formas reside em que elas seriam *ontologicamente* separadas dos entes, por consequência não haveria interação entre formas e entes, e não seria possível ter certeza da existência das formas; todo esforço socrático pela conceituação da teoria entraria em contradição. A pretensão de Sócrates, ao apresentar a teoria, é explicar a origem da totalidade. Parmênides, seu interlocutor no diálogo platônico, mostra que a teoria não se concilia com o conceito de participação que ela mesma exige; a argumentação socrática deve conseguir refutar essas acusações de inconsistência. Em todas as hipóteses apresentadas para explicar a participação entre as formas e as coisas formadas, porém, encontra-se contradição. Mostra-se, assim, que a teoria das formas apresentada no diálogo não está bem desenvolvida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Platão; Parmênides; Teoria das formas; Participação; aporias.

### REFERÊNCIAS

- SOARES, Marcio. **A ontologia de Platão: Um estudo das formas no *Parmênides***. Passo Fundo: Editora Universitária: 2001.
- PLATÃO. **Parmênides**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução, apresentação e notas de Maura Iglésias e Fernando Rodrigues – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Loyola, 2003

**HANS-GEORG GADAMER E JACQUES DERRIDA EM:  
O CASO DO ORÓBORO FILOSÓFICO  
À beira da fusão de horizontes desconstruídos**

Cristiane Roberta Xavier Candido  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
cristiane.xcandido@gmail.com

O objeto desta pesquisa é identificar a forma pela qual a Hermenêutica filosófica proposta por Hans-Georg Gadamer se estabelece, tendo como contraponto a filosofia da desconstrução, de Jacques Derrida. Diante destas duas formas, que, aparentemente, podem soar como adversas no modo de contemplar conjunturas complexas como a linguagem e a compreensão, pretende-se apresentar a possibilidade da verificação de momentos de alinhamento, propondo, assim, a identificação de rápidas zonas de congruências instáveis. A questão que norteia esta pesquisa é a de que tanto Gadamer quanto Derrida acabam – mesmo que ‘desfocadamente’ – ‘bebendo um da fonte do outro’: o primeiro aparentemente delineando rastros da desconstrução quando abre a hermenêutica para várias interpretações em uma ‘fusão de horizontes’. Já o segundo, aparentemente, desenvolve artifícios hermenêuticos (mesmo que inicialmente), pois para se desconstruir um conceito/filosofia se torna necessária a leitura, o contato com o mote informativo (tradição filosófica e seus pressupostos). Para tanto, em um primeiro momento é possível verificar que é comum conceber a hermenêutica como processo de interpretação de textos, de análise, tradução e compreensão semântica, que, *grosso modo*, denota mera reprodução das teorias recebidas. Uma segunda hipótese em relação à hermenêutica é o fato de que, após a prática do interpretar, acaba-se creditando verdades unívocas ou sentidos singulares ao objeto de análise. Estas concepções dificultam o processo hermenêutico e, em grande medida, ceifam seu caráter filosófico e investigativo. Ora, um texto ou um discurso filosófico (ou não) necessariamente só é completo, compreendido, seguro se apresentar clareza e reflexão, atributos que exigem mais do que mera reprodução ou repasse de informação. Um conhecimento textual ou discursivo emitido de forma superficial, sem aprofundamento, análise, sem contrapontos, revisões e confrontos reflexivos engessa a informação de modo que esta se torna superficial. Desta forma, é importante a investigação do processo hermenêutico tal como o verificado em Gadamer, tendo como possível apoio o pensamento desconstrutivo de Derrida. De imediato pode soar estranha, ou até mesmo divergente em demasia, a tentativa de aproximar a hermenêutica e a desconstrução, já que nesta última existe o desmonte dos processos e conceitos engendrados e compreendidos e, na hermenêutica, é substancial a presença e a necessidade desses processos e da produção da compreensão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hans-George Gadamer; Jacques Derrida; Hermenêutica; Desconstrução.

## REFERÊNCIAS

- DERRIDA, Jacques. Carneiros, **O diálogo ininterrupto: entre dois infinitos, o poema**. Tradução Fernanda Bernardo. Coimbra, Portugal: Pallmage, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A Farmácia de Platão**. Tradução Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Gramatologia**. São Paulo. Tradução Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973 (Série Estudos).
- GADAMER, H-G. **Verdade e Método - Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3. ed. Tradução Flavio Paulo Meurer. Revisão Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Verdade e Método II – Complementos e Índice**. Tradução Ênio Paulo

Giachini. Revisão Marcia Sá Cavalcante-Schuback Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O problema da consciência histórica.** Tradução Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

DOSTAL, R. J. (Org.). **The Cambridge Companion to Gadamer.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 13-35.

FIGAL, G. **Oposicionalidade – o elemento hermenêutico e a filosofia.** Tradução Marco Antonio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.

GREISCH, J. **Herméneutique et grammatologie.** Paris: CNRS, 1977.

GRONDIN, J. **Hermenêutica.** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

\_\_\_\_\_. **Introducción a Gadamer.** Tradução Constantino Ruiz-Garrido. Barcelona: Herder, 2003

HEIDEGGER, M. **Interprétations phénoménologiques d'Aristóteles.** Tradução J.-F. . Paris: Courtine 1976.

KAHLMAYER. Mertens, Roberto S. **10 Lições sobre Gadamer.** Petrópolis: Vozes, 2017. (Coleção 10 Lições).

LAWN, C. **Compreender Gadamer.** Tradução Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROHDEN, L. **Hermenêutica filosófica – entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem.** São Leopoldo: EdUNISINOS, 2002.

SCHMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica.** Tradução Fabio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2012. (Série Pensamento Moderno).

WOLFREYS, J. **Compreender Derrida.** Tradução Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2009 (Série Compreender).

## FRANCIS BACON E RENÉ DESCARTES: A FUNDAMENTAÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA

Cristiele Rhoden  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
rhoden375@outlook.com

Junior Cunha  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
juniorlcunha@hotmail.com

A presente pesquisa tem a finalidade de apresentar os métodos epistemológicos de dois grandes nomes do desenvolvimento da ciência moderna, são eles: Francis Bacon (1561-1626) e René Descartes (1596-1650). O primeiro é considerado inventor do método experimental e fundador da ciência moderna, suas obras se caracterizam pela predominância da noção de que a ciência e a filosofia tinham a finalidade de dar ao homem o domínio da realidade. O segundo é responsável por aprimorar o método da dúvida, que é por ele levado às últimas consequências, seguindo um caminho rigoroso em busca de verdades que possam sustentar o desenvolvimento científico. O escopo de nosso texto, portanto, será centrado nas obras *Novum Organum*, do filósofo inglês, e nas *Meditações*, do filósofo francês. Bacon, em o *Novum Organum*, põe em evidência o aspecto limitado da ciência de sua época. Descartes, por sua vez, nas *Meditações*, relata a incerteza acerca dos princípios que sustentavam a ciência vigente em seu período. Nesse sentido, ambos se debruçam sobre a questão principal da modernidade: como conhecemos? Respondendo a tal questão, os filósofos em voga em nossa análise desenvolveram, cada um a seu modo, métodos pelos quais a investigação científica deve proceder.

**PALAVRAS-CHAVES:** Epistemologia; Desenvolvimento; Entendimento.

### REFERÊNCIAS

- BACON, Francis. **Novum Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. Tradução José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- DESCARTES, René. **Meditações sobre a filosofia primeira**. Tradução Gustavo de Fraga. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- CARVALHO, Alonso Bezerra de. **A filosofia da educação moderna: Bacon e Descartes**. Acervo Digital da UNESP-SP, 2010. p. 12. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/127>>. Acesso em: 30/05/18.
- EVA, Luiz A. A. Sobre as afinidades entre a filosofia de Francis Bacon e o ceticismo. In: **Kriterion**, vol. 47 n.113. UFMG, 2006. p. 73-97. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0100-512X20060001&script=sci\\_issuetoc](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0100-512X20060001&script=sci_issuetoc)>. Acesso em: 30/05/18.
- FERREIRA, Kailani Amim Postilhoni. Duas perspectivas da questão do método na Filosofia Moderna. In: **Filogenese**, vol. 8. UNESP-SP, 2015. p. 133-146. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/#!/revistas-eletronicas/filogenese/edicoes-anteriores/2015---volume-8/>>. Acesso em: 30/05/18.
- RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zelia; FREIRE, José-Jozefran. O dualismo de Descartes como princípio de sua Filosofia Natural. In: **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79. USP-São Paulo, 2013. p. 157-270. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142013000300012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 30/05/18.
- SANTOS, Antônio Carlos dos; HORA, José Sandro Santos. Francis Bacon: as duas faces da ciência. In: **Dissertatio**, vol. 41. UFPel-RS, 2015. p. 83-98. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/issue/view/510>>. Acesso em: 30/05/18.

## O ENSAIO NO ENSINO DE FILOSOFIA: Um diálogo com Michel de Montaigne

Danielle Antunes  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
UDC - Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
daniguassu@gmail.com

A partir da interpretação da filosofia do ensaio proposta por Michel de Montaigne no Renascimento, enquanto um posicionamento ético e político do autor diante dos modos de produção dos conhecimentos e das subjetividades no âmbito cultural e pedagógico de seu tempo, e acreditando ser este posicionamento de grande alcance ainda hoje, procuramos problematizar a relação que se estabelece entre a filosofia e a educação popular no ensino superior brasileiro, propondo o exercício ensaístico como uma alternativa para as práticas do ensino de filosofia. Nossa interpretação visa uma abordagem do conceito de ensaio em Montaigne, a partir de sua compreensão como um método ou procedimento performático de investigação, formação e criação, o qual proporciona aos estudantes uma experiência de ensino-aprendizagem através da escrita muito mais próxima e autêntica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Montaigne; Filosofia; Ensaio; Ensino; Método.

### REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Danielle. **"Par manière d'essai"**. Montaigne e a Filosofia do Ensaio. [tese]. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2018.
- AUERBACH, Erich. L'humaine condition. In: **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. Vol. 2. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 247-276.
- FRIEDRICH, Hugo. **Montaigne**. Tradução Robert Rovini. Paris: Gallimard, 1968.
- MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios. Livro I**. 2. ed. Tradução Rosemary Costhek Abílio, precedido de "um estudo sobre Montaigne", de Pierre Villey sob direção e com prefácio de V.-L. Saulnier. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Os Ensaios. Livro II**. 2.ed. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Os Ensaios. Livro III**. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

## THOMAS KUHN: A REDE TEÓRICA E A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS

Douglas Antonio Bassani  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
douglasbassani@uol.com.br

Seguiremos a interpretação de Thomas Kuhn em relação ao estabelecimento de novas redes teóricas e sobre a construção dos conceitos na ciência. Para Silva, “(...) os ‘vencedores’ venceram não porque foram felizes em apresentar as referências de todos os seus conceitos, mas porque construíram redes teóricas explicativas que satisfaziam certas demandas científicas consideradas importantes” (p. 494). O conceito “vencedores” abordado aqui se refere à maneira como a história da ciência normalmente é contada, ou seja, a partir da perspectiva dos vencedores. De maneira geral, considerando a perspectiva kuhniana, o processo de substituição de teorias envolve a elaboração de uma rede teórica explicativa e consistente, que dê conta de dar uma explicação para os fenômenos da experiência. Porém, uma rede teórica articulada não é tarefa fácil, e nem sempre a comunidade científica está trabalhando junta, pois, no período de ciência extraordinária, uma das características é a não concordância entre os membros da comunidade científica sobre os rumos da ciência. Quando este é o período, parece fazer sentido aquilo que é afirmado por Silva, sobre o papel da necessidade inicial dos cientistas em construir redes teóricas explicativas, e não propriamente se debruçarem sobre o trabalho de atribuir significado a todos os conceitos da nova teoria. Esta pode ser uma necessidade posterior, caso a rede teórica seja explicativa e consistente com os fatos. Há um exemplo interessante na química, abordado por Thomas Kuhn algumas vezes em sua *A Estrutura das Revoluções Científicas*, a saber, sobre a teoria do oxigênio. A construção do conceito de “oxigênio” aparece na teoria do flogisto de químicos importantes da época, como Georg Stahl e Joseph Priestley, no início do século XVIII (apesar de que este não era o conceito da época, mas o de “ar desflogistizado”, concebido por Priestley). Um pouco mais tarde, Lavoisier detectou as anomalias nessa teoria, quando metais eram aquecidos, ou seja, não havia a esperada perda de peso desses objetos como explicava a teoria do flogisto, mas, ao contrário, de manutenção de peso ou até mesmo de ganho de peso em alguns casos. A saída de Lavoisier foi criar uma outra rede teórica que desse conta da explicação da combustão, utilizando o “ar desflogistizado” de Priestley como elemento fundamental no processo de combustão. O que Priestley chamou de “ar desflogistizado” Lavoisier batizou de “oxigênio”, embora os créditos pelas propriedades químicas tenham sido dados de maneira justa a Priestley. É neste contexto investigativo que nossa pesquisa está ancorada e será desenvolvida a partir da filosofia de Thomas Kuhn sobre esse processo de construção das redes teóricas e conceitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rede teórica; Construção de conceitos; Thomas Kuhn.

### REFERÊNCIAS

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 9.ed. Tradução Beatriz Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_. **O caminho desde A Estrutura**. Tradução Cesar Mortari. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

SILVA, Marcos Rodrigues da. Ensino de Ciências: realismo antirrealismo e a construção do conceito de oxigênio. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 20, p. 481-497, 2013.

LAKATOS, Imre & MUSGRAVE, Alan. (org) **A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento**. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

## A POSTURA SOCRÁTICA FRENTE AO ETERNO RETORNO DE NIETZSCHE

Douglas Meneghatti  
IFPR – Instituto Federal do Paraná / Campus Capanema  
douglas.meneghatti@ifpr.edu.br

A questão socrática está paradoxalmente presente em todo o *corpus* da obra nietzschiana o grande herói dos diálogos platônicos é apresentado por Nietzsche como o responsável pelo declínio da tragédia grega, pela inserção da dialética e da consciência moral, enfim, pela geração do homem teórico enquanto protótipo metafísico que se difundiria pela história do Ocidente. Porém, a perspectiva se inverte quando Sócrates é incluído dentre os “espíritos livres” e lembrado pela maneira peculiar de educar os jovens atenienses, aporia que alimenta o paradoxo da questão socrática em Nietzsche e na própria História da Filosofia. Deixando de lado os diversos embates travados por Nietzsche contra e pró Sócrates, que aparecem em cerca de 320 menções diretas a Sócrates ao longo dos textos de Nietzsche, nos deteremos a dois aforismos em particular, a fim de levantar o teor desse grande duelo, numa perspectiva que levará em consideração qual seria a postura socrática diante da temática do eterno retorno, construída por Nietzsche como símbolo da altivez vital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Decadência; Dialética; Metafísica.

### REFERÊNCIAS

- NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia – ou Helenismo e pessimismo.** Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe.** G. Colli, M. Montinari (Hg.). Berlim: Walter de Gruyter, 1999. (15 Bd.)
- \_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência.** Tradução P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos – ou, como se filosofa com o martelo.** Tradução P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano II** – um livro para espíritos livres volume II. Tradução P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- PLATÃO. **Defesa de Sócrates.** Tradução J. Bruna. São Paulo: Abril Cultural, 1972a. (Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_. **Fédon.** Tradução J. C. de Sousa, J. Paleikat e J. C. Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972b. (Os Pensadores)

## ÉTICA DA ALTERIDADE EM LEVINAS: O Mesmo e o Outro

Douglas Silvino de Camargo  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
profdouglascamargo@gmail.com

José Francisco de Assis Dias  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
jfad\_br@hotmail.com

O tema do presente artigo é a leitura de Levinas a respeito da fenomenologia de Husserl. O objetivo geral é apresentar como Emmanuel Levinas leu e compreendeu a fenomenologia husserliana, sua base fenomenológica e sua crítica ao reducionismo cognoscente. Os objetivos específicos se desdobram nos subtítulos: exposição e crítica de Levinas ao 'Eu cognoscente' em Husserl; crítica à sensibilidade e temporalidade sincronizante como impedimento à dimensão temporal; o anonimato do sujeito: absorção no Ser; por um resgate da subjetividade: começar pela fenomenologia; pela superação da 'Egologia': a consciência não-intencional; a redução ao pré-originário: do Dito ao Dizer. É importante destacar, para perceber a justificativa do texto, que, para entender a alteridade ética em Levinas se faz pontual entrar na fenomenologia e seus conceitos, sua apropriação e crítica levinasiana, na tentativa de superação do solipsismo e sua abertura para Outrem. A metodologia utilizada é bibliográfica. Os resultados alcançados são o entendimento hermenêutico das principais noções fenomenológicas de Husserl e a crítica de Levinas, abrindo caminho para a alteridade e subjetividade, para a hospitalidade e aprendizagem com o Outro, sem negar o eu, porém, estabelecendo relação ética e de responsabilidade com Outrem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Levinas; Fenomenologia; Husserl; Subjetividade.

### REFERÊNCIAS

- FABRI, Marcelo. Despertar do Anonimato: Levinas e a Fenomenologia. In: SOUZA, Ricardo Timm de. OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. **Fenomenologia Hoje II - Significado e Linguagem**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que Ser o más allá de la Esencia**. 4.ed. Tradução Antonio Pintor Ramos. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Entre Nós: Ensaio sobre a exterioridade**. 2. ed. Tradução Pergentino Pivatto. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- SOUZA, Ricardo Timm de. **Sentido e Alteridade: Dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Sujeito, ética e história: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

## O LUGAR DO ANIMAL NO PENSAMENTO CARTESIANO

Elidsandra Oliveira da Silva  
Faculdade Assis Gurgacz - Toledo  
elidsandra@uol.com.br

Saulo Sbaraini Agostini (Orientador)  
Faculdade Assis Gurgacz – Toledo  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
ssagostini@gmail.com

O termo “animais” se origina da ideia de *anima* (“alma”), fundamentada em correntes de pensamentos medievais, como, por exemplo, a escolástica, a qual prega que as criaturas vivas diferem das coisas não vivas por serem “animadas” ou “dotadas de alma”; e bíblica, a qual prega que as coisas vivas são animadas “pelo sopro da vida.” Por outro lado, a origem grega do termo correspondente, qual seja, o de “pneuma”, nos traz a noção concebida por Aristóteles, de uma alma tripartida: a alma vegetativa, sensitiva e racional. Diante de todo este contexto conceitual, qual seria o lugar do animal no pensamento cartesiano? Para René Descartes, o animal e seu comportamento são explicados em termos puramente mecânicos, sem atribuição de alma; os animais são intitulados de “bestas”, autômatos mecânicos, são formas mecanizadas sem qualquer princípio animado, não pensam; são os órgãos corpóreos que se estimulam e auxiliam entre si para que ocorra o movimento; são máquinas compostas por partes inconscientes e extremamente organizadas. As máquinas não possuem alma, *lógos*, razão e linguagem (o som emitido pelas bestas provém de estímulos sem pretensão de responder qualquer enunciado, pois são incapazes de qualquer interpretação). Para o filósofo, nenhuma máquina artificial ou animal possuiria tais capacidades. As bestas são simplesmente matérias extensas (*res extensa*), coisas não pensantes que funcionam como uma engrenagem na qual cada uma das partes (peças) possui uma finalidade de acordo com tamanho, formato, figura e movimento. Descartes não só se contrapõe ao conceito tradicional de *anima*, mas a todo ou qualquer conceito que atribui alma ao animal. O animal não sente, a sensação é definida pela união de corpo e mente; sabendo que o animal não tem mente, é impossível existir qualquer união psicofísica (relação entre estímulos físicos e respectivas sensações); a máquina não possui estrutura que permita esta relação, lhe falta a alma, pensamento. Descartes incentivava o estudo da filosofia através da vivissecção. Há indícios de que não somente pregava a ideia como também praticava. Segundo Descartes, os atos praticados nos animais em busca do conhecimento e estudo não comportam maldade, já que as bestas não sentem dor, de modo que a dissecação não seria mais cruel que o ato de matar e comer os animais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vivissecção; Bestas; Autômato Mecânico; Animais.

### REFERÊNCIAS

- COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Tradução e Revisão Helena Martins, Ethel Alvarenga. Rio de Janeiro: Zahar :1995.
- DESCARTES, René. **O mundo ou Tratado da Luz e O Homem**. Apresentação, apêndices, tradução e notas César Augusto Battisti, Maria Carneiro de Oliveira. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- ROCHA, Ethel Menezes. Animais, Homens e sensações segundo Descartes. **KRITERION**, Belo Horizonte, n. 110, p. 350-364, 2004.
- FAUSTO, Juliana. A cadela sem nome de Descartes: Notas sobre vivissecção e mecanomorfose no século XVII. **Dois pontos**, Curitiba, São Carlos, v. 15, n. 1, p. 43-59, 2018.
- LOURENÇO, Daniel Braga. A perseguição e a condenação criminal de animais: o processo judicial como meio de conferir integridade às narrativas sociais em conflitos. **RBDA**, Salvador, v.12, n.02, p. 85-123, 2017.

## A ESTRUTURA GEOMÉTRICA DA ÉTICA DE BARUCH ESPINOSA

Elvio Camilo Crestani Junior  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Bolsista PET - Filosofia MEC/FNDE  
elviocrestani@hotmail.com

César Augusto Battisti  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
cesar.battisti@hotmail.com

A comunicação analisa a estrutura da obra *Ética* ([1677]1991), de Baruch Espinosa, buscando compreender a importância dessa organização para o sistema filosófico do autor e para o esclarecimento de seus conceitos. Dessa forma, objetiva compreender a influência geométrica euclidiana que Espinosa obteve para estruturar sua obra, na medida em que tanto Euclides quanto Espinosa seguem um método de escrita sintético. A partir disso, procura validar a hipótese de que o pensador holandês não estava organizando seus escritos dessa forma por uma questão puramente didática, mas principalmente por motivos intrínsecos às suas pretensões filosóficas. Como evidencia o seu título original, *Ethica, ordine geometrico demonstrata* (*Ética, demonstrada à maneira dos geômetras*) ([1677]1991), a *Ética* segue a mesma estrutura metodológica adotada pelos tratados geométricos antigos, os quais caracterizam-se por seguir o modelo axiomático, uma lógica demonstrativa partindo de conceitos básicos para compor noções mais complexas. Sabendo disso, a comunicação se dedicará a realizar uma comparação estrutural entre a obra de Espinosa e a obra matemática geométrica que inspirou sua forma de exposição, *Os Elementos* (por volta de 300 a.C.), de Euclides de Alexandria. Nesta análise comparativa entre os sistemas, será apresentada a importância de cada parte que forma a organização de seus respectivos conteúdos, como, por exemplo, a separação em: definições, postulados, axiomas, proposições, corolários e escólios. Cada uma delas será caracterizada, ressaltando a importância que elas têm tanto na visão geométrica de Euclides, quanto na de Espinosa, e, com isso, serão apontadas convergências e divergências estruturais e conceituais entre os dois textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Demonstração; Espinosa; Método Geométrico; Síntese.

### REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Jorge Gonçalves de. **Uma leitura da Ética I de Spinoza com vistas ao método geométrico**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia.
- ANDRADE, Fernando Dias. Em que sentido se pode afirmar que a geometria da *Ética* é apropriada, adequada e necessária ao seu conteúdo? **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n.3, p.09-16, maio 1998.
- CHAUI, Marilena de Souza. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1995.
- ESPINOSA, Baruch. **Ética: demonstrada à maneira dos geômetras**. 5. ed. Tradução Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Pensadores).
- \_\_\_\_\_. **Tratado da correção do intelecto**. 5. ed. Tradução Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Pensadores).
- EUCLIDES. **Elementos de Geometria**. Tradução Frederico Commandino. São Paulo: Edições Cultura, 1944.
- EUCLIDES. **Os Elementos**. Tradução Irineu Bicudo. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. **O método geométrico em Descartes e Spinoza**. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2011.

KEINERT, Maurício C.. A ordem geométrica e a ordem do mundo. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n.3, p.49-57, maio 1998.

REYNOL, Augusto Filho. Espinosa e a ordem geométrica. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n.3, p.17-30, maio 1998.

ROQUE, Tatiana. **História da matemática: uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TAKAYAMA, Luiz Roberto. Problemas concernentes à ordem geométrica da Ética. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n.3, p.31-47, maio 1998.

## **O JOVEM NIETZSCHE E SCHELLING: A SUPERAÇÃO DAS DUALIDADES ATRAVÉS DA ARTE**

Estevão Bocalon  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
estevaonod@gmail.com

O presente artigo procura estabelecer uma leitura comparativa entre o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) e seu conterrâneo Friedrich von Schelling (1775-1854), um dos principais filósofos representantes do idealismo alemão. A comparação pretendida aqui exige um ponto em comum entre os dois pensadores, e, para tanto, a arte e a tragédia grega parecem fornecer elementos suficientes para estabelecer essa discussão. Posto isso, as obras investigadas para tal propósito são, principalmente, *O Nascimento da Tragédia* (1876) e o quinto prefácio de *Cinco prefácios para cinco livros não escritos* (1872), intitulado *A disputa de Homero*, ambas obras de Nietzsche. Em Schelling, investigaremos as obras *Cartas filosóficas sobre o Dogmatismo e o Criticismo* (1809) e *Filosofia da Arte* (1803). Também serão usados outros textos destes pensadores e de comentadores, quando necessário. Através da leitura desses pensadores, vemos que, para ambos é tema recorrente o da arte, sobretudo a tragédia grega e a relação do homem com o mundo. Tais preocupações foram de fundamental importância para suas respectivas filosofias. Apesar das críticas ao idealismo alemão, feitas por Nietzsche, pretende-se mostrar que as interpretações a respeito da arte trágica por Schelling aproximam-se bastante da perspectiva nietzschiana, como relação conflitante entre homem e mundo, liberdade e determinismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tragédia grega; Metafísica; Liberdade; Determinismo.

### **REFERÊNCIAS**

- MARTON, Scarlett. **Nietzsche e a arte de decifrar enigmas: Treze conferências européias**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Sete letras, 1996.
- SCHELLING, Friedrich W. J. **Filosofia da arte**. Tradução Márcio Suzuki. São Paulo: EDUSP, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Cartas filosóficas sobre o Dogmatismo e o Criticismo**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

## A PROPOSTA ÉTICA DE PETER SINGER: ALCANCES E LIMITES DO UTILITARISMO CONSEQUENCIALISTA E PREFERENCIAL

Everton Marcos Batistela  
UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
em.batistela@hotmail.com

Manoel Adir Kischener  
UEM – Universidade Estadual de Maringá  
manoelkischener@yahoo.com.br

Peter Singer, filósofo australiano nascido em 1946, inicia sua carreira filosófica na Austrália na década de 1970. A partir dos anos 1960, em decorrência de acontecimentos sociais, científicos e tecnológicos, inicia-se uma virada na filosofia, bem como na filosofia moral de língua inglesa, a qual Singer encontra-se vinculado. Essa virada estabelece uma nova reorientação para a filosofia moral e política, que passa de uma perspectiva axiológica neutra, para uma perspectiva prática, ocupando-se de problemas cotidianos que emergem das mudanças sociais em curso. Singer inicia sua carreira filosófica nesse contexto em transformação e vai se caracterizar, marcadamente, até os dias de hoje, como um filósofo que empreende um direcionamento prático para a filosofia e a ética, ocupando-se de problemas cotidianos como bioética, fome, aborto, eutanásia, exploração animal, pacifismo, desigualdade social etc. No contexto do amplo espectro de temas e preocupações de Singer, existe uma questão fundamental que diz respeito à tentativa de constituição de novas bases para um novo sistema ético, em superação ao sistema convencional marcadamente antropocêntrico e especista. Com esse objetivo, Singer parte do Utilitarismo Clássico de Bentham, progredindo para o que ele denomina Utilitarismo Consequencialista. Essa nova perspectiva exige que se analisem as consequências das ações, tendo em vista objetivos e não princípios deontológicos. Considerando que todo ser senciente possui o interesse básico de não sofrer, Singer estabelece que toda ação eticamente correta deve levar em conta o interesse de todos os seres sencientes envolvidos, estabelecendo o princípio ético básico da igualdade na consideração de interesses.

**PALAVRAS-CHAVE:** Peter Singer; Utilitarismo Consequencialista; Princípio de Igualdade na Consideração de Interesses; Senciência; Imparcialidade; Universalizabilidade.

### REFERÊNCIAS

- AYER, Alfred J. **Linguagem, verdade e lógica**. Lisboa: Presença, 1991.
- BAERTSCHI, Bernard. **Ensaio Filosófico Sobre a Dignidade: antropologia e ética das biotecnologias**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- BENTHAM, Jeremy. **Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores)
- FELIPE, Sônia T. Da Igualdade: Peter Singer e a defesa ética dos animais contra o especismo. **Philosophica**, Lisboa, 17/18, p. 21-48, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Por uma questão de princípios: alcances e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.
- FRANKEANA, William K. **Ética**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- JONAS, Hans. **O Princípio da Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

MERINO, M. T. H. **El Problema de la Objetividad en la ética**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid (UCM), 1991. Tesis Doctoral, Facultad de Filosofía y CC de la Educación. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/2276/1/AH2012801.pdf> Acesso em 03/09/2018.

MULGAN, T. **Utilitarismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

RACHELS, J. e RACHELS, S. **Os elementos da Filosofia Moral**. Porto Alegre: AMGH, 2013.

RACHELS, J. **Introducción a la Filosofía Moral**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

SINGER, Peter. **Repensar la vida y la muerte: el derrumbe de nuestra ética tradicional**. Barcelona: Paidós, 1977.

\_\_\_\_\_. **Una izquierda darwiniana. Política, Evolución, Cooperación**. Barcelona: Crítica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Desacralizar la Vida Humana**. Madrid: Catedra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Libertação Animal**. Porto Alegre/São Paulo: Lugano, 2004.

\_\_\_\_\_. Ethics and Intuitions. **The Journal of Ethics**, 9, p. 331-352, 2005. Disponível em <http://www.utilitarian.net/singer/by/200510--.pdf> Acesso em 17/09/2018.

## O CONCEITO DE FASCISMO EM LEANDRO KONDER

Ewerton Proença dos Santos  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
ewerton2705@gmail.com

Esse trabalho tem como objetivo trazer reflexões filosóficas acerca do autoritarismo e do fascismo, esse último termo muitas vezes repetido e pouco compreendido. Através desse ensaio filosófico-político será explanado um breve estudo, tanto sobre a origem etimológica por trás da palavra fascismo, quanto a extensão de diversas compreensões divergentes sobre o seu conteúdo. A discussão do trabalho segue a linha de raciocínio do filósofo Leandro Konder, um pensador que agrega vários estudos sobre essa questão, sintetiza e realiza uma análise histórica, sociológica e filosófica na formação de governos autoritários, e como se consolidam, inclusive contando com o apoio ingênuo da população na sua ascensão. Em seu livro intitulado “Introdução ao fascismo”, aborda a transformação do fascismo ao longo história, como esse movimento político, econômico e social se apropriou e distorceu variados conceitos filosóficos de maneira inconveniente, tais como, as teorias de Sorel e sua concepção de violência, Nietzsche e sua ética aristocrática e o seu conceito de “super-homem”, a ideologia racista de Eugen Dühring etc. Nessa obra escrita por Konder, ele usa de uma metodologia pragmática pautada numa visão marxista e recorre, por conseguinte, a vários pensadores alemães e italianos que viveram em regimes autoritários e fascistas na época. Leandro analisa principalmente a ideologia de Hitler e Mussolini, que desencadearam mais tarde o fascismo alemão nazista e o fascismo italiano. Observando tais períodos e ideologias, ele traz grandes reflexões de como esse movimento ressurgiu periodicamente de forma sutil e camuflada, de como não é possível definir uma única corrente fascista, já que possui uma complexidade difícil de ser explicada em poucas palavras e assume as mais variadas formas. No entanto, ele define alguns elementos básicos da ideologia autoritária e fascista, tais como sua repressão à educação e liberdade do pensamento, os meios e métodos para a manipulação das massas, a composição do militarismo e a força bruta para alcançar os resultados desejados, uso de propaganda e demagogia na cativação para atrair seguidores, a mitificação fantasiosa do estado acima do indivíduo e a figura messiânica política idealizada no líder de estado. Esses são apenas alguns dos elementos que ele dispõe e aprofunda em sua obra, que permitem entender quaisquer indícios e tendências de um movimento extremista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia política; Autoritarismo; Fascismo.

### REFERÊNCIAS

KONDER, Leandro Augusto Marques Coelho. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

## **FOUCAULT E LA BOÉTIE: sobre a atitude crítica**

Fabio Batista  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
fabiobatista1985@bol.com.br

Em 1978 Foucault proferiu a conferência “O que é a crítica?”. Nela, o filósofo francês expôs a noção de atitude crítica, a qual, de acordo com ele, respondia a questão: como não ser governado assim? Para ilustrá-la, deu três exemplos: no campo da religião, a crítica à Bíblia; no âmbito do direito, a crítica à lei; no campo do saber, a crítica à autoridade do saber. Compreendemos que o ensaio de La Boétie sobre a servidão voluntária pode ser lido a partir dessa noção foucaultiana, pois La Boétie, ao buscar pelos motivos da servidão voluntária, também procurava responder a mesma questão-problema: como não ser governado assim e a esse preço? Desse modo, o objetivo desta comunicação é mostrar o que Foucault compreende com a noção de atitude crítica e, em seguida, trabalhar com a possível aproximação dessa noção ao ensaio de La Boétie.

**PALAVRAS-CHAVE:** Foucault; La Boétie; atitude crítica; inservidão; servidão.

### **REFERÊNCIAS**

- FOUCAULT, Michel. ¿Qué es la crítica? [Crítica y Aufklärung]. In: \_\_\_\_\_. **Sobre la Ilustración**. 2. ed. Madrid: Editora Tecnos, 2006. p. 3-52.
- LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso da servidão voluntária**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- LEMKE, Thomas. **Foucault, governamentalidade e crítica**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017.

## A MÚSICA COMO ARTE CAPAZ DE EXPRESSAR O NÚMENO

Fabio Gabriel Semencato  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
PET -Filosofia/Bolsista FNDE  
fabiogabrielsemencato@gmail.com

A comunicação apresenta parte do estudo realizado na pesquisa individual do Programa de Educação Tutorial em Filosofia da UNIOESTE (PETFilosofia) e propõe investigar a maneira pela qual, partindo da oposição à teoria kantiana dos fenômenos (representações), Arthur Schopenhauer transpõe o mundo da representatividade para descrever a ocorrência da arte musical na esfera pura dos *númenos*. Na medida em que faz frente ao conceito kantiano de coisa-em-si (*númeno*), Schopenhauer aponta, em sua abordagem da arte musical, para o solo de todo conteúdo da Teoria Musical, descrevendo-o como ocorrência que se dá nesse domínio puramente numênico. Assim, partindo de uma breve exposição da doutrina estética kantiana na CRP, e do entrelaçamento das faculdades de sensibilidade e entendimento, a discussão conduz aos elementos epistemológicos que fundam esse afastamento ou suspensão da experiência cognitiva, para adentrar na experiência puramente estética, no encontro de conteúdos da esfera musical que explicitam o conjunto de sistemas que compõem e organizam a música. Num primeiro plano, visa-se explicitar o modo de ocorrência da ligação entre si dessas noções e, adiante, da correlação entre elas como explicação da questão aqui levantada, a saber, sobre as condições de elucidação do modo pelo qual a capacidade de produção da música reside em uma esfera pura e transcendental da mente humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música; Fenômeno; *Númeno*; Estética.

### REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.  
SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.  
CORRÊA, Paula da Cunha. **Harmonia - mito e música na Grécia antiga**. São Paulo: Humanitas, USP, 2008.

## NOÇÕES DE LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN

Felipe Belin  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Bolsista (FNDE) do PET-Filosofia  
felipebelin@hotmail.com

Nesta comunicação, serão abordados conceitos que permitem discutir o paradoxo do *Tractatus Logico-Philosophicus* (1968) do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), bem como sua teoria pictórica da linguagem, para então contrapor-los aos conceitos presentes nas *Investigações Filosóficas* (1975), publicada postumamente, por meio da qual Wittgenstein rompe com certa tradição do pensamento (incluindo o de sua primeira fase), quando desenvolvem-se os fundamentos da linguagem pragmática wittgensteiniana. O autor foi um expoente do pensamento que caracterizou a filosofia analítica e concebeu a centralidade da linguagem na atividade filosófica; ele promoveu a chamada “virada linguística”. Sua obra divide-se em duas fases: na primeira, mais ligada à tradição filosófica, houve uma tentativa de delimitar a abrangência da própria filosofia e os limites da linguagem, enquanto expressão do mundo. No *Tractatus*, Wittgenstein afirmou ter solucionado os problemas da filosofia de sua época. A presente comunicação abordará alguns conceitos deste livro, que se contraporão, em alguns pontos, aos da segunda fase. Por ter notado as falhas de seu *Tractatus* e pelo mau uso que alguns pensadores analíticos do Círculo de Viena fizeram dele, Wittgenstein segue outra perspectiva na continuidade de seus estudos sobre a linguagem, pensando-a como produto das ações humanas e cria o conceito de “jogos de linguagem”. Os quais são articulações e convenções entre os seres humanos que se comunicam, sempre diferentes de acordo com suas formas de vida, isto é, considerando os aspectos sociais e culturais de cada grupo. Na introdução do livro, o filósofo diz da importância da compreensão de seu pensamento ligado à lógica e à linguagem formal, em comparação a seus novos conceitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria pictórica da linguagem; Pensamento; Linguagem pragmática.

### REFERÊNCIAS

- ARRUDA Jr, Gerson Francisco de. **10 lições sobre Wittgenstein**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MARTÍNEZ, Horácio Luján. **Linguagem e práxis: uma introdução à leitura do “segundo” Wittgenstein**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- KENNY, Anthony. A teoria pictórica da proposição. Tradução Remi Schorn. In: **Wittgenstein**. Cambridge: Harvard University Press, 1973.

## PARALOGISMOS DA PSICOLOGIA RACIONAL EM KANT

Fernando Lucas John  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
fernandolucasjohn@gmail.com

Na *Crítica da Razão Pura*, Kant rediscute a possibilidade da Metafísica, apontando o modo seguro de a razão trilhar o autoconhecimento para a condição de fundação da ciência. Nessa avaliação da razão pura, ele a expõe como condicionando, com exclusividade, um método em que devem se basear todas as ciências, para constituírem seu conhecimento. Assim, a pergunta pela possibilidade da metafísica como ciência se converte na pergunta pela razão como condicionante do método de todas as ciências particulares, em que a Metafísica não pode ser mais do que ciência dos limites da própria razão. Kant ilustra o modo pelo qual a Matemática e a Física se constituíram como ciência, devido a trazerem consigo a capacidade de determinar *a priori* seus objetos. Isto significa que subjaz a elas uma teoria do sujeito que conhece, cujas condições gerais têm de ser racionalmente explicitadas. Resulta disso a identificação da diferença entre os domínios puro e empírico da razão, na constituição do estatuto puro de faculdades envolvidas na elucidação de condições do pensar *a priori*, em contraste com a elucidação do modo como o conteúdo empírico (matéria) é conectado por essas faculdades conectam com as formas do pensar. Essa diferença Kant apresentou no início da Introdução da CRP, ao dizer: “Ainda que todo o nosso conhecimento comece com a experiência, nem por isso surge ele apenas da experiência”(KANT, 2016, p. 45, B 1). Assim, o conhecimento humano resulta da atividade de duas faculdades, de um lado, a sensibilidade, de outro, o entendimento; a sensibilidade, como capacidade de ser afetado, traz as estruturas de espaço e tempo, que dão forma ao diverso sensível, enquanto o entendimento, pela ligação e síntese do dado na sensibilidade produz, de modo ativo, o conceito para determinar a intuição dada. Por isso, a intuição sem conceito representa a matéria sem determinação, e o conceito sem intuição, uma forma vazia de pensamento, carecendo a ambos serem ligados para que o entendimento produza juízos de conhecimento. Como condição tanto da ligação do diverso da sensibilidade quanto da doação da forma de um juízo, o entendimento dispõe da espontaneidade originária na produção da unidade sintética, a cuja representação, denominada “eu penso” ou apercepção transcendental, representa a unidade qualitativa originária da consciência que unifica em juízos o que foi previamente ordenado pela síntese do diverso sensível. Como condição para relacionar a matéria de conhecimento ao modo de pensar judicativo (Pensar é fazer juízos!), Kant identifica um abuso desse conceito de autoconsciência (eu penso) pela tradição filosófica: em vez de se manter como função meramente lógica do entendimento, foi-lhe atribuído conter um conteúdo substancial (hipostasia). Nesse sentido, Kant desenvolve uma crítica ao modo enganador de tematizar a função lógica do pensar como representando uma substância real [a alma]. O objeto de nossa exposição é explanar a estrutura dos paralogismos (falsos raciocínios) da razão pura: o da substancialidade, o da simplicidade e o da Personalidade da alma, apresentados na Dialética Transcendental, visando elucidar o motivo de desqualificar a alma como um entre todos os objetos de conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eu Penso; Alma; Substancialidade; Simplicidade; Personalidade.

### REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes: 2016.  
HOFFE, Otfried. **Immanuel Kant**. Tradução Christian Viktor Hamm e Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes: 2005.

## COMO SE CONHECE DEUS, SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO

Filipe Luís Brustolin  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
filipebrustolin@hotmail.com

José Francisco de Assis Dias  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
jfad\_br@hotmail.com

Este trabalho tem por tema a explicação de Tomás de Aquino (1225-1274) sobre o conhecimento de Deus e seus atributos, não a partir de uma perspectiva epistemológica, mas apenas investigando/refletindo se é possível certificar-se da existência e dos atributos divinos. Estes não serão aqui trabalhados, propriamente falando, senão a título de exemplo, mas apenas o método tomista que fundamenta a possibilidade de se chegar ao conhecimento de Deus. O problema que se pretende responder, conseqüentemente, é se o homem é capaz de conhecer Deus de maneira filosófica, sem necessidade de recorrer a argumentos de Fé. Primeiro, serão inquiridas as teses mais famosas — a saber, os argumentos *a priori* anselmiano, cartesiano, da verdade e da busca pela felicidade, objetivando refutá-los. Todos os quatro, embora distintos, possuem um fundamento comum: salientam ser Deus autoevidente, ou supõem que através do entendimento mesmo do conceito ter-se-ia já pleno conhecimento de Deus, sendo desnecessária qualquer argumentação ulterior; ou tomam certas coisas autoevidentes que se confundem com Deus como infalivelmente capazes de demonstrar a necessidade igualmente autoevidente da Sua existência. Em segundo lugar, trabalhar-se-á a via *a posteriori* de Tomás de Aquino, que parte dos entes ao alcance da sensibilidade humana para, depois, admitir uma causa necessária e universal de todos eles: Deus; desses mesmos entes extraem-se as características para aplicá-las a Deus, que as possuiria em máximo grau e/ou como fonte das mesmas — é a chamada via apofática. Os objetivos desta pesquisa são, em linhas gerais, esclarecer de maneira preliminar o problema por meio da defesa da tese tomista e, especificamente falando, introduzir o tema, contestar as teses contrárias e, por fim, apresentar sinteticamente a tese *a posteriori* com seus fundamentos. A presente pesquisa encontra justificativa, pessoalmente, por ser tema caro ao pesquisador; academicamente, concorre para o desenvolvimento de um projeto de iniciação científica voluntária, contribuindo para o desenvolvimento teórico do tema no meio científico; a relevância social do tema é evidenciada pela necessidade de se fornecer aos homens e mulheres hodiernos um fundo filosófico para debates atinentes à existência de Deus. O desenvolvimento da pesquisa procederá à leitura analítica das duas principais obras de Tomás: a *Suma Teológica* e a *Suma Contra os Gentios* nos trechos concernentes ao tema. Pretende-se mostrar que, ainda hoje, é possível estudar filosoficamente Deus e demonstrar racionalmente sua existência, conhecendo seus atributos, sem a necessidade de recorrer a argumentos teológicos, exclusivos à Fé.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tomás de Aquino; Conhecimento de Deus; Existência de Deus; Atributos Divinos; Filosofia Medieval; Via Apofática.

### REFERÊNCIAS

- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica:** volume 1, 1ª pars. Tradução Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Suma Contra os Gentios.** Tradução D. Odilão Moura, OSB. Campinas: Ecclesiae, 2017.
- HUGON, Padre Édouard. **Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino:** as vinte e quatro teses fundamentais. Tradução e introdução de D. Odilão Moura, OSB. Porto Alegre: EDPUCRS, 1998.

## A INJUSTIÇA COMO SENTIMENTO INERENTE À IDEIA DE PROPRIEDADE NO *EMÍLIO*, DE ROUSSEAU

Francieli Maria de Lima  
IFPR - Instituto Federal do Paraná  
franceliml@yahoo.com.br

Jean-Jacques Rousseau, na obra *Emílio ou da Educação*, traça um sistema que será aplicado para seu Emílio (um aluno hipotético) a fim de educá-lo. Afirma Rousseau que a primeira ideia que tem que ser dada a Emílio “é menos da liberdade do que a de propriedade” (ROUSSEAU, 2004, p. 104). Atinente ao tema da propriedade não é suficiente que Emílio apenas receba informações sobre seus bens (brinquedos, roupas) se sequer faz ideia de como são produzidos (ROUSSEAU, 2004, 104). Assim, ele precisa vivenciar a experiência da propriedade. Dessa forma, o objetivo desse trabalho consiste em analisar a passagem sobre a ideia de propriedade privada no *Emílio* de Rousseau, através do sentimento de injustiça. Rousseau incentiva Emílio a cultivar a terra, com seu próprio trabalho, dando-lhe favas para que plante em um terreno e as regue todos os dias (conhecido como o episódio das favas). Após depositar seu tempo, trabalho e zelo, um dia a criança “chega apressada, de regador na mão. O espetáculo! Ó dor! Todas as favas foram arrancadas, todo o terreno está revirado [...] quem me tirou o que era meu? O jovem coração se revolta; o primeiro sentimento da injustiça” (ROUSSEAU, 2004, p. 105). No entanto, o que Emílio não sabia, é que plantou em terreno que já tinha anterior ocupante: o jardineiro Robert, que antes das favas, havia semeado no local preciosas sementes de melão de Malta (ROUSSEAU, 2004, p. 105). Em um diálogo entre os três (Emílio, Robert e Rousseau) após ouvirem as queixas de Robert por perder as sementes, Rousseau afirma: “não trabalharemos na terra antes de saber se alguém não a lavrou antes de nós” (ROUSSEAU, 2004, p. 106). Emílio questiona: “senhor Robert, então é frequente perder as sementes de melão?” Robert responde: “[...] ninguém toca no jardim do vizinho; cada qual respeita o trabalho do outro” Emílio replica: “mas eu não tenho jardim”. Robert responde: “Que me importa, se estragares o meu, não te deixarei mais passear por ele” (ROUSSEAU, 2004, p. 106). A passagem das favas revela a tentativa de ensinar Emílio a respeitar as convenções e a propriedade do anterior possuidor que a cultivava. No entanto, o primeiro sentimento que ele tem associado à propriedade privada é o de injustiça. Nesse sentido, sustenta-se nesse trabalho que o sentimento de injustiça vivenciado por Emílio é inerente à propriedade privada e sofre transformações na obra. Primeiro, ele se sente injustiçado porque teve seu trabalho, na plantação e cultivo, destruído. Todavia, quando descobre que havia uma posse anterior a sua e que a terra já havia sido trabalhada, questiona o primeiro possuidor sobre os prejuízos que teve com a semente, demonstrando empatia e preocupação, parecendo superar o sentimento de injustiça. Depois, quando descobre que todas as terras já possuíam proprietários, sente-se novamente injustiçado porque não tem nenhuma terra para cultivar. Nesse sentido, esse trabalho visa abordar o sentimento de injustiça como inerente à ideia de propriedade no *Emílio* de Rousseau.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rousseau; Propriedade; Emílio; Favas; Injustiça.

### REFERÊNCIAS

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.  
FRANCISCO, Maria de Fátima Simões; CALÇA, Robson Pereira. Do contrato social ao Emílio: política e educação em Rousseau. **International Studies on Law and Education**, São Paulo, n.31/32, p. 107-114, 2019. Disponível em: <[http://www.hottopos.com/isle31\\_32/107-114FatRbs.pdf](http://www.hottopos.com/isle31_32/107-114FatRbs.pdf)>. Acesso em 17 out. 2018.  
\_\_\_\_\_. ; \_\_\_\_\_. Rousseau e a educação como arte política. **International Studies on Law and Education**, São Paulo, n.31/32, p. 75-84, 2018. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle28/75-84Fatima.pdf>>. Acesso em 17 out. 2018.

# UMA ANÁLISE DO ARGUMENTO DO CONJUNTO DEFEITUOSO DE VAN FRAASSEN E SEU IMPACTO NO REALISMO CIENTÍFICO

Gabriel Chiarotti Sardi  
UEL - Universidade Estadual de Londrina  
IC-CNPq  
gabrielchi@hotmail.com

Ao longo do debate em torno do realismo científico, os adeptos de tal vertente filosófica buscaram inúmeras vezes fundamentar sua posição através do famoso argumento da Inferência da Melhor Explicação (Inference of the Best Explanation - IBE), o qual se propõe como um reflexo da prática inferencial científica através da eliminação de hipóteses rivais. Bas van Fraassen (1989) elaborou uma crítica a essa defesa, com o assim denominado Argumento do Conjunto Defeituoso (*Bad Lot*), no qual o autor questiona a possibilidade de IBE esgotar todas as possíveis alternativas de comparação, pois a hipótese adotada pode ser a melhor de um conjunto defeituoso avaliado. Os realistas objetaram ao argumento, primeiramente alegando que a posição empirista de van Fraassen sofre as mesmas consequências que a posição realista e, sobretudo, que tal argumento não tem relação com a prática científica real, não sendo mais do que uma objeção de cunho lógico e abstrato, por não considerar o conhecimento anterior consolidado. O presente artigo visa, em um primeiro momento, a reconstrução dos argumentos da IBE e *Bad Lot*, bem como suas críticas, mostrando suas lacunas e indicando que uma possível solução seja um estudo minucioso do conceito de *conhecimento anterior*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bas van Fraassen; Realismo Científico; *Bad Lot*.

## REFERÊNCIAS

- BERKELEY, George. De Motu. Tradução Marcos Rodrigues da Silva. **Scientiae Studia**. v. 4, n. 1. , 2006.
- BIRD, Alexander. Inferência da Única Explicação. **Cognitio**, 15(2):375-384, 2014.
- BUENO, Otávio. **O Empirismo Construtivo: uma reformulação e defesa**. Campinas: Unicamp, 1999.
- CURD, Martin; PSILLOS, Stathis (org.). **The Routledge Companion to Philosophy of Science**. Abingdon-Oxon: Routledge, 2014.
- FUMERTON, Richard. Induction and Reasoning to the Best Explanation. **Philosophy of Science**, 47, 1980.
- FRENCH, Steven. **Ciência: conceitos-chave em filosofia**. Tradução André Klaudat. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GHINS, Michel. **Uma introdução à metafísica da natureza: Representação, realismo e leis científicas**. Tradução Eduardo Salles O. Barra e Ronei Clécio Mocellin. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.
- HARMAN, Gilbert. The Inference to the best Explanation. **Philosophical Review**, Vol. 74, 88-95, 1968.
- LAUDAN, Larry. A Confutation of Convergent Realism. **Philosophy of Science**, Vol. 48, No. 1, pp. 19-49, 1981.
- \_\_\_\_\_. **O progresso e seus problemas**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- NEWTON-SMITH, W. Berkeley's Philosophy of Science. In: FOSTER, J. ; ROBINSON, H. (eds.) **Essays on Berkeley**. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- OKASHA, Samir. **Philosophy of science: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- PUTNAM, Hilary; PERUZZO, Léo. Interview: Mind, Body and World in the philosophy of

- Hilary Putnam. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 38, n. 2, 2015.
- PSILLOS, Stathis. **Scientific realism: how science tracks truth**. London: Routledge, 1999.
- \_\_\_\_\_. Sobre a crítica de van Fraassen ao Raciocínio Abductivo. Tradução de Marcos Rodrigues da Silva e Alexandre Meyer. **Revista Crítica**, Londrina: UEL, 2000.
- SILVA, Marcos. Instrumentalismo e explicação científica no de motu de Berkeley. **Scientiae Studia**, vol. 4, n. 1, 2006.
- \_\_\_\_\_. O problema da aceitação de teorias e a inferência da melhor explicação. **Cognitio** v. 12, n. 2011.
- \_\_\_\_\_. ; CASTILHO, Daiane. Inferências eliminativas e o problema das alternativas não concebidas. **Filosofia Unisinos**, v. 16.
- \_\_\_\_\_. ; MINIKOSKI, Débora. Van Fraassen e a inferência da melhor explicação. **Problemata: R. Intern. Fil.** v. 7. n. 1, 2016.
- SOUZA, Edna Alves. **Um estudo do argumento do milagre na defesa do realismo científico**. 218 págs. Doutorado em Filosofia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- VAN FRAASSEN, Bas. **The Scientific Image**. Oxford: Clarendon Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Laws and Symmetry**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A imagem científica**. Tradução Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

## O ETERNO FEMININO NA OBRA "CRIME E CASTIGO", DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Gabriela Araújo Fornari  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
gabifornari.fornari@gmail.com

Thais Ferreira Menezes da Silva  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
thaisferreirdemenezes@hotmail.com

Sandra Cristina Boufleur  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
sandra.boufleur@hotmail.com

O eterno feminino se configura como um conceito referente à figura estática do ideal feminino, produzida socialmente, sendo elencado por Goethe em sua obra "*Fausto*", publicada em (1749-1832). O objetivo deste trabalho consiste em analisarmos duas personagens da obra "*Crime e Castigo*", de Fiódor Dostoiévski, partindo do conceito inicial apresentado. Dessa forma, ao voltarmos o olhar para Sônia e Dúnia – as personagens elencadas –, através da análise de conteúdo, relacionamos suas construções às nuances da sexualidade feminina vivida na época em que a obra foi escrita (século XIX). Sinalizamos como elementos influenciadores sobre a sexualidade no século XIX: a religião, através da atribuição da ideia de pecado à prática sexual, bem como o enaltecimento da confissão e a crença na salvação divina; o desenvolvimento da economia capitalista, colocando sobre a população a necessidade de produção de bens e riquezas para a sobrevivência; e a valorização do pensamento científico, passando a ser relevante... Conjecturamos que ambas as personagens são desenhadas a partir do ideal feminino, como apontado pelo eterno feminino, sendo descritas como bondosas, amáveis, compreensivas, entre outras características correlacionadas socialmente à figura feminina. Ambas as personagens são vistas de forma idealizada e santificada pelos demais personagens da obra, sendo incumbidas de desprender cuidados, compreender e perdoar o próximo, serem amáveis, entre outras características. Esse movimento é compreendido através do eterno feminino, na medida em que expressa que esses elementos são projetados socialmente sobre a mulher, mesmo desde seu nascimento. Observamos, ainda, que ele se estende até a maturidade, tendo em vista que a figura feminina é considerada, no decorrer da obra, como possível de *resgatar* o homem quando este necessitar de sua ajuda. Dostoiévski constrói a obra atribuindo ênfase à sexualidade feminina, tendo sua prática como forma de auxílio financeiro à família – seja através da prostituição, seja por meio do casamento arranjado. Visualizamos que as exigências sociais inscreviam na mulher do século XIX a posição de renúncia de seus desejos sexuais, sendo consideradas plausíveis práticas sexuais com o propósito de auxílio a terceiros, trazendo a ideia de santificação da figura feminina. Durante o desenvolvimento da trama, notamos a dificuldade de aceitação dos personagens, de que um único ser fosse dotado de características próprias do ideal feminino e ainda assim apresentasse condutas avessas àquelas esperadas socialmente. Nesse meio temos, então, o que é próprio do humano: a contradição, a dubiedade, o contrassenso. Esses elementos rondam o sujeito e possibilitam que haja movimento, ação, resultando em inúmeros sentimentos e sensações que são inerentes ao indivíduo. Sinalizamos que não é possível cogitar um indivíduo que não possua incongruências em seu próprio ser. Para compreender o ser humano, é necessário considerar a totalidade de suas facetas, desde as mais enaltecidas até as mais esdrúxulas, pois todas fazem parte de um emaranhado de significados que constituem o sujeito, não necessariamente invalidando umas às outras, mas convivendo ao lado umas das outras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eterno Feminino; Figura Feminina; Ideal Feminino.

## **REFERÊNCIAS**

DOSTOIÉVSKI, Fiodór. **Crime e Castigo**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

## SOBERANIA E A PRÁTICA LEGISLATIVA NO CONTRATO SOCIAL, DE ROUSSEAU

Geovana Alice Alves da Cruz  
FAG - Faculdade Assis Gurgacz

Thanyse Vanzella  
FAG - Faculdade Assis Gurgacz  
Thanyse.vanzella@outlook.com

Saulo Sbaraini Agostini  
FAG - Faculdade Assis Gurgacz  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
ssagostini@gmail.com

Esta pesquisa tem como objetivo abordar as principais características acerca da soberania e o papel do legislador na visão do filósofo Jean Jacques Rousseau. Partindo do entendimento que o homem no estado de natureza nasce bom e livre, busca-se demonstrar como a passagem para a sociedade civil “acorrenta-o”, pois, segundo ele, a soberania do Estado, através de suas leis, impõe normas a serem seguidas para se buscar o bem comum. A partir desta afirmativa, o filósofo pretende encontrar uma solução para que o homem permaneça livre, mesmo que cumprindo normas impostas para o bem da coletividade. Modifica, então, por meio do contrato, o entendimento de governo e soberania, atribuindo o poder ao povo, para que este tenha a soberania para criar normas e, assim, governar seguindo sua vontade. Possibilita, assim, liberdade e bem estar na sociedade civil, visto que, se o povo mesmo criasse as normas, pensaria nele como parte da sociedade, e talvez assim deixasse o individualismo de lado. Diante disso, perguntamos: como a soberania surge e age na sociedade? Ainda no *Contrato Social*, Rousseau aborda o papel do legislador no livro II, capítulo VI. Neste, ele explica qual maneira deve ser adotada para melhor ditar as regras dentro da sociedade. O legislador deve ter um intelecto aguçado, que conhece as necessidades do homem sem compartilhar delas, isto é, reconhece os problemas que a sociedade enfrenta sem colocar suas intenções particulares à frente do coletivo, uma imparcialidade a fim de formar interesses e articular uma visão do bem comum. Busca-se desenvolver, assim, o papel do legislador, demonstrando a responsabilidade que ele tem de expressar a vontade geral do povo, transportando as aclamações públicas no cenário político. O legislador busca fazer um intermédio entre povo e governo, ditando as leis necessárias para unir direitos e deveres, se remetendo à justiça como objetivo, sem deixar se corromper pelas paixões advindas da natureza do homem. As dificuldades que o legislador tem de enfrentar, e que serão abordadas neste artigo, são: qual o melhor meio de ditar as regras ao coletivo? Como isso é possível sem possibilitar interpretações diferentes? Qual a linguagem a ser utilizada de forma a abranger a todos? Outrossim, como desconstruir concepções, muitas vezes incorrigíveis, formadas a partir das pessoas mais velhas? Dessa forma, o foco do legislador é fazer com que os mais jovens compreendam as regras, porque é mais fácil construir um pensamento partindo do início, do que desconstruir uma ideia já formada. Com base nos argumentos e questões apresentados é que se enseja o desenvolvimento deste artigo acerca da relação entre soberania e legislativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Soberania; Legislador; Governo; Leis.

### REFERÊNCIAS

ANTUNES, Vanderlei Lemos. O Conceito de Soberania em Jean-Jacques Rousseau. *Controvérsia* – v.2, n.1, p. 70-77, jan-jun, 2006.

LIMA, Rômulo de Araújo. **10 Lições sobre Rousseau**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2014.  
MORRIS, Clarence. **Os Grandes Filósofos do Direito**. Tradução Reinaldo Guarany. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.  
ROUSSEAU, Jean Jacques. **O contrato social**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.  
\_\_\_\_\_. **O contrato social**. Tradução Antonio de P. Machado. 19. ed., Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

## DE ENCONTRO AO NADA: a pulsão de morte

Geovane dos Santos da Rocha  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
geovanesdarocha@outlook.com

Michaela Carla Laurindo  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
michaela.laurindo@pucpr.br

Dentre as elaborações conceituais da psicanálise, a pulsão certamente ocupa um patamar de destaque e importância para o entendimento do funcionamento psíquico. Isso porque o estímulo pulsional, situado na fronteira entre soma e psique, atua como uma força incessante que requer satisfação através de modificações específicas da fonte interna emissora de estímulos. Contudo, esta formulação, durante o desenrolar das obras de Sigmund Freud, sofre alterações e desenvolvimentos diversos, tendo a presença de duas dualidades. A primeira, regida pelo princípio do prazer, descreve as pulsões sexuais e as suas conexões às pulsões de autoconservação. A segunda, entretanto, ultrapassa o princípio do prazer e descreve as pulsões de vida e as pulsões de morte. À vista disso, o presente estudo realiza uma leitura do conceito psicanalítico de pulsão – desde suas primeiras aparições até a elaboração final freudiana (pulsão de morte) –, destacando suas vicissitudes no aparelho psíquico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise; Pulsão de morte; Repetição.

### REFERÊNCIAS

- CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Larousse, 1995.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre 5 abordagens**. 3.ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- FREUD, S. A Concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1910/1996a.
- \_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996b.
- \_\_\_\_\_. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1909/1996c.
- \_\_\_\_\_. O id e o ego. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996d.
- \_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996e.
- \_\_\_\_\_. Os instintos e suas vicissitudes. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996f.
- \_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996g.
- \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996h.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **O seminário - Livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964/1992.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto da observação e descoberta. In MINAYO, M. C. S, DESLANDES S. F. & GOMES R.. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2007. (pp. 61-78).

**BEFINDLICHKEIT E STIMMUNG:  
os afetos na analítica existencial de Martin Heidegger**

Giovani Augusto dos Santos  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
santos.gio@live.com

Libanio Cardoso  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
libanio\_cardoso@yahoo.com.br

A questão sobre o ser sempre acompanhou Heidegger em todos os seus caminhos filosóficos. À luz desse projeto principal, outros temas ganharam a atenção do filósofo, à medida que servem a pensar o ser. Um desses temas é o afeto, tema do presente trabalho. Ao falar sobre afetos, Heidegger utiliza dois termos, a saber, *Befindlichkeit* e *Stimmung*. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar esses fenômenos, especificamente na analítica existencial do ser-aí. Encontra-se no início do §29 de *Ser e tempo* a seguinte indicação: “O que indicamos ontologicamente com o termo disposição [*Befindlichkeit*] é, onticamente, o mais conhecido e o mais cotidiano, a saber, o humor [*die Stimmung*], o estar afinado num humor [*das Gestimmtsein*]”. Nesse sentido, pode-se questionar: o que o autor quer indicar com os termos *Befindlichkeit* e *Stimmung*? Os termos disposição e humor traduzem precisamente esses fenômenos? Existem outras palavras que melhor traduzam? Para além da tradução, como compreender a *Befindlichkeit* e a *Stimmung*? São eles dois fenômenos ou um único? Tentando pensar essas questões, será utilizada uma revisão narrativa de literatura, especificamente de *Ser e tempo*, e de tradutores e comentadores da obra heideggeriana, indicando que, embora sejam fenômenos de difícil tradução, é possível pensar de maneira mais afinada com Heidegger dependendo do termo utilizado para traduzir alguns de seus termos para o português. Também será possível compreender que, embora dois fenômenos, *Befindlichkeit* e *Stimmung* são fenômenos correlatos ôntico-ontológicos. E, ainda que, de maneira provisória, ter-se-á uma visão do papel que os afetos assumem na economia, não só da ontologia fundamental, mas do próprio exercício do pensamento na obra heideggeriana.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Befindlichkeit*; *Stimmung*; Afetos; Analítica existencial; Heidegger.

## REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, Martin. **Being and time**. Tradução John Macquarrie e Edward Robinson. Oxford, UK: Blackwell Publishers, 1962.
- HEIDEGGER, Martin. **El ser y el tempo**. Tradução José Gaos. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1951.
- \_\_\_\_\_. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão**. Tradução Marco Antônio Casanova. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- \_\_\_\_\_. Sein und Zeit. In: **Gesamtausgabe Band 2**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Tradução Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012. (Edição bilíngue português-alemão).
- \_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante. 10. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- BORGES-DUARTE, Irene. O afecto na Análise Existencial heideggeriana. In: CASANOVA, M. A.; ESTRADA, P. C. D.. **Fenomenologia Hoje V. Fenomenologia e Filosofia Prática - Atas do V Congresso Luso-Brasileiro de Fenomenologia**. Rio de Janeiro, Via Verita, 2015. p. 3-19. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/18116> Acesso em: 28 de jun. de 2018.

CASANOVA, Marco Antonio. **Compreender Heidegger**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de Ser e tempo**. Volume 1 – Existência e mundaneidade. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

\_\_\_\_\_. Notas do tradutor. In. HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão**. Tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ELPIDOROU, Andreas; FREEMAN, Lauren. Affectivity in Heidegger I: moods and emotions in Being and time. **Philosophy Compass**, v. 10, p. 661-671, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/280134255\\_Affectivity\\_in\\_Heidegger\\_I\\_Moods\\_and\\_Emotions\\_in\\_Being\\_and\\_Time](https://www.researchgate.net/publication/280134255_Affectivity_in_Heidegger_I_Moods_and_Emotions_in_Being_and_Time) Acesso em: 17 de set. de 2018.

GREISCH, Jean. **Ontologie et temporalité**: Esquisse d'une interprétation intégrale de Sein und Zeit. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Tradução Luísa Buarque de Holanda; Revisão técnica Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

KOECHER, Jouko. Heidegger's concept of Stimmung and its relevance to the practice of psychotherapy. **Existential Analysis**, v. 24, n. 2, p. 263-267, 2013. Disponível em: <http://go.galegroup.com/ps/>

XOLOCOTZI, Ángel. Introducción. **Studia Heideggeriana**, v. 4, p. 9-20, 2015.

## UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA SOBRE O “HOLOCAUSTO BRASILEIRO”

Giullya Schuster de Almeida  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
giullya-sa@hotmail.com

Cristiele Rhoden  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
rhoden375@outlook.com

Este trabalho visa explorar os argumentos Foucaultianos acerca da história do Hospital-colônia de Barbacena, em Minas Gerais, lugar onde morreram mais de 60 mil pessoas, vítimas da precariedade de tratamento, da estrutura e do descaso. Propomos uma visão sobre os métodos utilizados como tratamento para a loucura, e toda a infraestrutura dessas instituições, por meio do pensamento Foucaultiano. Sendo utilizado como base o texto *A Casa dos Loucos*, em que Foucault trata do movimento da antipsiquiatria, que eclodiu no final do século XIX, com o surgimento dos hospitais psiquiátricos. Esta estrutura feita pela psiquiatria leva a uma separação entre aquele que tem o poder e aquele que não tem. O doente mental, nesse caso, era tratado como alguém sem direitos, o médico e os enfermeiros podiam fazer o que bem entendiam com seus pacientes. A relação entre médico e paciente envolvia métodos de sujeição que não poderiam mais ser reconhecidos. Sua crítica não se baseia apenas no autoritarismo do psicanalista, mas, sim, na adequação de produção da verdade nessa relação de poder entre médico e paciente. Ao médico, ficava a responsabilidade de conhecer a doença, para fazê-la aparecer. A doença era estimulada para que pudesse ser descoberta em sua verdade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antipsiquiatria; Foucault; Hospital Colônia.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASAGLIA, Franco. **Psiquiatria y Antipsiquiatria**. México: Editora Salvat, 1973.  
FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.  
HOLOCAUSTO Brasileiro. Direção de Daniela Arbex e Armando Mendz. Produção Daniela Arbex e Alessandro Arbex. Barbacena: History Channel Brasil, 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=izE\\_vxYqUiU](https://www.youtube.com/watch?v=izE_vxYqUiU)>. Acesso em: 21 out. 2017.

## NIETZSCHE E A SUPERAÇÃO DO SENTIMENTO DE CULPA EM *HUMANO, DEMASIADO HUMANO I*

Gracy Kelly Bourscheid Pereira  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
gkbourscheid@hotmail.com

Este trabalho investiga aspectos do pensamento de Nietzsche sobre a moralidade. Observamos que a análise acerca do surgimento histórico dos sentimentos morais se destaca no pensamento filosófico sobre o tema. Diferente da abordagem de muitos moralistas, o filósofo alemão não buscou analisar a moral a partir de conceitos absolutos. Sua abordagem crítica intenta evidenciar que os sentimentos morais surgiram em comunidades remotas, desenvolveram-se historicamente e podem ser transformados. Analisaremos a investigação sobre a origem dos sentimentos morais em *Humano, demasiado humano I* (1878), observando em que medida os primeiros escritos de Nietzsche sobre a moralidade influenciaram as suas perspectivas morais presentes nas obras posteriores. No elo entre os períodos do seu pensamento sobre a moral, veremos uma campanha vigorosa contra o sentimento de culpa. O filósofo considera o resgate da história dos sentimentos morais como importante instrumento para que o homem compreenda que o sentimento de culpa é um erro moral que o prejudica. Em 1878, o filósofo se ocupa em analisar a história dos sentimentos em oposição às convicções metafísicas que tornaram o homem culpado. Considerando as ações humanas como completamente necessárias, enfatiza que o homem precisa conhecer a sua irresponsabilidade sobre as ações para se livrar da culpa moral. Nietzsche nos indica que, assim como a moralidade fez surgir o homem culpado, consciente de sua culpa, o conhecimento dos aspectos históricos da moralidade permitirá o surgimento de um novo homem, um homem sábio e inocente. Essa inversão no modo de ver as ações, permite que o homem recuse todos os mecanismos que limitam a expansão de suas forças. Observamos que a investigação histórica dos sentimentos morais e da obediência à tradição abordada nos primeiros escritos constitui uma etapa importante para o projeto nietzschiano de superação do sentimento de culpa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nietzsche; Sentimentos morais; Sentimento de culpa.

### REFERÊNCIAS

- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres**. Volume 1. 12ª reimp. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- FREZZATTI Jr., W. A. As noções de história na II Consideração *Extemporânea* e em *Humano, demasiado humano*. **Cadernos Nietzsche**. vol. 39. n. 1. São Paulo, jan/abr 2018.
- \_\_\_\_\_. Le développement de la culture dans *Humain, trop humain*. In: DENAT, Céline; WOTLING, Patrick. **Humain, trop humain et les débuts de la réforme de la philosophie**. Reims: Épure, 2017.
- ITAPARICA, André Luís Mota. **Nietzsche: estilo e moral**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002.
- WOTLING, Patrick. Sentimentos. Tradução Maria Vitoria Kessler. In: **Dicionário de ética e filosofia moral**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2013.

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DO *DIDASCÁLICON*, DE HUGO DE SÃO VÍTOR

Guilherme Alves de Souza  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
gui\_de\_s@hotmail.com

Gilmar Henrique da Conceição  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
gilmarhenriqueconceicao@hotmail.com

As obras de Hugo de São Vítor, no século XII, foram precursoras da Revolução Cultural. A divisão da Filosofia em quatro principais ciências com as suas subdivisões e, juntamente, a inclusão das artes mecânicas, foram resultado de uma observação feita pelo filósofo de que os tempos estavam mudando e as necessidades da população que frequentava as escolas, também. Para ele, todo processo de conhecimento do homem deve conduzir à Sapiência, que em sua Filosofia, é o próprio Deus: origem e fim de todas as coisas. Para se alcançar a Sapiência, não basta querer, é preciso se utilizar dos meios que sejam realmente eficazes para se atingir este fim e de uma maneira integral, ou seja, que supra todas as carências humanas. Por isso, ele escreve sua principal obra, o *Didascálicon* – Da Arte de Ler, pois, segundo o filósofo vitorino, o processo de aprendizagem escolástico se inicia na leitura, mas não simplesmente enchendo a cabeça com textos; é preciso abstrair os conhecimentos que são realmente importantes ao aluno, para conseguir colocá-los em prática da melhor maneira possível e levá-los à Sapiência. Segundo Boleta (2009), “para São Vítor, o estudo da leitura, a educação e o ato de ensinar, devem destinar-se ao conhecimento dos prodígios da natureza e por meio deles conhecer o Artífice dela. Além de estar em conexão com a Mente divina, o ato de ler é, pois, um ato moral e político, ou seja, envolve tomada de atitude, ação” (p. 10). Assim, o método desenvolvido pelo filósofo vitorino consistia em cinco degraus: leitura, meditação, oração, prática e contemplação. O primeiro degrau é o mais importante, pois se mostra como sendo a base do saber filosófico. Para isso, não basta que o aluno leia tudo o que aparecer em sua frente, nem que o professor ordene que leia tudo o que ‘parece’ pertinente, mas que inicie a partir da divisão das disciplinas, jamais desconsiderando algum texto como sendo inútil. Ele divide, portanto, a Filosofia em quatro áreas: ciência teórica, ciência prática, ciência mecânica e ciência lógica. No entanto, para ele, a ciência lógica deve ser a primeira a ser ensinada, para que possibilite organizações linguísticas que abram espaço para o conhecimento; em seguida, deve ser ensinada a ética, depois a teórica e, por último, a mecânica. A introdução da ciência mecânica à Filosofia foi a grande novidade da época, pois até então a tradição filosófica não havia inserido essas artes. Todo este método possuía uma finalidade: conduzir o homem até a Sapiência que, para ele, era Deus. Todo esse esforço engendrado para que o homem possuísse um desenvolvimento integral e virtuoso devia ser posto em prática para que outros também pudessem subir os degraus do conhecimento e chegar à Sapiência: origem e finalidade de todos os esforços humanos, por isso se diz que é também um ato moral e político.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hugo de São Vítor; Filosofia Medieval; *Didascálicon*; Ensino; Aprendizagem.

### REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução Giovanni Reale. Vol. 2. Petrópolis: Edições Loyola, 2013.  
ATHAYDE, Wesley Rodrigues. A sapiência e as sete artes liberais segundo Hugo de São Vítor. **Humanidades em Diálogo**, v. 1, n. 1, p. 179-195, 23 dez. 2007.  
BOLETA, Umbelina Scandolaro. Hugo de São Vítor e suas contribuições para a educação do século XII. In: ANAIS da VII Jornada de estudos Antigos e Medievais. UEM: Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2008/pdf/c002.pdf>>. Acesso em 19 set. 2018.

COUTINHO, Jorge. **Elementos de história da filosofia medieval**. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2008.

CRISTIANISMO. **Notas sobre a pedagogia de Hugo de São Vítor**. São Paulo, atual. 15 out. 1994. Disponível em: <<http://www.cristianismo.org.br/pedggvit.htm>>. Acesso em: 13 set. 2018.

JEANEAU, Édouard. **A filosofia medieval**. Lisboa: Edições 70, 1986.

GILSON, Etienne. **História da Filosofia cristã: desde as Origens até Nicolau de Cusa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálicon da arte de ler**. Tradução Antônio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Aureci Santos Torres da; PERIN, Conceição Solange Bution. Educação e ensino medievais – contribuição de Hugo de São Vítor (1096-1141): Didascálicon da arte de ler. In: Anais da XIV Jornada do HISTEDBR. Unioeste: Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em: <<https://midas.unioeste.br/sgev/eventos/HISTEDBR/anais>>. Acesso em 19 set. 2018.

## JEAN-PAUL SARTRE: EXISTENCIALISMO E LIBERDADE

Guilherme Baggio Costa  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
guilhermebaggiocosta@hotmail.com

O presente artigo busca abordar um dos mais importantes pensamentos do século XX, o existencialismo de Jean-Paul Sartre. Este filósofo francês trouxe profundas reflexões sobre a existência humana, em especial quanto ao entendimento da liberdade como constitutiva do ser. Sartre analisou o sujeito como ontologicamente indeterminado; a liberdade vista como originária leva a compreender a historicidade a partir da dialética entre liberdade subjetiva e condições objetivas. O existencialismo de Sartre foi crucial para o entendimento da racionalidade como projeto, não mais observada como característica meramente 'inata'. Mulheres e homens têm responsabilidade para consigo mesmos e as instituições; a justiça reside no âmbito histórico, visto a existência humana constituir-se pelo fazer, ser e ter, e não por alguma essência prévia. Em uma sociedade estruturada por normas e sistemas, os ideais de Sartre potencializam a consciência e as variadas lutas pela liberdade. Isso levou a que o existencialismo fosse visto como a mais nova corrente político-filosófica de compreensão do ser, facticidade humana, projeto, responsabilidade, consciência, subjetividade e ética. A presente comunicação, sob a forma de ensaio teórico, analisará conceitos da ontologia fenomenológica da liberdade e do existencialismo sartreano, privilegiando tematicamente a nova concepção do sujeito histórico (projeto e liberdade, o Para-si) nas obras *O ser e o nada* e *O existencialismo é um humanismo*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sartre; Existencialismo; Liberdade; Humanismo; Ética Política.

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Sartre: Direito e Política: Ontologia, liberdade e revolução**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- BELO, Renato dos Santos. **O Paradoxo da Liberdade: Psicanálise e História em Sartre**. São Paulo, 2006.
- SARTRE, J-P. **O Existencialismo é um humanismo**. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_. **O Ser e o Nada**. 8<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, Cléa Góis e. **Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre**. Londrina: Uel, 1997.

## BOSSUET, UM PRECURSOR DA FILOSOFIA ESPECULATIVA DA HISTÓRIA

Guilherme José Santini da Silva  
IFMT – Instituto Federal do Mato Grosso  
PUCSP – Pontifícia Universidade Católica SP  
Bolsista CAPES  
gjsantini@gmail.com

A Filosofia da História enquanto reflexão acerca do sentido da História é um produto tipicamente moderno na História da Filosofia. À modalidade de reflexão filosófico-histórica que pressupõe haver um sentido da História e que esse sentido seja redutível ao conhecimento humano é dado o nome de *especulativa*. A Filosofia especulativa da História assim concebida tem entre seus expoentes mais famosos alguns filósofos franceses do fim do século XVIII e início do século XIX, ligados à Revolução Francesa e ao Positivismo, como Turgot, Condorcet, Saint-Simon e Comte. O objetivo deste artigo é expor a hipótese de que Jacques-Bénigne Bossuet, teólogo do fim do século XVII, seria um precursor dessa modalidade de reflexão tipicamente moderna. Bossuet seria um precursor da Filosofia especulativa da História, na medida em que ele prega — como veremos em diferentes momentos de sua obra — certos pressupostos do conhecimento histórico, que, uma vez comparados àqueles da Filosofia especulativa da História, permitem observar relevantes afinidades teóricas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia da História; Bossuet; Teoria do Conhecimento Histórico.

### REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. **Dimensions de la Conscience Historique**. Paris: Belles Lettres, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Les Étapes de la Pensée Sociologique**. Paris: Gallimard, 1969.
- ASSIS, A. A. Por que se escrevia história? Sobre a justificação da Historiografia no mundo ocidental pré-moderno. In: SALOMON, Marlon (org.). **História, Verdade e Tempo**. Chapecó: Argos, 2011, p. 105-132.
- BOSSUET, Jacques-Bénigne. Sermão sobre a Providência. Tradução Edmilson Menezes. In: MENEZES, Edmilson. **História e Providência: Bossuet, Vico e Rousseau**. Ilhéus: Editus, 2006, p. 33-52.
- \_\_\_\_\_. **Discours sur l’Histoire Universelle, à monseigneur le Dauphin**: pour expliquer la suite de la religion et les changements des Empires depuis le commencement du monde jusqu’à l’empire de Charles Magne. Paris: Louis Roulland et fils, 1691. Acessível online em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57391n.image>. Acessado em 29 de Outubro de 2018.
- \_\_\_\_\_. **Oraison Funèbre de Marie-Therèse d’Autriche, Reine de France et de Navarre, Épouse de Louis le Grand et Mère de Monseigneur le Dauphin**. Toulouse: J. Boude, 1683. Acessível online em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8508501.image>. Acessado em 29 de Outubro de 2018.
- CIORAN, Emil. **Oeuvres**. Paris: Gallimard, 1995.
- COLLINGWOOD, R. G. **Idea de la Historia**. Cidade do México: FCE, 2010.
- CONDORCET. **Esquisse d’un Tableau Historique des Progrès de l’Esprit Humain**. Paris: Vrin, 1970.
- D’ASSUNÇÃO, José Barros. **Teoria da História v. I: Princípios e Conceitos Fundamentais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- GROETHUYSEN, Bernard. **La Philosophie de la Révolution Française**. Paris: Gallimard, 1956
- HAZARD, Paul. **O Pensamento Europeu no Século XVIII**, t. I e II. Lisboa: Editorial Presença, 1974.
- \_\_\_\_\_. **La Crise de la Conscience Européenne: 1680-1715**. Paris: Boivin et Cie., 1934.

- HUPPERT, George. **The idea of Perfect History: historical erudition and historical philosophy in Renaissance France.** Urbana: University of Illinois Press, 1970.
- JULIÃO, José Nicolao. Ensaio de Introdução à Filosofia da História. **Veritas**, v. 55, n. 3 p. 236-250, 2010.
- KOSELLECK, Reinhardt. **O Conceito de História.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Futures Past: on the semantics of historical time.** Cambridge: M.I.T. Press, 1985.
- LAGUEUX, Maurice. **Actualité de la Philosophie de l'Histoire: l'Histoire aux mains des philosophes.** Québec: Presses de l'Université Laval, 2001.
- LIMA VAZ, Henrique de. **Escritos de Filosofia VI: Ontologia e História.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**, t. I e II. Lisboa: Edições 70, 1982.
- LÖWITH, Karl. **Historia del Mundo y Salvación: los presupuestos teológicos de la filosofía de la historia.** Buenos Aires: Katz, 2007.
- MENEZES, Edmilson. **Dois Prismas acerca da ideia de História no século XVII: Bossuet e Bérulle.** Projeto de Pesquisa (Pós-Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.
- \_\_\_\_\_. História sem Redenção: a oposição a Bossuet e a gênese da Filosofia da História voltairiana. **Dois Pontos**, v. 9, n. 3 (2012), p. 139-162.
- \_\_\_\_\_. **História e Providência: Bossuet, Vico, Rousseau.** Ilhéus: Editus, 2006.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **Ensayos de Historiografía Antigua y Moderna.** Cidade do México: FCE, 1997.
- NISBET, Robert. **História da Ideia de Progresso.** Brasília: Editora da UnB, 1980.
- PINTARD, René. **Le Libertinage Érudit dans la Première Moitié du XVII Siècle**, t. I e II. Paris: Boivin et Cie., 1942
- ROLDÁN, Cocha. **Entre Casandra y Clío: una historia de la filosofía de la historia.** Madri: Akal Ediciones, 1997.
- SOUZA, Maria das Graças de. **Ilustração e História: o pensamento sobre a História no Iluminismo francês.** São Paulo: Discurso Editorial, 2001.
- THYSSEN, Johannes. **Historia de la Filosofía de la Historia.** Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1954.
- VEYNE, Paul. **Como Se Escreve a História.** Lisboa: Edições 70, 2008.

## NICOLAU DE CUSA E SUAS PERSPECTIVAS COSMOLÓGICAS

Gustavo Henrique Martins  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
PET – Filosofia  
martins2017.gustavo@gmail.com

Douglas Antonio Bassani  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
douglasbassani@uol.com.br

Esta pesquisa baseia-se em Nicolau de Cusa (1401-1464) e em sua cosmologia, destacando a sua visão pioneira e influente para a filosofia da ciência, bem como para a filosofia do renascimento de maneira geral. Ele pode ser considerado o primeiro a destacar uma filosofia consistente com os conceitos de “universo infinito”, “movimento da Terra” etc., que se destacam por contrariar a cosmologia aristotélica aceita na época, tornando possível e viável a hipótese cosmológica de Aristarco de Samos (310 a. C – 230 a. C), a saber, o heliocentrismo. A concepção cosmológica e de conhecimento de Nicolau de Cusa é reconhecidamente como de grande influência para o pensamento moderno, por exemplo, para a cosmologia de Nicolau Copérnico (1473-1543), publicada pouco mais de 100 anos mais tarde, bem como para as concepções racionalistas do conhecimento, sendo René Descartes (1596-1650) um nome a ser destacado aqui. A obra base desta pesquisa são os livros I e II d’*A Doutra Ignorância* (1440), considerado o mais importante escrito filosófico do cardeal alemão; a atividade de pesquisa pessoal está conectada com o PET-Filosofia (FNDE) da UNIOESTE. Em linhas gerais, pela ótica do conhecimento exploramos a preocupação de Nicolau de Cusa ao tratar das contingências da experiência humana na sua particular relação com o cosmos e, em certo aspecto, analisando o conceito de Deus como um conceito construído pelo sujeito, o máximo absoluto; o conceito de universo infinito, como o máximo expandido, caracterizando a compreensão do filósofo em conceber um infinito em potência, portanto, não em ato, como algo dado; e, por último, o conceito do máximo contraído, que é nosso conhecimento do mundo e a forma como acessamos os objetos da experiência, revelando toda a dinâmica do conhecimento em Cusa, ou seja, de conhecimento em movimento, do conhecimento comparativo, do pouco conhecimento adquirido pelo sujeito e do muito a ser descoberto. Conceitos como “infinito privativo”, para definir o Universo, e “infinito negativo”, para definir Deus, aparecem na sua obra e são responsáveis por caracterizar sua concepção de conhecimento. Sob a ótica da dialética, analisamos essa necessária relação do Divino com o Cosmos, definida por Nicolau de Cusa através do conceito de *Coincidentia Oppositorum*. Tal conceito representa o movimento dialético do filósofo alemão e busca responder aos problemas de contradições metafísicas, num ponto onde as oposições coincidem. Este conceito rompe com toda a possibilidade de pensarmos a *coincidência* a partir da lógica do conhecimento, visto que ele é limitado e contingente. Assim, Nicolau de Cusa apropria-se da investigação para mostrar a relação do Universo com Deus, bem como a relação do Uno e Múltiplo, Necessário e Contingente, Máximo Absoluto e Universo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nicolau de Cusa; Cosmologia; Conhecimento.

### REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Da Geração e Corrupção**. Tradução Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2001.  
COPERNICO, Nicolau. **Commentariolus**. Tradução Roberto de Andrade Martins. São Paulo: Nova Stella Editorial, 1990.

CUSA, Nicolau de. **A Doute Ignorância**. Tradução Reinholdo Aloysio Ullmann. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GALILEI, Galileu. **Diálogos sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano**. Tradução Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

KONDER, Leandro. Nicolau de Cusa (1401-1464). **Revista Alceu**, v. 2, n. 4, p. 5-14, 2002. Disponível em [http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n4\\_Konder.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Konder.pdf)  
Acesso dia 22/08/2018.

## **A RESISTÊNCIA DO NEURÓTICO: UMA CARTA ENDEREÇADA AO ANALISTA**

Janaíara Aparecida Wesseling  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
janaiaraw@outlook.com

Kaira Carla Sikora  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
sikora.psicologia@gmail.com

Miriam Izolina Padoin Dalla Rosa  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
miriam.rosa@pucpr.br

O artigo tem por objetivo realizar uma análise do conceito de resistência na estrutura da neurose, sob o viés da psicanálise, e propõe uma interface deste tema com o conto A Carta Roubada, de Edgar Allan Poe. Considera-se essa pesquisa relevante, uma vez que, no percurso da formação do analista, é possível que o resistir do analisando seja visto como algo negativo e, por isso, algo que dificultaria o trabalho clínico, portanto, algo que precisa ser reavaliado. Para tanto, resgata-se o caráter de obstáculo ao tratamento psicanalítico que é dado ao uso banalizado do termo, para, em seguida, ser realizado o entrelaçamento com outros conceitos fundamentais em psicanálise, como a associação livre, a transferência, a ambivalência e a pulsão. A retomada das obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan, por meio de revisão bibliográfica, conduziu a construção teórica a qual constata a hipótese deste estudo, que é a de que a resistência é uma das ferramentas fundamentais manejadas durante o tratamento psicanalítico. A resistência está presente no percurso analítico de momento a momento; ela surge juntamente com a regra fundamental da análise – a livre associação – de maneira que está relacionada aos processos inconscientes, os quais irrompem no decorrer do tratamento analítico por meio da transferência estabelecida com o analista. No decorrer do trabalho analítico, o analisando busca se defender dos conteúdos recalçados que podem emergir e, assim, resiste. A resistência, por meio do manejo transferencial, é caminho para a direção do tratamento. O analista recebe e escuta essas representações da resistência, como os sonhos, os atos falhos, e intervém, de maneira que o analisando consegue obter por si próprio a tradução de seus conteúdos inconscientes, os quais estavam tão a sua vista, tão debaixo de seu nariz, que não conseguia ver. Assim, a interface do conto A Carta Roubada com a noção de resistência do neurótico pode ser descrita como uma carta endereçada ao analista, ou seja, um texto que precisa ser recebido e escutado pelo analista na relação transferencial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise; Resistência; Inconsciente.

### **REFERÊNCIAS**

- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900-1901). In: \_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos (segunda parte) e sobre os sonhos (1911-1913)**. Vol. V. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. A dinâmica da transferência (1912). In: \_\_\_\_\_. **O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913)**. Vol. XII. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise (1912). In: \_\_\_\_\_. **O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913)**. Vol. XII. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. O interesse científico da psicanálise (1913). In: \_\_\_\_\_. **Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Vol. XIII. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise I) (1913). In: \_\_\_\_\_. **O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913)**. Vol. XII. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: \_\_\_\_\_. **O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913)**. Vol. XII. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. O Inconsciente (1915). In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920)**. Vol. II. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. O Recalque (1915). In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1911-1915)**. Vol. I. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

\_\_\_\_\_. Pulsões e destinos da Pulsão (1915). In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1911-1915)**. Vol. I. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. Conferência XXVII: Transferência (1916). In: \_\_\_\_\_. **Conferências introdutórias sobre Psicanálise (1916-1917 [1915-1917])**. Vol. XVI. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O Eu e o Id (1923). In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1923-1938)**. Vol. III. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

\_\_\_\_\_. Inibições, sintomas e ansiedade (1926) [1925]. In: \_\_\_\_\_. **Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, a questão da análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)**. Vol. XX. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

LACAN, Jacques. Intervenção sobre a transferência. In: \_\_\_\_\_. **Escritos (1901-1981)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. Transferência e sugestão. In: \_\_\_\_\_. **Seminário 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. Os três tempos do Édipo. In: \_\_\_\_\_. **Seminário 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. Ele não é sem tê-lo. In: \_\_\_\_\_. **Seminário 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 edição. São Paulo: Atlas, 2003.

POE, Edgar Allan. A carta Roubada. In: \_\_\_\_\_. **A carta roubada e outras histórias de crime e mistério**. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2017. 208 p.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

## **AS ARMAS E A LEI: HÁ HIERARQUIA ENTRE ELAS NO PROJETO POLÍTICO DE MAQUIAVEL?**

Jaqueline Fátima Roman  
IFPR - Instituto Federal do Paraná  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
jaque\_roman@hotmail.com

Maquiavel afirma no *Príncipe* que todos os estados, independentemente de quaisquer fatores (se novos ou velhos, mistos ou não), estão estabelecidos sobre dois alicerces, a saber, as armas e as leis. Esses dois sustentáculos do corpo político interagem entre si de maneira proporcional, de modo que “não podem existir boas leis onde não existem boas armas, e onde existem boas armas têm de existir boas leis” (MAQUIAVEL, 2017, p. 165). Nota-se que Maquiavel não condiciona a existência de quaisquer armas ou quaisquer leis. Os termos são adjetivados por “boas” (armas e leis). Boas armas para ele, segundo ensina Jean-Jacques CHEVALLIER: “por certo, não os mercenários [...] boas armas, boas tropas são apenas as que são próprias ao príncipe, compostas de seus cidadãos [...] são apenas as tropas nacionais” (CHEVALLIER, 1999, p. 26-27). Por boas leis, Maquiavel entende aquelas que estão em conformidade com a vida livre (MAQUIAVEL, 2007, p. 18). Essa relação de dependência entre os dois institutos pode criar no estudioso o questionamento sobre a existência de eventual sobreposição entre um deles em relação ao outro. É justamente esse o objetivo desse resumo: questionar se há a possibilidade de se interpretar, com fundamento nas obras *O Príncipe* e *Discorsi*, de Maquiavel, eventual sobreposição entre os conceitos de lei e armas. Justifica-se a escolha desse tema, porque alguns comentadores tendem a interpretar que as armas seriam mais importantes do que as leis. Isso se pode dar, porque, quando Maquiavel aborda o governo do frade Jerônimo Savonarola, em Florença, afirma que ele fracassou por ter sido um profeta desarmado (BIGNOTTO, 2003, p.12). Inegável que a força das armas, portanto, é necessária a fim de se manter o poder para o príncipe no principado, ou assegurar a estabilidade do corpo político através de leis que garantam a liberdade e a participação política — *vivere libero politico* — nas repúblicas. Não se poderia, portanto, prescindir dela. No entanto, respeitando-se esse posicionamento, nos parece que essa não é a posição mais acertada, visto que realizar uma opção entre leis e armas, estabelecendo qualquer relação hierárquica entre os institutos, não está de acordo com o pensamento de Maquiavel, que não parece fazer tal opção. Em nenhum momento se nega a importância da força das armas para o projeto político de Maquiavel, mas se afirma que somente ela, sem a lei, não seria suficiente para mantê-lo. As cidades precisam ser ordenadas pelas leis que, inclusive, regulamentam os próprios exércitos (armas), que, para que tenham condições de existência, precisam que o corpo político esteja minimamente ordenado – e são as leis que cumprem essa tarefa de ordenação. As leis também contribuem para êxito dos exércitos; por exemplo, pode a lei estabelecer exercícios físicos obrigatórios para os soldados, quando esses não são preparados suficientemente pelas suas próprias atividades laborativas. Dessa forma, defende-se a impossibilidade de hierarquia entre armas e leis no projeto político de Maquiavel, porque se entende que há uma relação de dependência e equivalência entre esses institutos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maquiavel; Leis; Armas; Hierarquia; Sobreposição.

### **REFERÊNCIAS**

AMES, José Luiz. **Conflito e Liberdade: a vida política para Maquiavel**. Curitiba: Editora CRV, 2017.  
BIGNOTTO, Newton. **Maquiavel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As grandes obras políticas: de Maquiavel aos nossos dias**. Tradução de Lydia Cristina. 8 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Príncipe**. Edição Bilingue. Tradução, introdução e notas Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. **O Príncipe**. Tradução Maria Julia Goldwasser. Revisão Roberto Leal Ferreira. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2008.

RAIMONDI, Fabio. Usi a vivere liberi. Guerra e religione nell'ordinamento machiavelliano della libertà. **Scienza & Política per una Storia delle Dottrine**, Vol. XXX, n. 58, p. 15-32, 2018.

## LEIBNIZ E A ORIGEM FUNDAMENTAL DAS COISAS: O problema da substancialização do mundo físico

João Antônio Ferrer Guimarães  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
jaferreg@yahoo.com.br

Descartes, ao introduzir em sua Metafísica a tese do dualismo substancial, almeja superar uma tese consolidada pela tradição aristotélico-tomista, que, ao longo de séculos pretendia demonstrar a essência do mundo, isto é, explicar a essência dos indivíduos que o compõem, em termos de *forma substancial*. A noção de *forma substancial* torna-se problemática para os pensadores do início da modernidade – e para Descartes em especial – tendo em vista o novo caminho tomado pela filosofia da natureza pós copernicana. Ou seja, a natureza mecânica das explicações modernas sobre a estrutura do universo físico tende a afastar cada vez mais a individualização dos entes – em termos de forma que organiza porções de matéria –, que alicerça as explicações qualitativas da tradição. Desse modo, Descartes, seguindo a tendência mecanicista, ao introduzir a tese do dualismo, afasta da explicação física a noção aristotélico-escolástica, abrindo caminho para elucidar a estrutura do universo através de um conjunto de leis matematizáveis. Isso é enfatizado em sua metafísica – em referência ao corpo – na medida em que Descartes adota uma posição monista; ou seja, afirma que o mundo físico é constituído de uma única substância absolutamente divisível, a *res extensa*. O desenvolvimento da física e do empirismo posterior a Descartes – que exigia uma explicação para o mundo baseada apenas na natureza física da matéria e nas leis do movimento – tende a descartar também esta posição, levando Leibniz – em sua defesa de um racionalismo extremado – a apresentar uma tese alternativa, que ambiciona, ao mesmo tempo, superar o monismo cartesiano em relação à matéria, responder ao impasse empirista em relação ao conhecimento e recuperar a noção aristotélica de *forma substancial*; a natureza continua sendo compreendida matematicamente, nos moldes cartesianos, e no mundo físico – essencialmente mutável – continua existindo algo de absoluto, seus constituintes básicos, mas não como uma única substância, como pretendia Descartes. Pretendemos, neste trabalho, apresentar, mesmo que de forma bastante sucinta, o arcabouço conceitual que leva Leibniz a retomar a noção aristotélica de *forma substancial*, modificando e adaptando seu sentido com vistas a explicar, de modo lógico, a natureza do mundo físico. A realidade do mundo físico é explicada pela natureza substancial de suas unidades básicas, unidades metafísicas que Leibniz denomina Mônadas. Com essa explicação, Leibniz pretende também mostrar a incoerência de se admitir a substancialização da matéria nos termos aceitos pelos cartesianos. Desse modo, Leibniz preserva a explicação metafísica sobre os componentes básicos do universo físico, expressando a adequação lógica de sua metafísica aos argumentos propostos pela ciência moderna.

**PALAVRAS-CHAVE:** Forma substancial; Substância; Matéria; Mundo; Mônada.

### REFERÊNCIAS

- DESCARTES, R. **Obras: Discurso do método, Meditações, Objeções e respostas, As paixões da alma, Cartas**. São Paulo: Abril Cultural: 1983. (Coleção Os Pensadores).
- LEIBNIZ, G.W; NEWTON, I. **Obras**. São Paulo: Abril Cultural: 1983. (Coleção Os Pensadores).
- LEIBNIZ, G.W. **Novo sistema da natureza e da comunicação das substâncias**. Tradução Fernando Barreto Gallas, 2008. Disponível em: <<http://www.leibnizbrasil.pro.br>>.
- LEIBNIZ, G.W. **Discurso de Metafísica e outros Textos**. Apresentação e notas Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes Editora: 2004.
- LEINKAUF, T. Transformação sistemática da substância: unidade, força, espírito. In: KREIMENDAHL, L (org.) **Filósofos do Século XVII**. São Leopoldo: Editora Unisinos: 2000. (p. 260-290).

## HEIDEGGER E A NOÇÃO DE JOGO COMO DISPOSIÇÃO

José Fernando Schuck  
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
jfernando3@yahoo.com.br

Na filosofia contemporânea, as abordagens da noção de jogo raramente fazem referência a Heidegger. Em preleções ministradas no curso de inverno de 1928/1929, e publicadas posteriormente sob o nome *Introdução à Filosofia*, Heidegger apresentou importantes reflexões sobre o que considerava ser o *jogo originário da transcendência*, as quais exerceram influência decisiva em autores que trabalharam extensamente a noção de jogo sob um viés hermenêutico ou ontológico, tais como Hans-Georg Gadamer, em *Verdade e Método* (1960), e Eugen Fink, em *O jogo como símbolo do mundo* (1960). Heidegger não se utiliza da noção de jogo para uma função pragmática, tal como ocorre em Wittgenstein (*Investigações Filosóficas*) com os jogos de linguagem. Também não o interpreta em sua função antropológica ou sociológica, tal como em Huizinga (*Homo Ludens*) e Caillois (*Os jogos e os homens*) e, sim, relaciona o *jogar à transcendência e à compreensão de ser*. Para Heidegger, o ser-aí (*Dasein*) é aquele para quem sempre está em jogo o seu próprio ser, pois reside nele uma abertura peculiar que é a base do comportamento vivo e pulsante do humano em geral; porque enquanto abarcado pelo ente no todo, enquanto movido pela *compreensão de ser* e pela *transcendência*, o ser-aí sempre se encontra posto em um jogo, em uma “brincadeira” que constitui o próprio *jogo da vida* (*Spiel des Lebens*). Ser-no-mundo é estar em jogo, não no sentido de seguir um regramento prévio, porque jogar segundo regras não é uma relação imediata e nem resume o modo de ser dos jogadores. O jogo não se reduz a um simples comportamento fático mediado por regras; é, antes, aquilo que se encontra velado e que permite tal comportamento. Para Heidegger, antes do jogo, há o *jogar* (*spielen*), movimento originário que envolve e impulsiona o ser-aí em direção de mundo, estabelecendo o vínculo com sua mundanidade (*Weltlichkeit*). Para a compreensão adequada do jogo, é necessário apontar algo mais originário relacionado basicamente a uma alegria (*Freude*) que nos move ao jogar. Desta maneira, estar em jogo significa estar na disposição (*Stimmung*) que remete a alegria, comoção, tônica, e *animus* que articula o modo de ser dos jogadores e também o surgimento das regras que conduzem o jogar. As disposições (*Stimmung*) determinam o ser-aí, e em *Introdução à Filosofia* o jogo é acrescido por Heidegger como uma disposição fundamental que toma e move o existente humano através do estar-aí-disposto (*Sich-dabei-befinden*) em um jogo. A alegria do jogo soma-se ao nada da angústia e ao vazio do tédio como modos de disposições próprias do ser-aí.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogo; Compreensão de ser; Transcendência; *Ser-no-mundo*; Disposição.

### BIBLIOGRAFIA

- BETANIN, Tatiana. **Transcendência e jogo na ontologia fundamental de Martin Heidegger**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-graduação em Filosofia: UFSM, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. Tradução Marco Antônio Casanova. 2 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão**. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Parte I. Tradução Marcia Sá C. Schuback. 15 Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Einleitung in die Philosophie**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2., durchgesehene Auflage, 2001.

ONATE, Alberto M. Husserl/Fink: sobre os limites da transcendentalidade. In: FERRER, D., UTTEICH, L. **A filosofia transcendental e a sua crítica**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

REIS, Róbson R. Dos. Heidegger: a vida como possibilidade e mistério. **Rev. Filos. Aurora**, Curitiba, v. 24, n. 35, p. 481-507, jul./dez. 2012.

RODRIGUES, Fernando. **Heidegger e a metafísica do Dasein (1927-1930): uma interpretação à luz dos conceitos de liberdade, vínculo e jogo da vida**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, 2014.

## O ABORTO NA PERSPECTIVA DE NORBERTO BOBBIO (1909-2004)

José Francisco de Assis Dias  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
prof.dias.br@gmail.com

Reginaldo César Pinheiro  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
reginaldocesarpinheiro@yahoo.com.br

O tema desta pesquisa é o problema do aborto procurado na perspectiva filosófico-ética de Norberto Bobbio, pensador italiano que nasceu em 1909 e faleceu em 2004, deixando em legado ao nosso século uma vastíssima produção sobre os temas mais urgentes e atuais sobre Direitos Humanos, Paz e Democracia. O problema que pretendemos responder com esta pesquisa é entender “o porquê” da posição contrária à legalização do aborto procurado, sendo Bobbio um pensador laico e avesso a qualquer profissão de fé religiosa e considerado ainda hoje na Itália intelectual como sendo o “papa laico” do século XX. O objetivo geral desta pesquisa, portanto, é penetrar em profundidade a perspectiva bobbiana sobre o problema do aborto procurado, que se coloca dentro de uma tríplice relação de direitos inconciliáveis: o direito da sociedade em não ter uma superpopulação, o direito da mulher de não ter os filhos que não deseja ter e, por terceiro, mas não menos fundamental, o direito do nascituro a viver. Para atender a este objetivo geral, necessariamente precisamos satisfazer a pelo menos três objetivos específicos, a saber: conhecer mesmo que sumariamente quem é o pensador que afirmou o imperativo ético “não matarás!” como sendo um imperativo categórico; apresentar o pensamento de Bobbio sobre o valor da vida enquanto “fonte de todos os demais valores”, enquanto *conditio sine qua non* para a realização de todos os demais valores; pesquisar as razões que moveram Bobbio a posicionar-se contrário às tendências laicas do final do século XX que defendiam o direito de abortar como “direito da mulher sobre o seu corpo”. Este tema tem tríplice justifica: em nível pessoal, justifica-se, pois estamos convencidos de que sobre o direito à vida e a viver de todos os indivíduos humanos, independentemente de sua fase de evolução física e psíquica, é direito-fonte para todos os demais direitos, é condição sem a qual não se poderia nem falar de ética e política. Em nível acadêmico-científico, justifica-se, pois esta temática, apesar de extremamente atual e problemática para a vida em sociedade hoje, não é abordada a partir de uma perspectiva filosófica e ético-política, como o faz Norberto Bobbio, no ano de 1978. Em nível de relevância social, a temática dispensa argumentações posteriores para se justificar, basta citarmos os milhares de abortos clandestinos realizados no Brasil anualmente, em paralelo com milhares de mortes de mulheres vítimas da indústria do aborto. Esta pesquisa é eminentemente bibliográfica, pois nos ateremos aos principais escritos de Bobbio sobre os direitos à vida e a viver, bem como a algumas outras obras de apoio e comentários, não podendo negligenciar dados estatísticos que mostram a atualidade do problema, apresentados nos organismos internacionais e entidades nacionais e internacionais. Os resultados esperados são, primeiramente, uma compreensão profunda e clara da perspectiva bobbiana sobre as relações que envolvem o problema do aborto procurado, bem como lançar luzes sobre a complexa problemática que afeta uma dentre cinco mulheres hoje.

**PALAVRAS-CHAVE:** Norberto Bobbio; Aborto procurado; Direito à vida e a viver; Direitos da mulher.

### REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto. **Teoria generale della politica**. A cura de M. BOVERO. Torino: Einaudi, 1999. (Biblioteca Einaudi 173).
- \_\_\_\_\_. **Elogio della mitezza e altri scritti morali**. Milano: Il Saggiatore, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Saggi su Gramsci**. Milano: Feltrinelli, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Destra e sinistra, Ragioni e significati di una distinzione politica**. Roma: Donzelli, 1994.

- \_\_\_\_\_. **Il Dubbio e la scelta, Intellettuali e potere nella società contemporanea.** Roma: Carocci Editore, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Teoria generale del diritto.** Torino : G. Giappichelli, 1993.
- \_\_\_\_\_. **L'età dei diritti.** Torino: Einaudi, 1990.
- \_\_\_\_\_. Contro il potere di dare la morte. **Rinascita**, 38, 42, p. 41-43, Novembre de 1982.
- \_\_\_\_\_. La regola della maggioranza: limiti e aporie. In: **Democrazia, maggioranza e minoranza.** Bologna: il Mulino, 1981. p. 33-72.
- \_\_\_\_\_. Laici e aborto. **Corriere della Sera**, 106, 107, p. 3, 1981.
- \_\_\_\_\_; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. (dir.). **Dizionario di Politica.** Milano: UTET, 1983.

## ANGÚSTIA E DESESPERO, DOIS FENÔMENOS DA EXISTÊNCIA SEGUNDO KIERKEGAARD

José Ignacio Jacob  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

O presente trabalho tem como objetivo analisar dois conceitos fundamentais da filosofia existencial de Søren A. Kierkegaard, a saber: a angústia e o desespero. A intenção maior será a de descrever as tensões sempre latentes na cunhagem da subjetividade ou eu na mediação de angústia e desespero no solo da existência humana. Duas obras servirão como base para nossa exposição: a primeira será o livro *O desespero humano* (1849) (*Sygdo menem til Doden*), também conhecido como “A doença até a morte”; a segunda obra utilizada é *O conceito de angústia* (1844) (*Begrebet Angests*), que descreverá a angústia como uma indicação das possibilidades humanas de autoconhecimento nas diversas oportunidades de escolhas, ou responsabilidades inerentes às experiências vividas nas diversas circunstâncias da existência. Em face dessas obras, nos deteremos nos temas que lhes correspondem, abordando-os no âmbito da filosofia existencial do dinamarquês. Pretendemos iniciar nossa comunicação apresentando o conceito de “desespero”, este que se manifesta por uma fraqueza do humano sempre inerente a sua existência, com referência ao desejo de não querer ser o que se é, e de não poder ser o que não se é. Depois, nossa exposição se volta à angústia. Para Kierkegaard esta se nos vem pela consciência de responsabilidade do homem, que, mais cedo ou mais tarde, o indivíduo terá de enfrentar, pelo fato de não só precisar tomar decisões, mas também possuir a possibilidade de uma síntese dualística entre o finito e o infinito, que somente a fé pode dar a resposta satisfatória para tais dilemas. Como veremos, o filósofo danês identifica o desespero com o pecado, porém, a angústia, no entanto, o acompanhará durante toda a sua vida e, assim, cada vez que for preciso tomar uma decisão na existencialidade da vida, tanto o desespero quanto a angústia poderá estar presente. Portanto, tanto um quanto o outro poderá ser uma oportunidade para o pecado, mas também a possibilidade da escolha de outro caminho, ou seja, o sentido para o reconhecimento da fraqueza humana e um senso de realização, pela construção da identidade na liberdade, que cada ser consciente possui em si mesmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Kierkegaard; Angústia; Desespero; Subjetividade.

## CONCEPÇÃO DE POVO EM HISTÓRIAS FLORENTINAS: HUMOR DE GRANDES E POVO CONFUNDIDOS?

José Luiz Ames  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
profuni2000@yahoo.com.br

O lugar comum dos estudos sobre as *Histórias florentinas* sugere que, nesta obra, Maquiavel revelaria uma mudança radical em sua compreensão de povo em relação às obras anteriores. Enquanto em *O Príncipe* e em *Discursos* Maquiavel teria feito uma demarcação muito nítida em relação ao modo de agir de grandes e povo — os primeiros movidos pelo desejo de comandar e oprimir o povo e este, por sua vez, caracterizado pelo desejo de não ser comandado nem oprimido pelos grandes —, as *Histórias florentinas* mostrariam, em contraste, como o florentino teria se tornado mais crítico em relação ao povo e mais elogioso aos grandes, a ponto de tornar difícil distinguir entre o humor de um e de outro. A conclusão é a de que nas *Histórias*, tanto grandes quanto povo seriam mostrados como agentes de dominação, uma vez que ambos exibiriam intenções semelhantes de comandar e oprimir e, por conseguinte, ficaria arruinada a posição do povo como guardião da liberdade, tal como é apresentada por Maquiavel nos *Discursos*. Nosso propósito nesta comunicação será o de avaliar até que ponto é sustentável a interpretação corrente segundo a qual em *Histórias florentinas* Maquiavel teria mostrado que: (a) o modo de agir do povo seria inconciliável com um comportamento de submissão à autoridade da lei; (b) a atuação do povo exibiria o mesmo desejo de comandar e oprimir que, em *O Príncipe* e *Discursos*, era apresentado como humor típico dos grandes; (c) estas transformações na atuação popular teriam comprometido o papel de “guardião da liberdade”, que na obra *Discursos* era atribuído por Maquiavel ao povo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maquiavel; História de Florença; povo; seitas; plebe.

### REFERÊNCIAS

- BOCK, Gisela. Civil discord in Machiavelli's *Istorie Fiorentine*. In: BOCK, Gisela; SKINNER, Quentin e VIROLI, Maurizio. **Machiavelli and Republicanism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 181-200.
- BONADEO, Alfredo. The role of the people in the works and times of Machiavelli. **Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance**, T. 32, No. 2, p. 351-377, 1970.
- CABRINI, Anna Maria. **Interpretazione e stile in Machiavelli: Il libro terzo delle Istorie**. Rome: Bulzoni, 1990.
- CARDOSO, Sérgio. **Maquiavel: Lições das 'Histórias Florentinas'**. Conferência pronunciada no Colóquio Internacional Claude Lefort: a Invenção Democrática Hoje. São Paulo: 13-16/10/2015.
- DI MARIA, Salvatore. Machiavelli's Ironic View of History: The *Istorie Fiorentine*. **Renaissance Quarterly**, vol. 45, n. 2, 248-270.
- MACHIAVELLI, Niccolò. **Discorsi sopra la prima Deca di Tito Livio**. A cura di Mario Martelli. Firenze: Sansoni, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Istorie fiorentine**. Firenze: Sansoni, 1971.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **História de Florença**. Martins Fontes: São Paulo, 2007.
- McCORMICK, John P. On the Myth of a Conservative Turn in Machiavelli's Florentine Histories. In: JOHNSTON, David; URBINATI, Nadia; CAMILA, Vergara. **Machiavelli on Liberty and conflict**. Chicago/London: University of Chicago Press, 2017. p. 330-351.

\_\_\_\_\_. **Faulty Foundlings and Failed Reformers in Machiavelli's Florentine Histories.** Disponível em: [https://www.academia.edu/26640841/Faulty\\_Foundlings\\_and\\_Failed\\_Reformers\\_in\\_Machiavellis\\_Florentine\\_Histories\\_APSR\\_forthcoming](https://www.academia.edu/26640841/Faulty_Foundlings_and_Failed_Reformers_in_Machiavellis_Florentine_Histories_APSR_forthcoming). Acesso em 27/04/2018.

\_\_\_\_\_. **Machiavelli, Popular Resistance and the Curious Case of the Ciompi Revolt.** Disponível em: [https://www.academia.edu/25871832/Machiavelli\\_Popular\\_Resistance\\_and\\_the\\_Curious\\_Case\\_of\\_the\\_Ciompi\\_Revolt](https://www.academia.edu/25871832/Machiavelli_Popular_Resistance_and_the_Curious_Case_of_the_Ciompi_Revolt). Acesso em 27/04/2018.

NAJEMY, John. Machiavelli and the Medici: The Lessons of Florentine History. **Renaissance Quarterly**, vol. 35, n. 4, p. 551-576.

SUCHOWLANSKY, Mauricio. Citizens, Subjects or Tyrants? The Role of the People. In: **Machiavelli's Florentine Histories.** Disponível em <http://asu.academia.edu/MauricioSuchowlansky>.

SUCHOWLANSKY, Mauricio. **Between Citizen & Subject: Placing the People in Machiavelli's Political Imagination.** Disponível em: [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2314496](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2314496). Acesso em 31/08/2016.

WINTER, Yves. Plebeian Politics: Machiavelli and the Ciompi Uprising. **Political Theory**, Vol. 40, N°. 6, p. 736-766, December 2012.

## **ACERCA DOS VALORES E DO AMOR: Notas sobre a filosofia de Max Scheler**

Josieli Aparecida Opalchuka  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
josi.aop@gmail.com

Max Scheler, diferentemente de Husserl, não pretende uma teoria do conhecimento, mas uma fenomenologia mais voltada para a ética, a axiologia e a antropologia. Isso é possível, pois, seguindo o movimento fenomenológico, até mesmo os sentimentos podem ser pensados como atos de consciência, e não mais como estados psíquicos, como se via no psicologismo. Tendo isto em vista, o objetivo deste artigo é realizar uma visita às obras de Scheler, a fim de uma explicação sobre alguns conceitos fundamentais para o entendimento do pensamento desse autor. A fenomenologia mostra que as coisas têm uma idealidade para a qual a consciência se projeta, ou seja, a consciência se lança em direção à esta idealidade; Scheler descobre que essa idealidade também tem um valor. Para melhor explicá-lo, é importante retornar à intencionalidade e, com ela, ao campo de vivências. Neste sentido, todo ato de consciência tem um correlato da consciência, isto é, para todo ato há um conteúdo. A intencionalidade é esse campo de base, ou ainda, abertura, para que o movimento da consciência se dê em direção ao fenômeno. O fenômeno, dessa forma, é algo que se mostra e é, também, a própria 'mostração', o mostrar, e se dá sempre no campo da vivência. Percebe-se que não há mais a cisão entre o sujeito e objeto, há apenas uma consciência que se projeta. Segue-se que todo conhecimento que advém dessa dinâmica é, portanto, conhecimento da vivência. Assim, para Scheler, o fenômeno já aparece com determinado valor, já que se apresenta de forma completa à consciência. O valor é imediato e o vivenciamos na medida em que o sentimos. O autor, em vista disso, categorizará os valores hierarquicamente em quatro classes, que são, em ordem crescente, os valores sensíveis, os vitais, os anímicos e os espirituais. Pertencente aos valores mais altos, os espirituais, está o sentimento do amor, que é visto como parâmetro de ordenação das coisas que devem ser preferidas e das quais devem ser preteridas. O amor, então, aparece como uma tendência do ato de ser direcionado para o valor mais alto, instaurando-se, desse modo, a ordem do amor (*ordo amoris*).

**PALAVRAS-CHAVE:** Intencionalidade; Valor; Fenomenologia; Consciência; Scheler.

### **REFERÊNCIAS**

- COSTA, José Silveira da. **Max Scheler: o personalismo ético**. São Paulo: Moderna, 1996.
- DARTIGUES, André. **O Que é a Fenomenologia?** Tradução Maria José J.G. de Almeida. São Paulo: Moraes, 1992.
- HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas e Conferências de Paris**. Tradução Pedro Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- SCHELER, Max. **Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético**. Tradução Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, S.L., 2001.
- \_\_\_\_\_. **Ordo Amoris**. Tradução Artur Morão. Disponível em [http://www.lusosofia.net/textos/scheler\\_ordo\\_amoris.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/scheler_ordo_amoris.pdf). (Acesso em 19/10/2018).
- WOJTYLA, Karol. **Max Scheler e a ética cristã**. Tradução Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993.

## A REVOLUÇÃO COPERNICANA DE KANT

Juliana Gilo Tibério  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
juh\_ana\_gt@hotmail.com

A fim de ilustrar a mudança da maneira de pensar, como requisito necessário para expor as condições do conhecimento assentadas na pura razão enquanto movimento que produziu a inversão do lugar do objeto e do sujeito na relação cognitiva, Kant se serviu da referência à revolução aplicada por Copérnico na física, como passagem da consideração antropocêntrica do mundo para a concepção heliocêntrica: tendo a Terra deixado de ser o centro do universo e passado o Sol a assumir o lugar central, o mesmo deve ocorrer no domínio da filosofia. Para Kant, trata-se de executar esse movimento no domínio da metafísica: ela deve assumir essa mudança de método. Kant questiona o caráter de mero tateio com que se procede na metafísica, devido à incerteza das conclusões a que chega, pois até agora não conseguiu averiguar com segurança se “[...] está ou não no caminho seguro de uma ciência [...]” (KANT, 2015, p. 25, CRP B VII). Por isso, a partir daquela inversão o filósofo sugere um novo método: em vez de a razão humana se adequar aos objetos, como ocorreu com as propostas filosóficas anteriores, doravante é mostrada a primazia do sujeito e os motivos que condicionam a este se pronunciar de modo *a priori* sobre os objetos, como a única condição (única perspectiva) que pode conduzir à segurança no processo de determinação do conhecimento. Tendo esclarecido porquê o objeto se regula pela estrutura cognitiva do sujeito, torna-se possível antecipar o conjunto das estruturas (faculdades) que condicionam *a priori* a experiência e o conhecimento. Essas estruturas Kant caracteriza de estruturas transcendentais, enquanto tornam possível o conhecimento que se ocupa menos dos objetos que do nosso modo de relacionar-se a eles e de conhecê-los. O objetivo de nossa comunicação é pontuar, brevemente, as implicações desta inversão no modo de pensar enquanto modificação que acarreta uma renovação na perspectiva da filosofia moderna, a saber, a fundação do conhecimento *a priori* da razão através da fundação da filosofia crítico-transcendental kantiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revolução Copernicana; Metafísica; Razão.

### REFERÊNCIAS

- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução e notas Fernando Costa Mattos. 4. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2015. (Coleção Pensamento Humano)
- SILVA, Felipe Alves. A Revolução Copernicana Na Filosofia De Kant: Breves Considerações A Partir Do Prefácio Da Segunda Edição Da Crítica Da Razão Pura. **Enciclopédia: Revista de filosofia**, v.6, p. 22-35, 2016.

## ACERCA DE COMO CONHECEMOS

Junior Cunha  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
juniorlcunha@hotmail.com

João Antônio Ferrer Guimarães  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
jaferrerg@yahoo.com.br

No artigo que propomos, pretendemos apresentar a resposta de René Descartes a três relevantes questões da filosofia moderna: Como conhecemos? Temos conhecimento de nosso ser? Como conhecemos nosso ser? Para responder às questões, tomaremos por base a terceira meditação da obra *Meditações sobre a Filosofia Primeira*. Nas *Meditações sobre a Filosofia Primeira*, o filósofo francês vê o eu como constatação clara e distinta, que se torna indubitável à medida que verificamos possuir ideias que nos são inatas, entre elas a principal e que dá possibilidade do caráter indubitável do cogito: a ideia de Deus. Todavia, sabemos que o cogito é uma certeza, embora dubitável, que escapa dos argumentos propostos por Descartes na primeira meditação, a saber, o argumento dos erros dos sentidos; o argumento dos sonhos e o argumento generalizador da dúvida, que propõe a hipótese do Deus enganador e do Gênio Maligno. O aspecto dubitável do cogito, entretanto, o reafirma, pois, duvidar é uma ação, e precisa ser exercida por algo ou alguém; a dúvida, dessa forma, é um dos modos do pensamento. Nosso intento, como forma de responder às questões propostas, é mostrar o que Descartes apresenta como os modos do pensamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conhecimento; Cogito; Ideias; Inatismo.

### REFERÊNCIAS

- DESCARTES, René. **Meditações sobre a filosofia primeira**. Tradução Gustavo de Fraga. Coimbra: Livraria Almedina, 1976. 228 p. (pp. 135-164).
- FILHO, Raul Landim. Ideia, ser objetivo e realidade objetiva nas “meditações” de Descartes. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 130, p. 669-690, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v55n130/13.pdf>>. Acesso em: 15/07/18.
- KAJEVSKI, Otávio. Realidade formal e causa formal em Descartes. **Revista do Seminário dos Alunos do PPGLM/UFRJ**: n.2, 2011. Disponível em: <<http://seminarioppglm.wordpress.com/revista-do-seminario-dos-alunos-do-ppglm/>>. Acesso em: 15/07/18.
- MILANI, Sebastião Elias. Locke: as palavras são sinais sensíveis para as ideias. **Revista UFG**, ano XIII, n.14, p. 255-266, 2013. Disponível em: <<https://proec.ufg.br/p/16758-revista-ufg-edicoes>>. Acesso em: 15/07/18.
- LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Tradução Anuar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (212 p., pp. 35-54, Coleção Os pensadores).
- SCRIBANO, Emanuela. **Guia para leitura das meditações metafísica de Descartes**. São Paulo: Loyola, 2007. (197 p., pp. 75-106).
- ZABOTI, Marcio Alessandro. Sobre a legitimidade do recurso à luz natural nas *Meditações*, de Descartes. **Revista do Seminário dos Alunos do PPGLM/UFRJ**: n.1, 2010. Disponível em: <<http://seminarioppglm.wordpress.com/revista-do-seminario-dos-alunos-do-ppglm/>>. Acesso em: 15/07/18.

## JOHN LOCKE E O CONCEITO DA PROPRIEDADE PRIVADA

Kaiane Livi  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Anderson Felipe dos Santos Souza  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Tarcílio Ciotta  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

John Locke, sendo um dos contratualistas, tenta responder a questão deixada pelos iluministas pela origem dos nossos direitos. E sua resposta segue a tendência de Rousseau, quando faz referência a um contrato firmado antes de existir a própria civilidade no mais amplo sentido. Na obra “Segundo tratado do governo civil”, onde estão escritas as suas grandes ideias sobre o surgimento e manutenção do Estado, observa-se o conceito de propriedade privada, com significado simples, porém de grandes impactos não apenas na área da política mas também no Direito.

O fundamento da propriedade encontra-se naturalmente no Homem, é dado pela capacidade do trabalho ser o transformador da natureza. É inato o conceito de propriedade, em Locke, por ela ser um direito natural, ou seja, já existia no estado de natureza, assim como o direito à vida e à liberdade. Essa ideia possui um fundamento lógico, pois o indivíduo é senhor do seu corpo; o mesmo deve ocorrer em relação aos “frutos do seu trabalho”. Na filosofia política do autor, é possível considerar “propriedade” como palavra-chave, em meio ao intuito de construir uma sociedade que possua instituições governamentais e também apresente a união no nível comunitário. O foco deste trabalho será explorar este conceito tão simples, mas tão importante para a formação da sociedade. A questão que precisa ser respondida, buscando uma definição perfeita, é: a propriedade privada de Locke pode ser fundamento de uma sociedade justa?

**PALAVRAS-CHAVE:** Política; Direito; Indivíduo.

### REFERÊNCIAS:

FILHO, Edgar José Jorge. **Moral e história em John Locke**. São Paulo: Loyola: 1992.  
LOCKE, John. **Segundo tratado do governo civil**. Tradução Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. Petrópolis: Vozes: 1994.

## ANGÚSTIA COMO TONALIDADE AFETIVA FUNDAMENTAL EM *SER E TEMPO*

Katyana Martins Weyh  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
katian.na@hotmail.com

Nos contextos da obra *Ser e tempo* (1927), Martin Heidegger (1889-1976) põe em obra o projeto da ontologia fundamental, tendo como tarefa preliminar uma analítica existencial (análise fenomenológico-existencial do ser-aí). É nesse âmbito que pretendemos investigar a existência do ser-no-mundo, a partir do tema da angústia como tonalidade afetiva fundamental. Para que esse tema possa ser devidamente explorado, partimos do seguinte problema: *como o ser-aí pode suspender o contato meramente mundano a fim de se dispor a compreender sua condição mais própria de poder-ser?* A fim de responder tal questão, nos ocupamos do §40 de *Ser e tempo*, em que Heidegger afirma que a disposição fundamental da angústia (*Angst*) é a abertura privilegiada do ser-aí. Por meio dessa afirmativa, temos os objetivos de: 1) mostrar que o ser-aí se percebe novamente enquanto ser de possibilidades quando modalizado através da angústia; e 2) descrever de que modo a angústia aparece para o ser-aí em sua negatividade existencial, enquanto ausência de determinação e condição de possibilidades. Com isso, podemos sustentar a hipótese de que a angústia, como tonalidade afetiva fundamental, revela originariamente o ser-aí em sua liberdade para poder-ser suas possibilidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heidegger; *Ser e tempo*; Ser-no-mundo; Tonalidade afetiva; Angústia.

### REFERÊNCIAS

- BORGES-DUARTE, Irene. A afectividade no caminho fenomenológico heideggeriano. **Phainomenon**: Revista de Fenomenologia, Lisboa, n. 24, p. 43-62, 2012.
- \_\_\_\_\_. O afeto na análise existencial heideggeriana. In: **V Congresso Luso-Brasileiro de Fenomenologia: Fenomenologia e filosofia prática**. Rio de Janeiro, 2013.
- ESCUADERO, Jesús Adrián. **Heidegger y la genealogía de la pregunta por el ser**: Una articulación temática y metodológica de su obra temprana. Barcelona: Herder, 2010b.
- \_\_\_\_\_. **El lenguaje de Heidegger**: diccionario filosófico 1912-1927. Barcelona: Herder Editorial, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.
- INWOOD, M. J. **Dicionário Heidegger**. Tradução Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.
- KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **10 Lições sobre Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SOARES, Marcelo José. **A angústia como disposição afetiva em Ser e tempo**. Santa Maria: PPGFIL-UFSM, 2010. Dissertação de mestrado.

## **NIETZSCHE E GUYAU: SEMELHANÇAS E ANTAGONISMOS COM RELAÇÃO À MORAL**

Kelly de Fátima Castilho  
IFFAR - Instituto Federal Farroupilha  
kellyfcastilho2@hotmail.com

A obra de Jean-Marie Guyau teria impressionado e até mesmo influenciado o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que, segundo consta, teria exemplares repletos de anotações e apontamentos, em sua biblioteca pessoal, de alguns dos livros de Guyau. Em sua obra: *Crítica da ideia de Sanção*, o poeta e filósofo francês defende a inexistência de uma lei moral transcendente, universal, válida para todos os tempos e sociedades. Nietzsche, em sua *Genealogia da Moral*, também coloca a questão sobre o valor dos valores e se pergunta em que condições o homem teria inventado o seu bem e o seu mal. Neste trabalho, analisaremos as semelhanças, influências e antagonismos entre a concepção moral de Nietzsche e a de Guyau.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nietzsche; Guyau; Imoralismo; Moral.

### **REFERÊNCIAS**

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 1998.

GUYAU, Jean-Marie. **Crítica da ideia de sanção**. Tradução R. Schopke, M. Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## O CAVALO COMO SÍMBOLO NA PRÁTICA DA EQUOTERAPIA

Laísa Rossato  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
rossatolaisa@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo investigar e compreender, na medida dos limites de um artigo, as possíveis semelhanças e divergências entre: a busca de autoconhecimento do homem e o simbolismo animal, especificamente o simbolismo do cavalo. A busca do autoconhecimento é apresentada por Carl Gustav Jung (1875-1964), como a busca de si-mesmo, expressão da totalidade do ser, partindo de uma visão psicológica e espiritual, tendo como base a natureza animal, isto é, instintiva do homem. A simbologia animal, por sua vez, não se limita às aparências dos animais, quanto a sua fisiologia, mas à percepção da essência real íntima da natureza e do mundo, referindo-se não propriamente aos animais, mas à ideia que o homem tem deles e, talvez, a ideia que os homens têm de si próprios. Sabe-se que, na prática da Equoterapia o cavalo opera como 'instrumento vivo' que proporciona bem-estar e melhoria na qualidade de vida dos praticantes; considerando-o como símbolo, é possível estabelecer um paralelo entre a busca de autoconhecimento e a prática da Equoterapia: o contato e a interação com o animal operam como forma de resgate e completude da totalidade do ser humano. Nossa proposta é, pois, uma leitura simbólica do cavalo e de sua relação imediata com o praticante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autoconhecimento; Simbolismo animal; Equoterapia; Jung.

### REFERÊNCIAS

- ADÁRIO, Y. S. Equoterapia: Um Método Terapêutico. **Psicopio**: Revista Virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: [http://susanaalamy.sites.uol.com.br/psicopio\\_n2\\_48.pdf](http://susanaalamy.sites.uol.com.br/psicopio_n2_48.pdf). Acesso em 01 JUN. 2012.
- CHEVALIER, J & GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1982.
- EDINGER, E. F. **Ego e arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- FERRARI, J. P. **A Prática do Psicólogo na Equoterapia**. São Paulo: Faculdade Presbiteriana Mackenzie, 2003. Monografia - Trabalho de Graduação Interdisciplinar-Faculdade de Psicologia. Disponível em: <http://www.equoterapia.com.br/artigos/artigo-14.php>. Acesso em 01 JUN. 2012.
- MACHADO, J. A. C.; ROCHA, J. R.; SANTOS, L. M.; PICCININ, A. Terapia Assistida por Animais. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.revista.inf.br/veterinaria10/revisao/edic-vi-n10-RL86.pdf>. Acesso em 01 JUN, 2012.
- Mindell, A. **O corpo onírico: o papel do corpo no revelar do si-mesmo**. São Paulo: Summus editora, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Trabalhando com o corpo onírico**. São Paulo: Summus editora, 1990.
- HARK, Helmut. **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais**. São Paulo: Loyola, 1988.
- HOPCKE, Robert. **Guia para a Obra Completa de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Ab-reação, análise dos sonhos e Transferência**. Petrópolis: Vozes, 2012 (Obras completas de C. G. Jung v. XVI/2).
- \_\_\_\_\_. **Estudos experimentais**. Petrópolis: Vozes, 2012. (Obras completas de C. G. Jung v. VI).

- \_\_\_\_\_. **O eu e o inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 2012. (Obras completas de C. G. Jung v. VII/2).
- \_\_\_\_\_. **Presente e Futuro.** Petrópolis: Vozes, 2012. (Obras completas de C. G. Jung v. XI/1).
- \_\_\_\_\_. **Tipos psicológicos.** Petrópolis: Vozes, 2012. (Obras completas de C. G. Jung v. VI).
- \_\_\_\_\_. **Vida simbólica I.** Petrópolis: Vozes, 2012. (Obras completas de C. G. Jung v. XVIII/1).
- \_\_\_\_\_. **Vida simbólica II.** Petrópolis: Vozes, 2012. (Obras completas de C. G. Jung v. XVIII/2).
- RAMOS, D. **A psique do corpo.** São Paulo: Summus Editorial, 2006.
- RAMOS, D. G., Biase, M. C., Baltazar, M. H. M., Rodrigues, M. L. P., Sauaia, N. M. L., Sayegh, R.R., Malta, S. M. C. **Os animais e a Psique.** São Paulo: Summus Editorial, 1999.
- ROBERT, J. A. **Innerwork - A chave do reino interior.** São Paulo: Mercuryo, 1986.
- RONECKER, J. P. **O simbolismo animal: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário.** São Paulo: Paulus, 1997.
- REDFORD, R. **The Horse Whisperer** [Filme]. Produção de Patrick Markey, direção de Robert Redford. United States. 170min, 1998.
- WOODMAN, M. **A coruja era filha do padeiro.** São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

## NOTAS SOBRE A TÉCNICA DAS ENTREVISTAS PRELIMINARES EM PSICANÁLISE

Larissa Gabriela Utzig  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
larissagabrielautzig@gmail.com

Michelly Michels  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
michellymichels@hotmail.com

A presente pesquisa pretende retomar as origens da prática clínica em Sigmund Freud, visando explicar as recomendações da técnica das Entrevistas Preliminares. Freud não impõe regras, nem reivindica qualquer aceitação condicional à técnica. Ele considera a diversidade de cada sujeito no que se refere aos seus processos psíquicos e culturais, e lembra que isso basta para se opor a qualquer mecanização da técnica. Apesar das circunstâncias singulares a cada caso, é possível e necessário estabelecer um procedimento eficaz, composto de recomendações básicas imprescindíveis para exercer a psicanálise. Nesse sentido, tem-se como objetivo discutir o manejo da técnica utilizada nas entrevistas preliminares. Para isso, utiliza-se como metodologia a revisão de literatura de textos psicanalíticos que consideram o inconsciente estruturado como uma linguagem. Esta pesquisa demarca questões que envolvem o setting terapêutico psicanalítico; a viabilização da rerepresentação do sintoma; a demanda do paciente e o manejo da transferência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise; Entrevistas Preliminares; Análise; Freud.

### REFERÊNCIAS

- ETCHEGOYEN, R. H. **Fundamentos da Técnica Psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FREUD, S. Recordar, Repetir E Elaborar (Novas Recomendações Sobre A Técnica Da Psicanálise II) (1914) In: **Obras Completas: v. 12**. Rio De Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise (1912). In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: v. 1**. Tradução Luiz Alberto Hanns (coord.). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- \_\_\_\_\_. O Uso Da Interpretação Dos Sonhos Na Psicanálise (1911). In: **Obras Completas: v. 10**. Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- \_\_\_\_\_. A Dinâmica Da Transferência (1912). In: **Obras Completas: v. 10**. Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- \_\_\_\_\_. Recomendações Ao Médico Que Pratica A Psicanálise (1912). In: **Obras Completas: v. 10**. Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.
- \_\_\_\_\_. Sobre O Início Do Tratamento E As Novas Recomendações Sobre A Técnica Da Psicanálise I (1913). In: **Obras Completas: v. 10**. Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d.
- \_\_\_\_\_. Observações Sobre O Amor De Transferência (1915). In: **Obras Completas: v. 10**. Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010e.
- \_\_\_\_\_. Consciência E Inconsciente (1923). In: **Obras Completas: v. 16**. Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.
- \_\_\_\_\_. Psicanálise I e Teoria Da Libido II (1923). In: **Obras Completas: v. 15**. Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.
- \_\_\_\_\_. O Estado Neurótico Comum (1917). In: **Obras Completas: v. 13**. Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a.

\_\_\_\_\_. Psicanálise E Psiquiatria. (1917). In: **Obras Completas: v. 13.** Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014b.

\_\_\_\_\_. Teoria Geral Das Neuroses - Os Caminhos Da Formação De Sintomas (1917). In: **Obras Completas: v. 13.** Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014c.

\_\_\_\_\_. Inibição, Sintoma E Angústia (1926). In: **Obras Completas: v. 17.** Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014d.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 2** - O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise. 3a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Seminário: Livro 11** - Os Quatro Conceitos Fundamentais Da Psicanálise. Trad. M D Magno. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia Da Pesquisa:** Abordagem Teórico-prática. Campinas: Papyrus, 2000.

QUINET, Antonio. **As 4+1 Condições Da Análise.** 12a ed. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise.** Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ZIMMERMAN, David E. **Manual De Técnica Psicanalítica: Uma Revisão.** Porto Alegre: Artmed, 2008. [https://www.academia.edu/36329218/MANUAL\\_DE\\_TECNICA\\_PSICANALITICA-\\_UMA\\_REVIS%C3%83O-\\_ZIMMERMAN.pdf](https://www.academia.edu/36329218/MANUAL_DE_TECNICA_PSICANALITICA-_UMA_REVIS%C3%83O-_ZIMMERMAN.pdf)

## A QUESTÃO DO NUMINOSO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Leonardo Augusto Catafesta  
leonardocatafesta@yahoo.com.br

Como Nietzsche aborda a questão do numinoso em sua obra? Qual a importância de discutir filosoficamente o politeísmo, o monoteísmo e o ateísmo a partir dos escritos do pensador alemão? Em *O nascimento da Tragédia* (1872), primeira obra publicada do filósofo, os deuses gregos são oriundos do influxo artístico caracterizado pelo par de impulsos apolíneo/dionisíaco, representantes estéticos do sonho e da embriaguez, respectivamente. Nietzsche detecta no politeísmo dos gregos antigos um contraponto crucial em relação às outras religiões vigentes: as divindades não surgiram pela falta ou pela necessidade, mas pelo excesso e elevação. Em *Humano, demasiado humano* (1878), *Aurora* (1881) e *A gaia ciência* (1882), Nietzsche passa a enfatizar o monoteísmo cristão sob vários aspectos e a denunciar os preceitos relativos tanto à sua doutrina, como à sua prática, tornando-se temas persistentes, não apenas nestas obras, mas até seus últimos escritos. Empreitada que tem como alvo denunciar o caráter declinante da postulação do deus único e seu vínculo com as leis morais que emergem a partir dele, que, na concepção nietzschiana, acarreta na domesticação do homem. Para escapar de tal diagnóstico e abrir-se para novas possibilidades, é necessário romper o elo que liga o homem e sua finitude com o deus eterno e transcendente. É no parágrafo 125 d'*A Gaia ciência* que o filósofo anuncia a morte de deus, com o propósito de inserir o humano em outra concepção e relação com a existência. O deicídio leva Nietzsche a dialogar com os ateus de sua época. Será que eles compreendem a morte do fundamento transcendente que outorga sentido às coisas mundanas? Na concepção do filósofo, a resposta é negativa: o ateísmo presente em seus contemporâneos trouxe outras configurações que serviram de referência, como a ciência, tornando-se uma mera troca de dogmas, persistindo na utilização de um dispositivo fulcral de autoengano, que prossegue a conservar, estreitar e cristalizar a dinâmica vital. Em *Assim falou Zaratustra* (1883), Nietzsche designa o protagonista da obra como "sem-deus", justamente com o propósito de o distinguir das outras formas de ateísmos vigentes, e, concomitantemente, expor o itinerário que refuta. Em *Além do bem e do mal* (1886), *A Genealogia da moral* (1887), *Crepúsculo dos ídolos* (1888), *Ecce Homo* (1888) e *O anticristo* (1888), Nietzsche radicaliza seu ataque ao deus de cunho cristão. Moral, metafísica e linguagem tornam-se alvos corriqueiros, pois o cristianismo só se viabiliza através destes pressupostos. Com todas as críticas arrematadas, as fundamentações inviabilizadas e o terreno moral, axiológico e metafísico destituídos, surge o problema: é possível existir, na ruminação nietzschiana, abertura ao âmbito divino? Ou o filósofo bloqueia peremptoriamente todos os canais de acesso à tal abertura? Em *Assim falou Zaratustra*, o filósofo aponta para a possibilidade de acreditar em um deus que soubesse dançar. Como é possível a concepção desse deus dançarino o qual assinala Nietzsche? Como se instauram seus pressupostos? Questões decisivas para balizar o pensamento nietzschiano dentro da problemática do numinoso e levantar as possibilidades de sua superação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Politeísmo; Monoteísmo; Ateísmo; Deus.

## **DO CURARE ENQUANTO SORGE: uma breve aproximação conceitual**

Leonardo Ribeiro de Souza Castro  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
leonardo\_r\_sc@hotmail.com

O cuidado (*Sorge*) é um tema filosófico circunscrito ao pensamento de Martin Heidegger (1889-1976). Integra o *corpus* de sua filosofia existencial, estando presente em alguns dos seus textos da década de 1920, mais explicitamente em sua obra *Ser e tempo* (1927). Tal conceito desempenha papel central na caracterização do modo de ser do ser-aí (que o filósofo compreende como a *essência da experiência humana*). Assim, logo no início da referida obra, o filósofo nos diz que: “*Ontologicamente, o ser-aí é cuidado*” (HEIDEGGER, 2015, p.103). No entanto, a formulação de tal conceito não depende tão somente da descrição fenomenológica do ser-aí; o filósofo parece também estabelecer um contraponto com a tradição filosófica, com que dialoga. Evidência disso são estudos, como a obra *Heidegger e a filosofia prática de Aristóteles* (2010), de Jesus A. Escudero, que indicam o quanto Heidegger tem em vista os contextos da filosofia prática aristotélica, em especial os da *Ética a Nicômaco*. Ora, se são conhecidos os laços genéticos que tal conceito heideggeriano tem com a filosofia dos gregos, pouco exploradas são as relações que tal conceito teria com a filosofia antiga tardia e, mesmo, com o turno medieval (temos aqui em vista Agostinho de Hipona e Mestre Eckhardt ao afirmar isso, autores influentes no pensamento heideggeriano). Como também se sabe, Heidegger, durante seus anos de formação, esteve profundamente comprometido com a teologia, a ponto mesmo de intérpretes como Gadamer (1976) nos lembrar dessa filiação ao pensamento religioso e do próprio Heidegger dizer, textualmente, sobre ser um teólogo cristão (Cf. PIEPER, 2015, p. 117). Se, nos anos seguintes, a conduta do filósofo se altera, a ponto de este atender mais aos chamados da fenomenologia do que aos de sua vocação teológica, o fato é que suas leituras do pensamento patrístico e escolástico não deixaram de ter vez em seu pensar. Evidência disso é que, ao longo de sua preleção de inverno de 1920-21, na Universidade de Freiburg, *Agostinho e o neoplatonismo*, Heidegger dedica significativa atenção à filosofia de Agostinho, seus laços com o neoplatonismo e, a partir disso, desenvolve o que chamará de “fenomenologia da vida religiosa”. Ali, Heidegger parece apropriar os conceitos e temas agostinianos para uma fenomenologia da vida religiosa e, em breve, para uma fenomenologia da existência. De fato, o filósofo alemão, com o intuito de enunciar “historicamente e de maneira realizadora (Heidegger, 2010, p.149)”, buscando desvelar o obducto dos âmbitos filosófico e teológico do pensamento de Agostinho, recorrerá à *Confissões*, especialmente ao livro X, para pensar tal projeto. Destarte, a partir da interpretação heideggeriana do itinerário conceitual agostiniano, desde conceitos como a facticidade da vida (*moléstia*), continência (*Continentia*), tentação (*Tentatio*), e, por fim, a ideia de “cuidado” (*curare*), conspíquas semelhanças entre os dois autores são encontradas, a saber, quanto ao modo de indicar o ápice de uma experiência existencial de maneira refletida, crítica e, por isso, pessoal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fenomenologia; Cuidado; Curare.

### **REFERÊNCIAS**

AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução SANTOS, J. Oliveira; PINA, A. Ambrósio. Petrópolis: Vozes, 1988.  
BRACHTENDORF, J. **Confissões de Agostinho**. Tradução MOTA, Milton Camargo. São Paulo, SP: Loyola, 2013.

- BROWN, P. **Santo Agostinho – Uma biografia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005.
- CAPELLE-DUMONT, P. **Filosofia y teología en el pensamiento de Martin Heidegger**. Tradução Pablo Corona. Buenos Aires: FCE, 2012.
- ESCUADERO, J. A. **Heidegger e a filosofia prática de Aristóteles**. Tradução Jasson da Silva Martins e José Francisco Santos. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Heidegger y la genealogía de la pregunta por el ser: Una articulación temática y metodológica de su obra temprana**. Barcelona: Herder Editorial, 2010.
- GADAMER, H. G. Ser, Espirito, Deus. In: GADAMER, H. G.. **Hegel-Husserl-Heidegger**. Tradução Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012. (pp. 429–445).
- GILSON, E. **A filosofia na Idade Média**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Discurso Editorial/ Paulus, 2006.
- HEIDEGGER, M; BULTMANN, R. **Correspondencia: 1925-1975**. Tradução Raúl Gabás. Barcelona: Herder, 2011.
- \_\_\_\_\_. **História da filosofia: De Tomás de Aquino a Kant**. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis: Vozes, 2014.
- KAHLMAYER-MERTENS, R. S. **10 Lições sobre Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MARROU, H. **Santo Agostinho e o agostinismo**. Tradução Ruy Flores Lopes. Col. Mestres Espirituais. s.ed.; s.l, s.d.
- MACQUARRIE, J. **An existentialist Theology – A comparison of Heidegger and Bultmann**. London: SCM Press, 1960.
- PIEPER, Frederico. Filosofia e teologia em Heidegger – Notas sobre a conferência Fenomenologia e teologia de 1927. **Numen**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 99 – 134, 2015.
- PRZYWARA, E. **San Agustin – Trayectoria de su genio, contexture de su espíritu**. Tradução P. Lope Cilleruelo. Buenos Aires: Revista de Occidente Argentina, 1949.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE NADA E DE NADIFICAÇÃO NO PENSAMENTO DE HEIDEGGER

Leosir Santin Massarollo Junior  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Embora não explicitamente nomeado, há um elemento evocado concomitantemente à evocação do *ser*: o *nada* (*Nicht*). Ainda que compreendidos como antípodas, ambos possuem funções originárias: são estruturas que norteiam o pensamento de Heidegger. Afirmamos tratar-se de um contexto de cointeligibilidade. A pergunta pelo *ser* é transversal à pergunta pelo *nada*; são questões metafísicas. Encontramos em suas formulações aquele que interroga implicado não apenas como questionador, mas “problematizado” junto à questão. Esta postura não renuncia ao *nada*, mas o retira do império da Lógica e o concebe como um ato do entendimento. Assinalo também que, subsumido à Lógica, o *nada* não seria capaz de estruturar a *analítica*, pois, como conceito, estaria sujeito ao princípio de não-contradição e seria negado. Porém, como *negação da totalidade dos entes*, segundo a *analítica existencial*, o *nada* é um impulso puro; um sustentáculo. O seu papel decisivo neste contexto é manifestado pela *angústia*. A *abertura* encontra-se em plena *totalidade dos entes*, este é seu *modo-de-ser*; o *nada*, por sua vez, é fundo e também fundamento da *transcendência*. *Transcendência* é ultrapassagem. Esta ultrapassagem do *ente* visa o *ser*. Sobre este fundo o *ser-aí* investe sobre o *ente* e é por ele investido. Sobre este fundamento o *ser-no-mundo* é conduzido ao *ente*, por meio da *transcendência*. Esta estrutura se articula mediante *a priori cuidado* (*Sorge*). Este *nada* não é uma criação meramente imaginária: é um acontecimento que consiste no desprendimento da significação da totalidade dos entes. Assim dá-se a revelação do *nada*. Revelado como fundamento, “lança” sua *negatividade* sobre o *ente*. Não há uma supressão dos entes, porém, a *angústia* petrificou a *transcendência*, impedindo a ultrapassagem: tem-se assim o recuo do *ente* em sua totalidade. Sem o refúgio dos *entes* resta apenas o *nada*. Assim sendo, os estruturais *compreender* e *discurso* sofrem um processo de *nadificação* (*Nichtung*). Esta consiste na subtração do valor dos entes pelo *nada*. A *nadificação* é a expressão da “força bruta” do *nada*. O *cuidado* vem à tona para expor a verdade: em sua constituição *ontológica* o *ser-aí* é *angústia* no fundo do seu *ser*. Suspenso em meio ao *nada*, porém, sem conhecimento de tal suspensão, as *tonalidades afetivas* emergem do *cuidado*. Nessa medida, o exercício do *compreender* e do *discurso* dependem deste *nada* fulcral. Totalmente voltado para o *ente*, o *ser-no-mundo* não é capaz de captar esse *nada* em sua originalidade, capta apenas o *não* e a *negação*. Na *transcendência do ente*, a *negação* está condicionada a um objeto previamente dado, que pode ser negado ou não, logo, diferente do *nada*, é um conceito lógico, um ato do entendimento, uma vez que mesmo uma análise prévia ocorre na articulação do *cuidado*, como já esclarecemos. Deste modo, é correto afirmar que a *negação* ocorre quando o *ser-no-mundo* é afetado pelo *não*, na forma de uma *tonalidade afetiva negativa*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nada; Nadificação; Ser-aí; Transcendência.

### REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, M. **Ensaio e Conferências/Martin Heidegger**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Que é metafísica?** Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Edição em alemão e português com tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora Unicamp, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Sobre a questão do pensamento.** Tradução Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2009.

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. **10 lições sobre Heidegger.** Petrópolis: Vozes, 2015.

STEIN, E. **Compreensão e finitude - estrutura e movimento da interrogação heideggeriana.** Ijuí: EdUnijuí, 2001.

\_\_\_\_\_. **Seis estudos sobre "Ser e tempo".** Petrópolis: Vozes, 1988.

## APROXIMAÇÕES AO CÍRCULO HERMENÊUTICO

Livio Paulo Michelson Junior  
Studium Theologicum (Curitiba- PR)  
liviopaulo2011@hotmail.com

A presente comunicação tem por escopo o conceito de *círculo hermenêutico*. A hermenêutica provém dos filósofos antigos, que compreenderam-na, em princípio, de modo similar à interpretação ou decodificação simbólica; em seguida, restringiu-se à interpretação bíblica. A disciplina ganha *status* próprio a partir de Schleiermacher, mas é no século XX que teologia e filosofia compreendem-na em sua autonomia e centralidade. A fim de alcançar, especificamente, o conceito de *círculo hermenêutico*, pretende-se esclarecer momentos-chave da obra do principal nome na hermenêutica da contemporaneidade, Hans-Georg Gadamer (1900-2002), recorrendo sobretudo a Richard Palmer e Jean Grondin. Entre os momentos examinados estão os seguintes: a *pré-compreensão*, estágio inicial da compreensão, indica o primeiro contato com aquilo sobre a qual a atenção recai. Esse primeiro contato se deve à *expectativa*: aquele que é motivado a buscar, depara-se com os pré-conceitos. Com mais expectativa e fazendo uso da *historicidade*, do *diálogo* e dos *horizontes de compreensão* consegue-se ultrapassar pré-conceitos; não se chega, porém, à *compreensão* como estado final, pois esta é um movimento contínuo de descobertas. A *historicidade* é o trabalho da história em nossa vida. Somos o tempo todo desafiados a experimentar coisas novas em nossa cotidianidade, a qual está repleta de preconceitos, que podem ser aprimorados e outros que não nos despertam interesse; assim, tomamos como base o que Chris Lawn diz “[...] o entendimento é, essencialmente, um evento historicamente efetivo” (GADAMER, 2011, p. 300). Disto, depara-se com os *horizontes de compreensão*, isto é, a bagagem que trazemos, composta pela pré-compreensão e pela historicidade, que são a base das nossas interpretações. Por último, encontramos, não menos importante, o conceito de *diálogo*. Por meio deste, dá-se a possibilidade de partilhar os nossos *horizontes de compreensão*, de fornecer material desenvolvido pela história, de trabalhar *preconceitos*, de acomodar ideias, de saciar e despertar expectativas, visto que estas nunca se findam. Tal movimento denominamos de *compreensão*, outro conceito central para Gadamer. Desta gama conceitual, formulamos, de maneira introdutória, o intento gadameriano indicado acima e o qual se caracteriza como o nosso objetivo, a saber, como explicitação do *círculo hermenêutico*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Círculo Hermenêutico; Compreensão; Hermenêutica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GRONDIN, Jean. (Org.). **O pensamento de Gadamer**. Tradução Enio Paulo Guachini. São Paulo: Paulus, 2012.
- KAHLMAYER-MERTENS, R. S. **10 lições sobre Gadamer**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1999.

## MONTAIGNE: UMA VISÃO POLÍTICA

Lucas Antonio Vogel  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
lucascoronel@hotmail.com.br

A presente comunicação discorrerá sobre a visão política do filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592), exposta em sua obra *Ensaaios*, mais especificamente no livro III. Nela, o filósofo expressa sua reflexão sobre o tema, o qual conhece muito bem, pois atuou em cargos públicos durante alguns anos. Para o autor, o político deve atuar numa dialética do particular e do geral, sendo que quem melhor pode falar de política são as pessoas que se abstêm de ocupar esse cargo, além de compreender a política como um domínio onde o privado e o público entram em contato. Montaigne constata a política como uma rotina, como um serviço ou um dever público de quem ingressa nela, mas nisso surgem conflitos constantes entre ética e política, o útil e o honesto, e entre servir ao bem público ou servir-se do público. Nesse sentido, o filósofo faz críticas aos parlamentares que enriqueceram dos cofres públicos sem declarar sua receita, além de perceber que na política tem-se muita hipocrisia, defesa dos próprios interesses, falta de palavra, ausência de amizade e tendência a adular o príncipe. Só para lembrar, essa era a visão de política presente em seu país no século XVI. Ao contrário disso tudo que estava acontecendo, o filósofo francês analisava que a função do príncipe deveria ter três ações: bem governar; julgar e ter bom senso; e discernimento visando sempre a justiça. O ensaísta entende que o poder público possibilita a muitos se corromper, pois, conforme o cargo eles se transformam em novos seres e visam mais suas razões políticas do que qualidades sociais ou realizar tarefas públicas, entendendo assim que, os que ocupam esses cargos nem sempre são os mais preparados para os mesmos. Nota-se que, com o poder que os políticos adquirem, buscam ser bajulados, satisfazer primeiramente sua vaidade e seus vícios e deixam de lado o bem público, que seria a meta principal, esquecendo que a vida é maior que a política. Assim, vê-se que, para Montaigne o núcleo da política consiste em governar e não em falar, somente assim o príncipe será um homem de ação. O filósofo entende a política como uma doação de parte de si ao bem público, mas sem perder a plena posse de si, buscando o engajamento (ou não) desta ação. O autor analisa ainda que todo o mal que a política causa no homem, como ostentação, astúcia, violência, leva as pessoas a fingirem e serem dissimuladas para continuarem vivas, além da obediência ser conquistada mais pelo medo do que por um convencimento, sendo frequente a mentira e a desconfiança nesse espaço para continuar nele. Nota-se ainda que, para Montaigne a razão do Estado busca um pensamento estratégico que garanta a sobrevivência, a integridade e segurança do próprio Estado, tanto para fins internos quanto para externos. Portanto, percebe-se que o filósofo faz críticas ao poder, mesmo tendo sido prefeito de Bordeaux, entendendo que a política é um jogo de estratégias e nem sempre limpo; todavia, ele sempre buscou ser um defensor do bem público.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política; Público; Governo.

### REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. **Montaigne e a Política**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2014.  
MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**: livro III. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## A PROPOSTA DE TRANSFORMAÇÃO DEMOCRÁTICA DA TECNOLOGIA DE ANDREW FEENBERG

Lucas dos Santos  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
PET-Filosofia / Bolsista FNDE  
lucas-tes@hotmail.com

José Atílio Pires da Silveira  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
piresdasilveira@yahoo.com

A presente comunicação apresentará a proposta de 'transformação democrática da tecnologia' conforme o pensamento de Andrew Feenberg em *Questioning Technology* (1999). Nessa obra, Feenberg, influenciado pelos filósofos da Escola de Frankfurt, tece uma crítica ao modo como a tecnologia é produzida e desenvolvida atualmente. Conforme sua crítica, a tecnologia representa hoje um instrumento de domínio e controle do homem e da própria natureza. Ao classificar as tecnologias atuais como essencialistas, ele, na verdade, apresenta a crítica de que a atual tecnologia não visa à emancipação do homem. Por esta razão, é necessária, para que tenhamos tecnologias não essencialistas que atendam às demandas humanas e do próprio meio ambiente, a sua 'transformação democrática'. Serão explorados os diferentes enfoques nos quais o filósofo classifica a tecnologia e será esclarecido porque esta não deve ser essencialista: somente assim, segundo Feenberg, os não especialistas poderão participar das tomadas de decisão quanto a produção, desenvolvimento e utilização da tecnologia na sociedade contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Democracia; Tecnologia; Transformação; Andrew Feenberg.

### REFERÊNCIAS

FEENBERG, Andrew. **Questioning Technology**. Nova York: Routledge, 1999.  
KELLNER, Douglas. Review-article on Andrew Feenberg, *Questioning Technology*.  
<<http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/kellner.html>>.

## EGOIDADE E VIRTUDE

### A promessa de felicidade na *Fundamentação da metafísica dos costumes* de Kant

Luciano Carlos Utteich  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
lucautteich@terra.com.br

Pela necessidade de atender às altas exigências da virtude (*Tugend*), apresentadas na *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), na proposta de conceder a partir dela “[...] ao ser racional, participar na legislação universal e o torna[r-se] apto a ser membro de um possível reino dos fins” (FMC, BA 78-9), Kant trouxe no conceito de virtude algo aparentemente nunca antes realizado: a exigência de redução ou encobrimento da presença do eu (apercepção empírica), para pôr em destaque, pura e simplesmente, o fundamento da atitude ética assentado com exclusividade na razão pura prática. Ainda que paradoxal, sobre essa exigência ele elucida a promessa de felicidade, presente na reflexão sobre a capacidade de a razão prática constituir uma vontade suficientemente forte e alcançar a dignidade de ser feliz (conceito racional de felicidade), em franca oposição ao conceito meramente empírico de felicidade. O modelo para desenvolver a condição incondicionada de ações desse tipo é indicado na exposição do conceito de um ser racional em geral como archetipus, pois o homem, uma natureza mista (em parte sensível e em parte inteligível), carece de um fio-condutor para retirar-se da perspectiva ainda só sensível (autoconsciência empírica) para considerar-se desde a perspectiva puramente inteligível (autoconsciência pura). Nestes termos surge a oposição entre o eu empírico e o eu inteligível no texto kantiano, na medida em que apenas o eu puro (autoconsciência transcendental) pode mostrar-se igualado ao fundamento puramente racional, com o qual a razão pura prática entra em diálogo em favor do estabelecimento do princípio da liberdade para o princípio incondicionado da ação moral. O objetivo da presente exposição é matizar e contrastar a menção kantiana a esses dois aspectos do eu, o sensível e o inteligível, na respectiva função desempenhada em favor da promessa de felicidade trazida ali.

**PALAVRAS-CHAVE:** Razão pura prática; Autoconsciência empírica; Autoconsciência pura; Virtude; Liberdade.

## REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Lisboa: Edições 70, 1992.  
\_\_\_\_\_. **Crítica da razão prática**. Lisboa: Edições 70, 1997.

## **CONCEITO DE ESPÉCIES NO ENSINO DE BIOLOGIA: reflexões sobre seu estatuto ontológico com foco na biodiversidade**

Luciano Neves da Silva  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
lucnevesmn@gmail.com

Fernanda Aparecida Meglhioratti  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Fernanda.meglhioratti@gmail.com

Ao oferecer uma ontologia para descrever a diversidade e os processos que ocorrem na natureza, a importância da espécie é reforçada por biólogos e filósofos. As espécies são apresentadas como unidade da diversidade e de evolução. As espécies tradicionalmente foram imaginadas como classes, no entanto, recentemente foi proposto que as espécies devem ser consideradas entidades individuais, entendidas como totalidades concretas e coesas, delimitadas no espaço e no tempo. As discussões epistemológicas do conceito de espécie biológica são importantes também para o Ensino de Biologia. Os documentos curriculares para o Ensino Médio preconizam que o Ensino de Biologia deve proporcionar ao estudante a possibilidade de participar dos debates atuais que necessitam de conhecimentos biológicos. Assim, o professor ao abordar com seus alunos os conteúdos de classificação dos seres vivos, a sistemática e o conceito de espécie também precisa abordar a diversidade de seres vivos no planeta, conteúdos estes associados com temáticas evolucionistas e a abordagem da biodiversidade. O Conceito Biológico de Espécie que é amplamente aceito na Biologia Evolutiva atua como uma linha de condução para o entendimento do conhecimento das espécies e sua relação com a preservação da biodiversidade. Exposto brevemente a temática do trabalho, o presente texto buscou refletir o conceito de espécie, em especial, o estatuto ontológico do Conceito Biológico de Espécie, bem como sua onipresença nos livros didáticos do Ensino Médio, apresentando também os documentos nacionais de Educação e o modo como orientam o ensino a respeito de espécies.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conceito Biológico de Espécie; Ontologia das Espécies; Livro Didático; Epistemologia da Biologia.

### **REFERÊNCIAS**

- BRASIL. Secretária de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base - Ensino Médio.** ed. 2017. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- CLARIDGE, Michael F.; DAWAH, Hassan A.; WILSON, Michael R. (eds.). **Species: The units of biodiversity.** London: Chapman e Hall, 1997.
- CRACRAFT, Joel. Species Concepts and the Ontology of Evolution. **Biology and Philosophy**, Philadelphia, n. 2, p. 329-346, 1987.
- FOLGUERA, Guillermo; MARCOS, Alfredo. El concepto de especie y los cambios teóricos en Biología. **Ludus Vitalis**, Ciudad de Mexico, vol. XXI, n. 39, p. 1-25, 2013.
- GHISELIN, Michael T. **Metaphysics and the origin of species.** New York: State University of New York Press. 1997.
- \_\_\_\_\_. A radical solution to the species problem. **Systematic Zoology**, New Haven, n. 23, p. 536-544, 1974.
- HOLTER, Brandon David. The ontology of species: a radically pluralistic perspective. **Thesis Master of Arts in Philosophy.** Department of Philosophy. Washington State University. August 2009. 78p.

MAYR, Ernst. The Biological Species Concept. In: WHEELER, Q.D; MEIER, R. (ed.). **Species concepts and phylogenetic theory: a debate.** New York: Columbia University Press. 2000a. p. 17-29.

STAMOS, David. **The species problem: biological species, ontology, and the metaphysics of biology.** Lanham: Lexington Books. 2003. 390 p.

ZACHOS, Frank E. **Species concepts in biology: historical development, theoretical foundations and practical relevance.** Cham: Springer, 2016.

## REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DOS ATOS DE FALA E A INTENCIONALIDADE EM AUSTIN

Luiz Claudio Inocência  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
luizclaudioinocencia@hotmail.com

O tema proposto para essa apresentação refere-se às conferências de John Langshaw Austin, tais como compiladas na obra *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Na abordagem proposta, a linguagem em Austin é contrastada com a tradição, e, a partir desse estudo, acompanharemos sua nova maneira de analisar a linguagem pautada na ação, realizando um exame dos seus diferentes usos, ou seja, a linguagem será analisada dentro de um determinado contexto social, com o sujeito em interação com o meio social. O que permeia todo esse novo horizonte não é mais uma análise semântica absolutamente centrada nos conceitos de sentido e referência, de verdade e falsidade. Para além disso, outros elementos passam a ser considerados importantes: sujeito, fala, convenções, intenções, contexto e meio onde o ato de fala é empregado. Investigar tais aspectos será de suma importância para o presente trabalho, pois, a partir desse estudo chegar-se-á à unidade central de investigação proposta por Austin. Nesse sentido, a ação aparece como elemento central para compreender a comunicação em sua obra. Isso direciona a linha da pesquisa aqui proposta; tenta-se, em certa medida, mostrar o caráter relevante de tais apontamentos para um novo horizonte da linguagem que agora mostra-se mais acessível ao público. O que por vezes foi apresentado como dicotomia entre linguagem e pensamento, ideia e representação do objeto, verdade e falsidade, torna-se mais complexo. Trata-se de nova forma de enfrentar um antigo problema referente à linguagem e sua relação com o mundo. A relação de instâncias separadas proposta pela tradição antiga e moderna, de ligação entre mundo mental e mundo dos sentidos através da divisão dicotômica, passa a ser direcionada para outro âmbito, o das ações, onde linguagem e realidade são instâncias interligadas. Nesta, os elementos investigados passam a ser analisados dentro de um determinado contexto, aproximando-se do discurso travado por atores reais e da prática cotidiana. Além disso, reorienta-se a análise da linguagem, que passa de algo a ser considerado primeiramente de modo abstrato, e conforme suas propriedades formais, para algo situado e conforme propriedades relativas às capacidades de seus usuários. O que se prioriza a partir de agora é uma abordagem da linguagem através de um exame de seus diversos usos em um contexto. Além disso, ressaltam-se também as convenções, bem como as intenções do falante que compartilham de costumes em uma dada comunidade e em acordo com uma dada língua. Trata-se, enfim, de uma abordagem que explora os aspectos aludidos à virada pragmática e organiza a filosofia realizando um exame dos diversos usos da linguagem endereçada como ação em um ambiente contextualizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem; Convenções; Intenções; Contexto; Ação.

### REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer; palavras e ação**. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.  
ROHDEN, Luiz. **O poder da linguagem: arte e retórica em Aristóteles**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

## **AS CHAMADAS *FAKE NEWS* COMO INSTRUMENTO DE VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS SOB A PERSPECTIVA DE NORBERTO BOBBIO (1909-2004)**

Luiz Fernando de Vicente Stoinski  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
luizfernando@stoinski.adv.br

José Francisco de Assis Dias  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
prof.dias.br@gmail.com

O tema desta pesquisa são as chamadas *fake news* como instrumento de violação dos direitos humanos sob a perspectiva de Norberto Bobbio (1909-2004). O problema levantado diz respeito à atual questão da disseminação de notícias falsas (“*fake news*”) e seus impactos no mundo moderno, em especial no campo da política. A premissa é a de que, de acordo com Bobbio, os direitos humanos são variáveis e se modificam conforme o momento histórico das nações (existem direitos humanos de várias gerações), não havendo que se falar em direitos humanos fixos. O mundo moderno e a tecnologia romperam barreiras de tempo e distância, possibilitando que recebamos um número sem limite de informações e notícias de qualquer parte do mundo, em tempo real, sendo que, receber informação útil e verdadeira constitui um direito de todos os Homens. Dessa forma, a partir de uma análise sobre o que são as chamadas “*fake news*” e como Bobbio define os direitos humanos, objetiva-se demonstrar que a praga das notícias falsas viola a dignidade humana e, por conseguinte, os direitos humanos como um todo, na medida em que nos mantém na ignorância e conduz ao erro. No que se refere às chamadas “*fake news*”, é realizado um estudo acerca da origem do termo e o que as constitui. Por sua vez, sobre a visão de Bobbio acerca dos direitos humanos, a principal obra do filósofo italiano que referencia o presente trabalho é “*A era dos direitos*”. A problemática aqui apresentada ganha sua importância e desperta nosso interesse, levando em conta as graves suspeitas e notícias de manipulação de eleições presidenciais em diversos países, através da disseminação de conteúdo falso, a fim de direcionar os pleitos aos mais diversos interesses (ideológicos, econômicos etc.), influenciando diretamente na capacidade de escolha e na vontade de determinação dos povos. Assim, principalmente através de um levantamento bibliográfico, conclui-se que Bobbio considera que a verdade nas informações constitui Direito do Homem e as “*fake news*”, portanto, ferem direitos humanos e devem ser combatidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Notícias falsas; Direitos Humanos; Política; Norberto Bobbio.

### **REFERÊNCIAS**

- AZEVEDO, Fernando Uilherme Barbosa de. **O negócio sujo das fake News: Hackers expostos! Veja o mundo lucrativo e antiético das fake news.** Publicação Independente: 2018.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- RAIS, Diogo. **Fake News: a conexão entre a desinformação e o direito.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 2018.

## UM NOVO PRINCÍPIO DE REALIDADE: A DIALÉTICA DA NATUREZA E A RAZÃO SENSÍVEL

Marcelo Barbosa  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
barbosa\_mondai@hotmail.com

Este resumo pretende anunciar, em linhas gerais, o desenvolvimento de um trabalho cujo objetivo é dinamizar o pensamento filosófico e dialético com a agroecologia. Inicialmente, utilizaremos como referência filosófica o pensamento de Herbert Marcuse e suas contribuições a respeito da nova sensibilidade e do potencial revolucionário da natureza. Como referência na literatura agroecológica, utilizaremos o livro *A Dialética da Agroecologia* de Luiz Carlos Pinheiro Machado e Machado Filho. Pretendemos, inicialmente, elucidar o quanto a antidialética é a relação do homem com a natureza em nossos tempos, e como seu uso instrumental, gerenciado pela tecnocracia, compromete a vida humana na Terra. Passaremos, então, a dialogar com as pretensões filosóficas de Marcuse, mostrando o quanto a natureza e a ecologia são potências que possibilitam a liberação do homem de um princípio de desempenho. Em seguida, tentaremos esboçar como o sistema agroecológico de agricultura contribui como potencial dialético que, ao relacionar-se com a natureza, reproduz a riqueza natural e produz alimento sem a necessidade de contaminação do solo. Por isso, buscamos relacionar a agroecologia como meio necessário para uma soberania alimentar e, conseqüentemente, para a soberania política de uma nação. A agroecologia se mostra, desse modo, como potencial revolucionário, na medida em que emancipa o homem junto da natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialética; Razão Sensível; Novo Princípio de Realidade.

### REFERÊNCIAS

MACHADO, Luis Carlos Pinheiro; MACHADO FILHO, Luis Carlos Pinheiro. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno.** São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MARCUSE, Herbert. **A grande recusa hoje.** Tradução Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, guerra e fascismo.** Editor Douglas Kellner. Tradução Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MARCUSE, Herbert. **Um ensaio para a libertação.** Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

## **DEUS E O MUNDO EM FRANCISCO DE ASSIS: uma luz na 'idade das trevas'**

Marcelo Luiz Dalmagro  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
marceloluizdalmagro@hotmail.com

Gilmar Henrique Conceição  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
gilmahenriqueconceição@hotmail.com

Ainda que Francisco de Assis desconfiasse dos estudos como uma espécie de porta para a vaidade, com o subseqüente risco de afastamento de Deus, ele estimulou alguns de seus "irmãos" a buscarem os estudos filosóficos e teológicos, mesmo com alguma oposição interna de frades mais conservativos. Assim, a Ordem de Poverello de Assis acabou por participar da vivência acadêmica na famosa Universidade de Paris, onde sobressaíram Alexandre de Hales e São Boaventura. De tal sorte que, a Escola Franciscana de Paris assegurou o direito à atividade científica no seio da Ordem, uma ação que poderia parecer estranha ao espírito original de Francisco. Francisco é crítico do 'pessimismo' filosófico-teológico que pregava a negação da natureza e do corpo; seu pensamento incorpora o mundo, a cidade e a alegria. Para Francisco, existiam três tipos de sociedade: Celeste, terrestre e a própria sociedade em que viviam, que tomava por objetivo aproximar as sociedades Celeste e Terrestre. No vértice do pensamento do "louco de Deus" se encontram as vivências no cotidiano, onde é possível notar a presença divina em qualquer criatura. Mas, isto surge como um problema para os intérpretes de seu pensamento. Enfim, são algumas destas difíceis nuances que esta comunicação quer problematizar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deus; Mundo; Sociedade; Alegria.

### **REFERÊNCIAS**

- AQUINO, Felipe. **Para entender a Inquisição**. 10. ed. Lorena: Cléofas, 2010.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CARDOSO NETO, L; KAHLMEYER-MERTENS, R. S. (Org.). **A filosofia em curso**. Porto Alegre: Evangraf, 2015.
- FRANCISCANOS; [http://franciscanos.org.br/?page\\_id=553](http://franciscanos.org.br/?page_id=553) (Acesso em 25 de outubro de 2018).
- GONZAGA, João Bernardino. **A Inquisição em seu mundo**. 3.ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 1993.
- LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 2. ed. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

## **A ORDEM DA ANÁLISE E O EXERCÍCIO DE MEDITAR**

### **Sobre a via seguida no texto *Meditações Metafísicas*, de René Descartes**

Marcos Alexandre Borges  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
UERR – Universidade Federal de Roraima  
marcos.borges@uerr.edu.br

Com o presente trabalho, pretende-se abordar a relação entre o que Descartes entende por análise e por meditação, como constituintes da “via seguida” no texto “Meditações Metafísicas”. Essa abordagem é indispensável pela peculiaridade que a referida obra apresenta, em detrimento do modo como ela é escrita, do método nela empregado, do estilo do texto. Nas Respostas às Segundas Objeções, Descartes expressa o desejo de que os leitores não empregassem apenas o tempo necessário para a leitura da Meditação Primeira, mas alguns meses ou, ao menos, algumas semanas, para considerar as coisas que ali são tratadas (AT, IX, p. 103). Em Carta a Huygens, de 12 de novembro de 1640, menciona a necessidade de dias ou semanas inteiras para meditar sobre as coisas que ele tratou em suas Meditações Metafísicas como um todo (AT, III, p. 241-242). Ou seja, o referido escrito exige um tempo e atenção consideráveis para que seja devidamente compreendido. Ao escrever sua principal obra sobre metafísica, Descartes rompe com o modelo tradicional de sua época – ou, ao menos, daquela que imediatamente o precede – e não o faz de acordo com a estrutura habitual das obras tradicionais, divididas em capítulos, em que cada um esgota um tema (GUEROULT, 2016, p. 22). Ainda nas Respostas às Segundas Objeções, Descartes afirma ter seguido somente a “via analítica” em suas Meditações, por considerá-la mais verdadeira e mais própria para o ensino (AT IX, p. 122). Na sequência do mesmo texto, escreve que não seguiu nem o modelo dos filósofos, com “disputas ou questões”, nem o dos geômetras, com “teoremas ou problemas”, mas preferiu escrever seu texto como “meditações”. Fica evidente que Descartes afirma seguir o método de análise, clara e explicitamente inspirado nos geômetras gregos e, em seguida, inclui o modelo dos geômetras, com teoremas ou problemas, entre aqueles que ele não seguiu na escrita desse texto. Como conciliar essas duas afirmações? Haveria uma incongruência no texto cartesiano? Qual a relação entre o “método de análise” e o “meditar”, mencionados por Descartes como o que caracteriza a “via seguida” no texto *Meditações Metafísicas*? Seriam esses dois procedimentos distintos idênticos ou complementares para entender o que podemos chamar aqui de “ordem das Meditações”? A partir dessas questões pretende-se discutir sobre a ordem das Meditações, com o intuito de compreender a chave de leitura da principal obra da metafísica cartesiana. A hipótese que se pretende defender é que existe uma relação intrínseca entre o exercício da meditação e a realização do método de análise, e que o texto *Meditações Metafísicas* expressa essa relação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Descartes; Análise; Meditação.

### **REFERÊNCIAS**

- DESCARTES, R. **Œuvres**. Publiées par Charles Adam et Paul Tannery. 11 vol. Paris: Vrin, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Méditations métaphysiques**. Edités par Jean-Marie Beyssade et Michelle Beyssade. Paris: Garnier-Flammarion, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas**. J. Guinsburg, Roberto Romano e Newton Cunha (Orgs.). Tradução J. Guinsburg, Bento Prado Jr. et al. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Textos, 24).
- ALQUIÉ, Ferdinand. **La découverte métaphysique de l’homme chez Descartes**. Paris: PUF, 1950.
- ARANGO, I. D. “Descartes segun el orden de los problemas”. **Estudios de Filosofía**, Medellín, n. 4, p. 11-23, 1992.

BATTISTI, C. A. **O método de análise em Descartes**. Cascavel, PR: Edunioeste, 2002.

\_\_\_\_\_. O Método de análise e o seu fundamento. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 571-96, 2010.

\_\_\_\_\_. É possível as Meditações procederem dedutivamente e, ao mesmo tempo, necessitarem da clareza e distinção como critérios de verdade? **Modernos & Contemporâneos**, Campinas, vol. 1, n. 2, p. 57-69, 2017.

GUEROULT, M. **Descartes selon l'ordre des raisons I, l'âme et Dieu**. Paris: Aubier, 1968. 2 v.

KAMBOUCHNER, D. **Le style de Descartes**. Paris: Editions Manucius, 2013.

TIMMERMANS, B. **La resolution des problèmes de Descartes a Kant**. Paris: PUF, 1995.

## O PROCESSO DE FETICHIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO EM MARX FRENTE ÀS PROBLEMÁTICAS DAS FAKE NEWS

Marcos A. Mantovani  
UEL – Universidade Estadual de Londrina  
mantovani500@hotmail.com

Katia R. Salomão  
UNIVEL – Centro Universitário de Cascavel  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
salomao@univel.br

O presente trabalho possui o objetivo de analisar, em face ao direito à informação, a comunicação em seu caráter discursivo instrumentalizado e fetichizado, no qual a mesma assume a condição mercantilizada, e suas manifestações imbricadas nas *fake news*. Para isso, buscou-se em Karl Marx compreender a comunicação enquanto seu caráter discursivo e instrumentalizado, por meio dos conceitos de fetiche da mercadoria, contrastando ao conceito de domesticação pela comunicação de Chomsky. Ao fim, propôs-se ainda analisar as contradições presentes nas *fake news*, como fato notório que corrobora no processo lícito de direito à informação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação; Autoridade; Cultura Digital; Racionalidade Tecnológica; Teoria Crítica; Escola de Frankfurt.

### REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Jadir. O fetiche forma-salário. In: SOUZA, Elaine C. de; CRAIA, Eladio C. **Ressonâncias filosóficas: entre o pensamento e ação**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- CHOMSKY, N. **Poder e terrorismo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Mídia: propaganda política e manipulação**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- MARX, Karl. **Sociologia**. Organização Otavio Ianni. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Salário, preço e lucro**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os Economistas).
- RUBIN, Isaak Illich. **A teoria marxista do valor**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

## FORMAÇÃO E RACIONALIDADE TECNOLÓGICA: NOTAS SOBRE A RECONFIGURAÇÃO DA AUTORIDADE NA CULTURA DIGITAL

Maria Isabel Formoso Cardoso e Silva Batista  
UNIOESTE/Campus Toledo  
miformoso@hotmail.com

Problematiza-se a relação entre autoridade e formação (*Bildung*), mediada pela racionalidade tecnológica da cultura digital contemporânea, baseando-se nas reflexões da Teoria Crítica da Sociedade. Na sociedade industrial e pós-industrial, a racionalidade tecnológica configura-se como processo social fundante de modos de sociabilidade e de subjetivação dos indivíduos, mediando-lhes sua “formação” e circunscrevendo-os em certas concepções, valores e lógica social. Diante do avanço e das crises cíclicas do capitalismo, da corrosão dos laços sociais e da perda de referências formativas tradicionais e institucionais (como a instituição familiar), abre-se espaço para a adesão a outras formas de referências sociais (Sennett, 1999). A autoridade institucional/familiar (autoridade pessoal) foi, com o aprofundamento da crise social, deslocada para outras agências externas à família (autoridade social), as quais absorveram as projeções, idealizações e desejos de satisfação narcísica dos indivíduos (Horkheimer e Adorno, 1973; Crochík, 2008). Os coletivos projetam-se aos indivíduos como fortes figuras de autoridade, às quais eles devem submeter-se, compensando a sensação de “homeostase (social e psíquica) perdida” em relação à cultura; a necessidade de identificação com um poder ou uma força externa que funcione como substituto ou simulacro da autoridade ausente acaba sendo satisfeita por meio dessa adesão (Adorno, 2006). Assim, a mediação das instituições sociais – outrora referências culturais tradicionais e representações da autoridade e do “não-idêntico” (outro; não-eu) – perde sua força na sociedade de monopólios, impossibilitando experiências de enfrentamento do sujeito com a realidade (objeto). Para Freud (1996) e Adorno (1971; 2006), o não-idêntico é fundamental ao processo de autonomização do sujeito, pois, na relação com este, obriga-o à diferenciação à medida que, representando a realidade, a cultura (objeto), confronta-se com ele (sujeito), o qual é colocado diante de duas possibilidades: resistir à fusão com o objeto e diferenciar-se dele (formação/individuação), ou sucumbir e integrar-se a ele (semiformação/adaptação). Segundo Arendt (2003), a autoridade (*auctoritas*), em seu sentido original, na Antiga Roma, relacionava-se àqueles aos quais cabia lançar as bases (fundações) sócio-políticas das cidades, sendo, por isso, “autores” (*auctor*) das regras sociais e, portanto, referências culturais e históricas (tradição) à formação dos homens e ao desenvolvimento social e político das cidades. Ser “autor” significa, portanto, ter autonomia. Assim, a autoridade sempre foi fundamental à autonomia (resultado do processo de individuação e *telos* da formação cultural), pois, para além de sua possibilidade de transmissão cultural transgeracional, ela também favorece a experiência relacional do sujeito com o mundo, ensejando movimentos de adaptação e resistência, de identificação e diferenciação frente a ele, necessários à formação do indivíduo. No contexto atual, os simulacros digitais têm se apresentado aos indivíduos como novos parâmetros da autoridade, fornecendo referências aos seus processos de sociabilidade e subjetivação. Porém, como a experiência virtual é baseada em uma identificação projetiva (não-real) com o objeto, o esforço de individuação é substituído pelo de imitação e integração social; o mimetismo se coloca no lugar da experiência e a mera adaptação não deixa lugar à resistência e à diferenciação, as quais sucumbem ao princípio totalitário (Adorno, 1971; Horkheimer e Adorno, 1985). Destarte, a autoridade digital alinha-se ao autoritarismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação; Autoridade; Cultura Digital; Racionalidade Tecnológica; Teoria Crítica; Escola de Frankfurt.

### REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 1998.  
OBIOLS, Guilherme. **Uma Introdução ao ensino da filosofia.** Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

## **A FELICIDADE É POSSÍVEL?** **Reflexões a partir da vontade em Schopenhauer**

Maria Socorro de Lima  
Unioeste  
msdlima@gmail.com

Abordar a felicidade em Schopenhauer parece ir de encontro com a categoria por meio da qual o autor é tradicionalmente definido: o pessimismo. No entanto, em razão da grande discussão na atualidade sobre o tema suicídio, compreende-se ser pertinente discutir as ideias do autor a partir de outra perspectiva. Não se trata de abordar aqui a felicidade numa perspectiva de completude, sem a suscetibilidade do tempo e do movimento, mas de uma consciência que compreende a dinâmica da nossa própria essência e como ela se apresenta como fenômeno: a vontade. Em relação à dinâmica da vontade, que não se restringe somente ao homem, mas ao todo como o mundo se apresenta, Schopenhauer é enfático em caracterizá-la como um incessante querer. O tédio consiste apenas num daqueles poucos momentos em que a vontade se cala, para logo depois se lançar em direção a outro objeto. Todavia, se não podemos romper com o ciclo da vontade através da satisfação pontual do querer, Schopenhauer nos aponta para a possibilidade da negação do querer em si mesmo. A supressão do querer é a única possibilidade frente a um contentamento efêmero e ilusório. É claro que essa negação, na figura do asceta, não é uma possibilidade para toda a humanidade, já que o filósofo, em sua reflexão sobre a moral, argumenta no sentido de uma essência inata, inerente a cada pessoa: a vontade individual. Mas essa sua delimitação não é sem razão, já que ele argumenta no sentido de que o caráter não é variável, mas inato. Toda a sua reflexão parte do princípio de que temos uma essência, e as circunstâncias, o meio e a educação nos possibilitam exteriorizar nossas características. Mas em se tratando do caráter inato, esse determinante traz consequências para a ética, pois cada vontade individual, dotada de seu caráter peculiar, relaciona-se diferentemente com as demais pessoas que convivem em comunidade. Há aquelas pessoas dotadas de uma essência que, ao se relacionarem com outras pessoas, são capazes de adequar as suas ações para não adentrarem a vida alheia: a isso Schopenhauer chama de justiça. Existem outros tipos de caráter, que conseguem, na forma de caridade, abdicar de coisas em prol de outra pessoa. Por último, temos o asceta. A sua principal característica não está vinculada ao comportamento com outra pessoa, mas com a própria vontade, pois a ele é possível o quietivo do querer. Todavia, se somente o asceta consegue suprimir o querer, como ficam as demais vontades que não possuem essa abertura? A possibilidade do autoconhecimento das peculiaridades inerente a cada vontade, ao que Schopenhauer denomina de caráter adquirido. Esse comportamento não objetiva uma felicidade plena, sem faltas, sem enganos, mas uma ética resultante do autoconhecimento sobre o "como" sua vontade se apresenta em determinadas circunstâncias. Nesse sentido, o conhecimento da dinâmica da vontade e o autoconhecimento das peculiaridades de cada vontade individual não possibilitam uma felicidade plena, contudo, uma saída para o sofrimento, já que o autoengano pode ser uma das maiores causas de infelicidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Felicidade; Vontade; Essência.

### **REFERÊNCIAS**

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

## ENTRE A HERANÇA DE ROUSSEAU E A CRÍTICA DE HANNAH ARENDT: UM BREVE OLHAR SOBRE A QUESTÃO DA REVOLUÇÃO

Mário Sérgio Vaz  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Bolsista CAPES  
mariovaz74 @gmail.com

Pode-se dizer que a influência do pensamento político e filosófico de Jean-Jacques Rousseau contido em seu livro *Do Contrato Social* (publicado originalmente em 1762) se tornou fonte inspiradora para algumas das principais teses republicanas e de aspirações igualitárias ao longo dos tempos na história ocidental. Exemplarmente, é visível o espírito das ideias de Rousseau sobre a Declaração de Independência Americana redigida por Thomas Jefferson e proclamada em 4 de julho de 1776. Já quanto ao tema da Revolução Francesa de 1789, a influência do filósofo genebrino é ainda mais profunda. Admirado por Marat (1743-1793) e, sobretudo, por Robespierre (1758-1794), a presença de alguns conceitos rousseauianos - a saber, vontade geral e soberania - se fez sentir não apenas no plano teórico, mas como uma força motriz que tomou conta do *páthos* revolucionário durante as três últimas décadas do século XVIII. Assim sendo, neste texto discute-se o conceito de vontade geral e de soberania em Jean-Jacques Rousseau, para, em seguida, realizar um contraponto com a leitura contemporânea de Hannah Arendt com relação à confluência destes conceitos no desenvolvimento da Revolução Francesa. Assim, visa-se iluminar alguns temas e problemas rousseauianos a partir do contraste com a compreensão arendtiana do termo revolução e de ideal democrático. Nesse sentido, parte-se do livro *O Contrato Social* (1999), de Jean Jacques-Rousseau, e *Da revolução* (1990), de Hannah Arendt, onde há uma leitura crítica que incide sobre as apropriações das ideias rousseauianas de liberdade e vontade geral por parte da experiência política da Revolução francesa. A partir disso, mostra-se como se define a compreensão arendtiana de revolução e, por conseguinte, de política.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vontade geral; Soberania; Revolução Francesa; Hannah Arendt; Jean-Jacques Rousseau.

### REFERÊNCIAS

- AMIEL, Anne. **Hannah Arendt: política e acontecimento**. São Paulo: Instituto Piaget, 1997.
- ARENDT, Hannah. **Da revolução**. Brasília: Editora da UnB, 1990.
- BIGNOTTO, Newton. Hannah Arendt e a Revolução Francesa. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, n. 29, maio de 2011.
- BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho; apresentação Celso Lafer. Rio de Janeiro: Ed. Elsevier, 2004.
- COSTA, Marta Nunes da. **Os dilemas de Rousseau: natureza humana, política e gênero em perspectiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.
- FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: o bom selvagem**. São Paulo: FTD, 1989.
- HERB, Karlfriedrich. Luz e sombra: o público e o privado em Jean-Jacques Rousseau e Hannah Arendt. **Philosophos**, v. 7, n.1, p. 75-90, 2002.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **O paradoxo de Rousseau: uma interpretação democrática da vontade geral**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- SCHMITT, Carl. **Legalidade e legitimidade**. Tradução Tito Lívio Cruz Romão; Coord. e Supervisor Luiz Moreira. Belo Horizonte: Del Rey, 2007.
- SMOLA, Julia, G. Hannah Arendt lectora de Rousseau. **doispontos**, Curitiba, São Carlos, vol. 7, n. 4, setembro, 2010.

## TRILOGIA TEMÁTICA DE NORBERTO BOBBIO (1909-2004): DIREITOS DO HOMEM, DEMOCRACIA E PAZ

Medéia Lais Reis  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
medeialais@hotmail.com

José Francisco de Assis Dias  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
prof.dias.br@gmail.com

Far-se-ão importantes questionamentos relacionados ao fundamento dos direitos humanos segundo Norberto Bobbio, sobretudo a partir da Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, como manifestação da prova de que um sistema pode ser humanamente fundado e, conseqüentemente, reconhecido: e a prova disso é o consenso universal acerca da aceitação e validade da declaração, validade que pode ser acolhida como a maior prova da história acerca de um sistema de valores humanos, onde os homens do mundo inteiro acordaram, através de um documento, a valoração do ser humano. Quando Bobbio trata do tema dos direitos do homem, o filósofo busca por um conceito de cidadania que ultrapasse as convenções estatais e afirme, em compasso com os direitos humanos, que todo indivíduo, não importa sua nacionalidade, tenha “direito” a ter direitos, e a proteção de tais direitos está estritamente relacionada aos problemas da democracia e da paz. Pois, segundo Bobbio, sem direitos do homem reconhecidos e protegidos não existem as mínimas condições para a democracia, e, conseqüentemente os indivíduos terão a guerra como alternativa e não a busca de uma paz estável; em outras palavras, a democracia é o espaço onde habitam os cidadãos, e os súditos são reconhecidos como cidadãos quando lhes são assegurados direitos fundamentais. Assim existirá paz e os indivíduos não terão a guerra como alternativa, tornando assim os indivíduos não deste ou daquele Estado, mas, sim, seres humanos – cidadãos do mundo. Ao tratarmos do tema dos direitos do homem, é necessário voltarmos o olhar para a filosofia da história, pois a história faz sentido para os indivíduos quando analisada uma situação concreta. Se faz necessário nos voltarmos para a história, a fim de compreendermos por quais direitos lutamos, pois os direitos do homem são direitos cada vez mais novos e extensos, e esse crescimento moral não se mede apenas por palavras, mas, sim, por fatos concretos. Para justificar tal afirmativa, Bobbio nos diz: De boas intenções o inferno está cheio. Não é a questão de esgotar todos os questionamentos acerca dos direitos do homem, nem tão pouco solucionar de uma vez por todas e todos de uma vez, mas, sim, investigar qual a melhor maneira para garantir que o homem tenha seus direitos básicos garantidos, e investigar uma solução, para que eles não sejam frequentemente violados. Norberto Bobbio uniu pensamento e ação ao longo de sua vida, o que se torna ainda hoje de grande importância para todo indivíduo que almeja por direitos e que deseja a paz; conseqüentemente, terá a democracia como morada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direitos do Homem; Democracia; Paz; Norberto Bobbio.

### REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

\_\_\_\_\_. **Direito e estado no pensamento de Immanuel Kant**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. **Direito, ética e política**. Ricardo Bins di Napoli, Albertinho Luiz Gallina (Orgs.). Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. **O conceito de sociedade civil**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

- \_\_\_\_\_. **O Terceiro ausente: ensaios e discursos sobre a paz e a guerra.** Barueri: Manole, 2009
- \_\_\_\_\_. **O futuro da democracia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- ONU. **CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS.** 1945.
- \_\_\_\_\_. **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DOS HOMENS.** 1948.
- DIAS, José Francisco de Assis. **Consensus omnium gentium: o problema do fundamento dos direitos humanos no pensamento de Norberto Bobbio (1909-2004).** Maringá-PR: Humanitas Vivens, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Não matar.** Maringá-PR: Humanitas Vivens, 2015.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS NOÇÕES DE VERDADE E MENTIRA NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE E FREUD

Michaela Carla Laurindo  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
michaella.laurindo@pucpr.br

O presente trabalho visa tecer algumas considerações sobre as noções de verdade e mentira na obra de Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud. A obra que suscitou esse questionamento foi "*Sobre Verdade e Mentira no sentido extra moral*", um texto que foi ditado por Nietzsche a um amigo em 1873, mas só publicado postumamente. O filósofo alemão critica o fato do homem moderno confiar no poder das palavras e dos conceitos sem atentar que não portam um significado unívoco e muito menos conduzem à uma verdade universal. Já Freud assevera que não há a realidade dos fatos, o que o ser humano nomeia como "a verdade" é determinada pela sua realidade psíquica. Mas a realidade psíquica carece de essência e nada mais é do que uma tentativa defensiva, no intuito de preencher com algum sentido a existência – sentida como árdua justamente pela sua falta de sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verdade; Mentira; Nietzsche; Freud.

### REFERÊNCIAS

- CORBANEZI, E. Verbete: Perspectivismo [Perspektivismus]. In: GEN. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.
- FREUD, S. Projeto de uma psicologia científica [1895]. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas [1916-17]. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GODINO-CABAS, A. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: Da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- KRASTANOV, S. V. **Nietzsche: pathos artístico versus consciência moral**. São Carlos: UFSCar, 2010. 131 f. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2010.
- LIMA, J. S. L. Verbete: Verdade [Wahrheit]. In: GEN. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.
- MELO NETO, J. E. Verbete Vontade de verdade [Wille zur Wahrheit]. In: GEN. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.
- NIETZSCHE, F.W. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. Tradução F. M. Barros. São Paulo: Hedra, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Fragmentos Póstumos 1885-1889**. Madrid: Editorial Tecnos, 2016.

## **O PROSLOGION DE ANSELMO DE CANTUÁRIA NA PERSPECTIVA DE PAULO RICARDO MARTINES**

Mônica Chiodi  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
monica\_kiodi@hotmail.com

Gilmar Henrique Conceição  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
gilmarhenriqueconceicao@hotmail.com

Santo Anselmo acompanha, em suas grandes linhas, o pensamento de Santo Agostinho, ainda que não tenha deixado um sistema filosófico ou teológico. Dentre os problemas particulares sobre os quais Anselmo refletiu, esta comunicação tem por objetivo analisar o argumento único a respeito da existência de Deus, apresentado no *Proslogion*. Busca-se examinar, a partir da sugestão de Paulo Ricardo Martines, como os múltiplos argumentos expostos no *Monologium* unificam-se na segunda obra anselmiana, notadamente sob a formulação 'algo tal que não se pode pensar nada maior'.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Proslogion*; Anselmo de Cantuária; Argumento único.

### **REFERÊNCIAS**

- ABELARDO, Pedro. **Lógica para principiantes. A História das minhas calamidades.** 4 ed. Tradução Ângelo Ricci, Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores).
- GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa.** 6. ed. Tradução Raimundo Vier. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- MARTINES, Paulo Ricardo. **O "argumento único" do Proslogion.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. (Coleção Filosofia 53).
- MARTINES, Paulo Ricardo. Sobre a prova da existência de Deus em Anselmo. **Revista Caderno de Trabalhos Cepame**, vol.1, n.3, p. 83-95, 1992. Disponível em:<<https://www.revistas.usp.br/ctcepame/issue/view/8666>> Acesso em 12 de outubro de 2018.
- SANTO ANSELMO. **Monologium. Proslogium. O Gramático.** 4 ed. Tradução Ângelo Ricci, Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção os Pensadores).
- STREFING, Sérgio Ricardo. **O argumento Ontológico de Santo Anselmo.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. (Coleção Filosofia 2)

## **ONTOLOGIA E SEMÂNTICA:** **O problema ontológico e a Teoria das Descrições de Bertrand Russell**

Natalia Amaral de Azevedo  
UEL – Universidade Estadual de Londrina  
natalia.a.filo@gmail.com

Willard Quine denomina a questão que pretende enfrentar no artigo *Sobre o que Há* de “problema ontológico”, e explica que ele trata basicamente de dizer o que há, o que existe, ou seja, trata de questões a respeito do ser. Então, para exemplificar tal problema, nos apresenta uma discussão onde ele e dois interlocutores discordam em ontologia, ou seja, Quine afirma que uma entidade não existe enquanto os filósofos que chama de McX e sr. Y, utilizando argumentos filosóficos, insistem em dizer que ela – a criatura mitológica Pégaso –, uma entidade que sabemos não existir, possui ser. Ao dizer “Pégaso não existe”, argumenta McX, estamos atribuindo ser a ele, pois, estamos atribuindo à entidade ao menos a propriedade de não-existência. Já sr. Y, também defendendo a existência de Pégaso, afirma que ele possui ser na qualidade de possível não realizado, e que, mesmo não tendo a propriedade da existência, a entidade de alguma forma subsiste. Dada a situação em que nos colocamos devido a essas argumentações, que atribuem ser onde deveríamos nos contentar de que não há nada, somos obrigados a aceitar que qualquer entidade presente na nossa linguagem, como o Pégaso do exemplo, deve existir. Porém, Quine não se contenta em admitir a existência de Pégaso, da mesma forma que não aceitaríamos, apenas devido a esses argumentos, a existência de um planeta entre o Sol e Mercúrio, por exemplo, nem de diversas outras entidades com as quais não nos comprometemos ontologicamente, ou seja, com as quais não nos comprometemos com a existência de nenhuma forma. Para esclarecer essa emaranhada confusão, a análise ao problema ontológico terá que ser complementada com a dimensão semântica, ou seja, da análise do significado de termos e expressões, e Quine utiliza para essa análise a teoria das descrições de Bertrand Russell. Dessa forma, além de mostrar como Quine nos apresenta ao longo da primeira parte de seu artigo o problema ontológico, o presente trabalho tem por objetivo mostrar como ele utiliza a teoria das descrições de Russell como subsídio para resolver tal problema, mostrando as principais características dessa teoria e suas implicações ontológicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Problema Ontológico; Willard Quine; Semântica; Teoria das Descrições; Bertrand Russell.

### **REFERÊNCIAS**

QUINE, Willard. **Sobre o que Há**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).  
RUSSELL, Bertrand. On Denoting. **Mind**, v. 14, p. 479-493, 1905.  
\_\_\_\_\_. **Introdução à Filosofia da Matemática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

## **EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS EM CRISE: contribuições de Martha Nussbaum**

Nelsi Kistemacher Welter  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
nkwelter@gmail.com

Nosso trabalho abordará a discussão presente na obra *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*, em que Martha Nussbaum reflete sobre a crise na educação e seus efeitos. De acordo com a filósofa, uma “crise silenciosa” se abate sobre a educação em todo o mundo, trazendo efeitos que são um verdadeiro “câncer” para a educação. Essa crise tem provocado mudanças desastrosas na educação, na medida em que está relacionada, de algum modo, a uma visão reducionista de crescimento econômico, que desconsidera a ideia de desenvolvimento humano. No livro em questão, a filósofa distingue o modelo de educação voltado ao crescimento econômico do modelo de educação voltado ao desenvolvimento humano. O primeiro se limita à formação da inteligência científica dos indivíduos, sobretudo com o propósito de torná-los produtivos e competitivos; já o segundo modelo, que compreende a inclusão das disciplinas de filosofia, literatura e artes, se propõe a formar cidadãos capazes de raciocínio crítico e com senso de igualdade (condição própria da democracia), tornando-os solidários e ao mesmo tempo críticos, com condições de exercer seus direitos e de se posicionarem quando das negligências no exercício das funções que cabem ao Estado. Entre as consequências da aplicação da tese do desenvolvimentismo à educação (considerando apenas o desenvolvimento econômico e ignorando o desenvolvimento humano), ocorre a eliminação das artes e das humanidades, para dar lugar a disciplinas que “formem” indivíduos competitivos para o mercado, formando a “geração do lucro”, eliminando também competências e habilidades – como a capacidade de formulação do pensamento crítico e a consciência de respeito ao próximo – que são necessárias para a formação de cidadãos atuantes numa democracia. Procuraremos, portanto, destacar o percurso argumentativo da autora em prol das humanidades e seu papel para o futuro da democracia e a consequente defesa dos direitos humanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direitos Humanos; Educação; Democracia.

### **REFERÊNCIAS**

NUSSBAUM, Martha. **Cultivating Humanity: a classical defense of reform in liberal education.** Cambridge: Harvard University Press, 2003.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades.** Tradução Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

## O JOVEM NIETZSCHE E AS INFLUÊNCIAS DE LANGE

Neomar Sandro Mignoni  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Bolsista CAPES  
neomarmignoni@hotmail.com

O presente estudo visa tematizar a influência da obra de Lange no jovem Nietzsche enquanto ainda era estudante de Filologia Clássica em Leipzig, por volta de 1866-68. Procuraremos evidenciar que a *História do Materialismo* ocupa um lugar central entre as principais fontes de informação a partir da qual o jovem Nietzsche pode levar a cabo uma série de leituras, especialmente sobre a ciência do seu tempo, que serão fundamentais e determinantes no plano da elaboração de seus principais escritos dos anos de 1870.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nietzsche; Lange; Schopenhauer; Ciência.

### REFERÊNCIAS

- BROBJER, Thomas H. **Nietzsche's Philosophical Context: An intellectual Biography**. USA: University of Illinois Press, 2008.
- CAMPIONI, Giuliano, et al. **Nietzsches persönliche Bibliothek**. Berlim: Walter de Gruyter, 2003.
- CRESCENZI, Lucca. Verzeichnis der von Nietzsche aus der Universitätsbibliothek in Basel entliehenen Bücher. (1868-1879). **Nietzsche-Studien**, 23, p. 388-442, 1994.
- FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. Haeckel e Nietzsche: aspectos da crítica ao mecanicismo no século XIX. **Scientiae Studia**, Vol 1, nº 4, 2003.
- GORI, Pietro. **Il meccanicismo metafisico: scienza, filosofia e storia in Nietzsche e Mach**. Napoli: Società Editrice il Mulino/Istituto Italiano per gli Studi Storici, 2009.
- \_\_\_\_\_. Nietzsche and Mechanism. In: HEIT, H. , HELLER, L. (eds.), **Handbuch Nietzsche und die Wissenschaften**. Berlim: De Gruyter, 2013. p. 119-137.
- \_\_\_\_\_. **La visione dinamica del mondo: Nietzsche e la filosofia naturale di Boscovich**. Napoli: La città del Sole, 2007.
- JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia. Infância, juventude, os anos da Basileia**. Tradução Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016.
- LANGE, Friedrich Albert. **Historia del materialismo**. Vol. I e II. Tradução Vicente Colorado. Madrid: Daniel Jorro Editor, 1903.
- MITTASCH, Alwin. **Friedrich Nietzsches Naturbeflissenheit**. Heidelberg: Springer-Verlag, 1950.
- \_\_\_\_\_. **Friedrich Nietzsches als Naturphilosoph**. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1952.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)**. G. Colli e M. Montinari (Hg.). Berlim: Walter de Gruyter, 1999. 15 Bn.
- \_\_\_\_\_. **Digitale Kritische Gesamtausgabe (eKGWB)**. G. Colli e M. Montinari (eds). P, D'lorio ( eKGWB ed.). Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/>
- SCHLECHTA, K. ; ANDERS, A. **Friedrich Nietzsche: Von den verborgenen Anfängen seines Philosophierens**. Stuttgart Bad Cannstadt: S.ed.,1962.
- \_\_\_\_\_. **Epistolario**. Vol I, 1850-1869. G. Colli e M. Montinari (eds). Milano: S.ed., 1976.
- SALAUARDA, Jörg. Nietzsche und Lange. **Nietzsche Studien** 7, p. 236-253, 1978,
- \_\_\_\_\_. Der Standpunkt des Ideals bei Lange und Nietzsche. **Studi Tedeschi**, v. XXII, n.1, p. 133-160, 1979.
- STACK, George J. **Lange and Nietzsche**. Berlim/New York: de Gruyter,1983.
- ZIMMERLI, W. Ch. Nietzsche's Critique of Truth and Science. In: BABICH, B. e COHEN R. **Nietzsche, Epistemology and Philosophy of Science: Nietzsche and the Science II**. Dodrecht : Springer, 1999. p. 253-277.

## ESSENCIALISMO E CRÍTICA SOCIAL N'O CRIME DE LORDE ARTHUR SAVILE DE OSCAR WILDE

Nicole Elouise Avancini  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
nicole\_avancini@hotmail.com

O presente artigo tem como objetivo analisar o conto *O crime de lorde Arthur Savile*, do escritor, poeta e dramaturgo irlandês Oscar Wilde, que narra as decisões tomadas pelo protagonista após ser indicado por um quiromante, que seria o autor de um assassinato. Para tal, partimos do artigo *Performative and Subversive: Oscar Wilde's 'Lord Arthur Savile's Crime'* de Masahide Kaneda, que interpreta o conto a partir de conceitos da linguística e da semiótica de Ferdinand de Saussure. Nesse texto, é defendido que a estória representa um antiessencialismo, por ilustrar como a realidade é construída do mesmo modo em que se dá a estruturação da linguagem, isto é, de modo performativo, além de estar sujeita a interpretações arbitrárias. Neste trabalho, entretanto, pretendemos contra-argumentar tal posicionamento. Em nossa teorização, realizamos uma análise do contexto em que a obra foi escrita — a Inglaterra vitoriana do final do século XIX — e adotamos como base excertos do ensaio de Wilde *A alma do homem sob o Socialismo*, bem como algumas ideias apresentadas por Liam Lynch em seu artigo *Complex Truth from Simple Beauty: Oscar Wilde's Philosophy of Art*. Com isso, enfatizamos, primordialmente, o aspecto de crítico social do escritor, propondo que ele acreditava, de fato, numa essência intrínseca humana a ser desenvolvida por meio da liberdade de ação. Por conseguinte, identificamos o conto como uma representação dessa sua visão, que tem como finalidade promover uma objeção aos valores impostos pela sociedade da época — exercendo, assim, seu papel de sátira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oscar Wilde; Conto; Essencialismo; Crítica social.

### REFERÊNCIAS

- LYNCH, Liam. Aristotle and That at Which Everything Aims. In: **Complex Truth from Simple Beauty: Oscar Wilde's Philosophy of Art**, Degree of Doctor of Philosophy of Curtin University, 2014.
- KANEDA, Masahide. Performative and Subversive: Oscar Wilde's "Lord Arthur Savile's Crime". **Osaka Literary Review**, v. 38 p. 81-98, 1999.
- WILDE, Oscar. **A alma do homem sob o Socialismo**. Tradução Mia Wallace e Vincent Vega. Disponível em: <https://libcom.org/library/alma-do-homem-sob-o-socialismo-1891-oscar-wilde>
- \_\_\_\_\_. **Contos inéditos**. Tradução Barbara Heliadora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

## **A RACIONALIDADE DAS PARTES NA ESCOLHA DE PRINCÍPIOS EQUITATIVOS: UMA REFLEXÃO SOBRE A POSIÇÃO ORIGINAL**

Nilson Rodrigo da Silva  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Bolsista PET-Filosofia / FNDE  
nilsonrodrigo95@gmail.com

John Rawls, ao investigar e determinar os princípios de justiça que regulariam uma sociedade bem ordenada, dedica-se, em sua principal obra, *Uma Teoria da Justiça* (1971), ao problema da justiça como equidade nas sociedades contemporâneas. O autor afirma que uma sociedade democrática deve ser compreendida como um sistema equitativo de cooperação entre cidadãos livres e iguais. Para tal, se faz necessário conceber princípios desde o fundamento das estruturas que autorregulam a sociedade; a solução proposta é um contrato original hipotético que garanta a escolha de princípios equitativos de justiça. Tais princípios serviriam para regular todos os acordos posteriores, de modo a ordenar a distribuição equitativa de direitos básicos. Supõe-se uma situação original em que as partes hipoteticamente são convidadas à discussão, com o intuito de pensar princípios para fundamentar uma sociedade justa. Nesse sentido, Rawls se afasta do contratualismo clássico e das concepções que pensam a sociedade a partir de um expectador ideal, imparcial, substituindo-a por vários representantes racionais. Há muitas semelhanças entre o método contratual proposto por Rawls e os filósofos modernos; contudo, o norte americano soma outras condições: o véu da ignorância e a posição original em que ambos têm importante papel na construção e regulamentação dos princípios regimentares das instituições. Mas, por ora, recordemo-nos que, tradicionalmente, os contratualistas são pensados por aquilo que compreendem do homem em seu estado primitivo, sendo possuidor de uma natureza que, de um modo positivo ou negativo, motiva o aparecimento do Estado. Em Rawls acontece o oposto: o homem encontra-se inserido em uma sociedade desde seu nascimento. Nesse sentido, não há aqui uma preocupação com um estado de natureza primitivo, mas, sim, com os princípios justos, que regulariam a sociedade bem ordenada. O filósofo infere uma circunstância que permite aos contratantes um afastamento de sua condição singular, de modo que não concebiam princípios a partir de seus interesses; esses se colocam sob o véu de ignorância, um estado em que se privam de alguns conhecimentos e de sua condição particular, ignorando, assim, qualquer informação sobre sua classe social, seu status econômico, sua concepção religiosa, suas características naturais e etc. Assim, as partes não tendem a escolher princípios que as favoreçam, visto que desconhecem sua situação e ignoram todos os aspectos subjetivos. Isto posto, a presente comunicação tem por intento compreender e problematizar o sentido de racionalidade das partes na posição original, onde os indivíduos se dispõem sob aspectos limitados de conhecimento de sua realidade (véu de ignorância), a discutir e conceber princípios gerais equitativos (justos) para autorregulamentar a sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equidade; Posição Original; Racionalidade; Véu de Ignorância.

### **REFERÊNCIAS**

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. Tradução Almiro Pisetta e Lenira M. R. Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Justiça como equidade: uma reformulação**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WELTER, Nelsi Kistemacher. **John Rawls e o estabelecimento de princípios de justiça através de um procedimento equitativo**. (Dissertação Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e ciências humanas. Campinas, 2001.

## FILOSOFIA E DISPOSIÇÃO AFETIVA EM QUE É ISTO – A FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER

Olavo de Salles  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
olavo.salles144@gmail.com

O texto tem o propósito primário de expor a concepção de filosofia expressa pelo pensador alemão Martin Heidegger na conferência “Que é isto – a filosofia”, de 1955. O percurso exige apresentar alguns conceitos heideggerianos ali pressupostos, principalmente o de “disposição afetiva” (*Befindlichkeit*), que remonta a Ser e tempo (1927). Esse conceito indica uma estrutura ontológica própria do ser-aí (*Dasein*), ente “que nós mesmos somos”; enquanto tal, tem caráter originário. Trata-se da afinação prévia a toda experiência, que se vela sempre e toda vez na abertura dos humores particulares. Um dessas afinações do humor vê-se no espanto (*thaumázein*), fundamento do comportamento filosófico, segundo Platão e Aristóteles. Cabe mostrar, desse modo, como o espanto constitui-se como ‘humor’, e investigar, a partir do resultado, se a afinação pelo espanto se dá de forma universal, acometendo-nos ainda e sempre como motivo do filosofar, ou se é algo particular aos gregos. Indicam-se já, desse modo, a importância do conceito de disposição afetiva para a compreensão da conferência e, simultaneamente, a pergunta pelo sentido e medida em que “*Befindlichkeit*”, em uma de suas modalidades fundamentais, esclarece o comportamento filosófico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heidegger; Disposição Afetiva; Comportamento Filosófico; Filosofia grega.

### REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. A paixão da facticidade. Tradução Antonio Guerreiro. In: **A potência do pensamento**. Rio de Janeiro: Autêntica Editora, 2015.
- CASANOVA, Marco Antonio. **Mundo e historicidade: leitura fenomenológica de Ser e Tempo. Vol1**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais da metafísica. Mundo, finitude, solidão**. Tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Que é isto – a filosofia**. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **As questões fundamentais da filosofia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Platão: o sofista**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.
- KAHLMAYER-MERTENS, R. **10 lições sobre Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2015.

## **A RECUSA DA CAUSA FINAL E A TESE DA LIVRE CRIAÇÃO DAS VERDADES ETERNAS**

Pablo Petravicius Vieira  
UFPR – Universidade Federal do Paraná  
pablopetravicius@live.com

A experiência do erro nas ações humanas exige, na Quarta Meditação das *Meditações Metafísicas*, a sua conciliação com a veracidade divina, isto é, como um criador perfeito e veraz pode criar seres que erram? Contudo, para além da consideração do erro como irreabilidade ontológica, é preciso ainda saber por qual razão Deus permitiu que a imperfeição, atestada pelos erros, se manifeste a partir de minhas ações, se ele mesmo é a perfeição e a causa de tudo o que existe? Para resolver tal questão, Descartes se vale de um argumento que recusa a investigação das causas finais, ou seja, o motivo para as coisas serem nos é incompreensível. Sendo assim, a questão que esta apresentação busca explorar é por que não podemos compreender as causas finais? Em que consiste este argumento? O que há na natureza do infinito que impossibilita o acesso da razão e o torna não suscetível de compreensão? A reflexão sobre estes pontos nos conduz à tese da livre criação das verdades eternas, que consiste, sobretudo, na afirmação de que tudo que existe é dependente e criado a partir da mais profunda liberdade que o pensamento humano pode conceber, a saber, a liberdade divina. Portanto, na medida em que a compreensão desta tese nos permite melhor entender a recusa das causas finais, trata-se de investigar qual é a natureza da ação divina e como podemos fiar as certezas que reconhecemos serem as mais necessárias num ato de absoluta contingência e liberdade. Além do mais, essa investigação nos permite constatar nossa própria finitude, a incapacidade de a razão humana compreender certas coisas, muito embora, por outro lado, ainda que não se possa perscrutar a finalidade para as coisas serem, isso não implique numa impossibilidade de obter qualquer conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Finalidade; Criação; Deus; Liberdade.

## O ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DA AGROECOLOGIA

Patrícia de Oliveira dos Santos  
UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná  
patyyoliveirasant@hotmail.com

Este trabalho consiste em uma explicitação sobre o estatuto epistemológico da agroecologia, tendo por base as contribuições de Hugh Lacey em *A controvérsia sobre os transgênicos: questões científicas e éticas*, de 2006. Para isso, entendendo que a base para essa discussão se dá no embate entre os chamados proponentes, que defendem o uso dos transgênicos, e os críticos, que defendem o uso de formas alternativas de cultivo como, por exemplo, a agroecologia. Serão abordados os tipos de estratégias que precisam ser adotadas para investigar empiricamente proposições como “Não existem formas alternativas de agricultura que poderiam ser desenvolvidas no lugar dos modos propostos de orientação transgênica sem ocasionar riscos inaceitáveis” (P4) e “Não existem formas alternativas de agricultura – no interior da trajetória do sistema sócio-econômico baseado no capital e no mercado” (P4a). A partir disso, será ressaltada a importância dos movimentos que constituem o Fórum Social Mundial (FSM), bem como dos movimentos emancipatórios, buscando ressaltar o papel dos movimentos sociais para a epistemologia da agroecologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agroecologia; Proponentes; Neoliberalismo; Conhecimento; Fórum Social Mundial.

### REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BARROS, E. P.; ARAÚJO, A. Agroecologia e transdisciplinaridade: considerações acerca da crítica ao enfoque técnico-científico da Revolução Verde. **Ciências Sociais em Perspectiva**, v.15, n. 28, p. 83 – 95, 1º sem. 2016.
- CAPORAL, F.R; AZEVEDO, E.O. **Princípios e perspectivas da Agroecologia**. S.l.: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, 2011.
- \_\_\_\_\_.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília: MDS/Embrapa, 2009.
- FORUM Social Mundial. **Carta de Princípios do Fórum Social Mundial**, 2001. Disponível em: <[http://www.universidadepopular.org/site/media/documentos/Carta\\_de\\_Princípios\\_do\\_FSM.pdf](http://www.universidadepopular.org/site/media/documentos/Carta_de_Princípios_do_FSM.pdf)> Último acesso: 29 de Outubro de 2018.
- \_\_\_\_\_. **Carta das Convergências Agroecológicas no Fórum Social Mundial**, 2018. Disponível em: <<http://www.moc.org.br/publicacao/geral/2743/carta-das-convergencias-agroecologicas-no-forum-social-mundial>> Último acesso em: 29 de Outubro de 2018.
- LACEY, H. **A Controvérsia sobre os Transgênicos: questões científicas e éticas**. 1.ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. Há alternativas ao uso dos transgênicos? **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, 78, p. 31-39, Julho 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fórum Social Mundial: Manual de Uso**. Madison: S.ed., 2004.
- \_\_\_\_\_. Ciência e senso comum. In: **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamento, 1995.
- WOLFE, M.S. Crop strength through diversity. **Nature**, 406, p. 681-2.

## PROPRIEDADE E VISIBILIDADE SOCIAL DA PESSOA NA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL

Patrícia Riffel de Almeida  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
patriciariffel@gmail.com

Na primeira parte das *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*, Hegel analisa alguns dos pressupostos do Estado e do pensamento contratualista modernos, dentre eles os conceitos de pessoa ou o princípio da personalidade, de propriedade e de contrato. O filósofo elabora, neste contexto, uma justificação da propriedade privada *sui generis*, posto que, se a sua teoria, como outras, também considera a propriedade como uma condição da liberdade individual, o conceito de liberdade sofre em si mesmo uma radical transformação. Nosso objetivo nesta comunicação é investigar o significado das afirmações de Hegel segundo as quais i) a propriedade é o que torna a vontade efetiva (§ 45), ii) o sujeito é objeto para si naquilo que possui (§ 45), iii) o aspecto racional da propriedade se liga à superação da mera subjetividade da personalidade e iv) antes da propriedade a pessoa não existe como razão (§ 41 A). A fim de auxiliar na exegese destas formulações serão trazidos à baila outros textos hegelianos que tratam da temática em questão, especialmente a *Filosofia do Espírito*, de 1805, e as *Vorlesungen über Rechtsphilosophie*. Finalmente, serão contrapostas interpretações distintas da teoria da propriedade em Hegel, especialmente as de Jeremy Waldron em *The Right of Private Property* (1988), Robert Williams em *Hegel's Ethics of Recognition* (1997) e Alan Patten em *Hegel's Idea of Freedom* (1999). Os resultados finais apontarão para a relevância da intersubjetividade, isto é, das relações de reconhecimento mútuo, no tratamento hegeliano da propriedade, haja vista que ele a analisa sob a ótica da ontologia social e da teoria normativa imanente que constituem a *Filosofia do Direito*. Conclusivamente, relatar-se-á de que modo Hegel, ao desenvolver, assim, uma consideração da liberdade e da autonomia não subjetivistas, logra eliminar a oposição de liberdade e lei, oferecendo solução ao chamado “paradoxo da autonomia” diagnosticado por Kant, bem como lançar promissoras bases para a construção de uma teoria da justiça não-formalista e ancorada na análise da sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** G. W. F. Hegel; Personalidade; Propriedade; Direito; Reconhecimento; Intersubjetividade.

### REFERÊNCIAS

HEGEL, Georg W. Friedrich. *Filosofia do Espírito* (1805/06) – primeira parte. Tradução e introdução Erick Lima. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v. 3, n. 2, 2015.

\_\_\_\_\_. **Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Filosofia do Estado em Compêndio - Introdução**. Tradução, notas e apresentação de Marcos Lutz Müller. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2005. (Coleção Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução, n. 10).

\_\_\_\_\_. **Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Filosofia do Estado em Compêndio - Primeira parte: o Direito abstrato**. Tradução, introdução e notas de Marcos Lutz Müller. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2003. (Coleção Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução, n. 5).

\_\_\_\_\_. **Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Filosofia do Estado em Compêndio - Terceira parte: a Eiticidade – Segunda seção: A sociedade civil**. . 2 ed. Tradução de Marcos Lutz Müller. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2000. (Textos didáticos n. 21)

\_\_\_\_\_. **Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Filosofia do Estado em Compêndio - Terceira parte: a Eiticidade – Terceira seção: o Estado.** Tradução de Marcos Lutz Müller. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998. (Textos didáticos nº 32).

\_\_\_\_\_. **Werke in 20 banden.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976.

ILTING, Karl-Heinz. La estructura de la "Filosofía del Derecho" de Hegel. In: AMENGUAL COLL, Gabriel (org). **Estudios sobre la "Filosofía del Derecho" de Hegel.** Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1989. p. 67-92.

KHURANA, Thomas. Paradoxes of autonomy: on the dialectics of freedom and normativity. **Symposium**, v. 17, n. 1, Spring/Printemps, 2013, p. 50-74.

MOHSENI, Amir. Eigentum und die soziale Sichtbarkeit der Person. In: SIEP, L. (org). **G. W. F. Hegel: Grundlinien der Philosophie des Rechts.** Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2017. p. 61-82.

PATTEN, Alan. **Hegel's idea of freedom.** New York: Oxford University Press, 1999.

PINKARD, Terry. **Hegel's Phenomenology: the sociality of reason.** New York: Cambridge University Press, 1994.

PIPPIN, Robert. Hegel, Freedom, The Will. The Philosophy of Right (§§ 1-33). In: SIEP, L. (org). **G. W. F. Hegel: Grundlinien der Philosophie des Rechts.** Berlin: Akademie Verlag, 1997. p. 31-54.

QUANTE, Michael. "The Personality of the Will" as the Principle of Abstract Right: An Analysis of §§ 34-40 of Hegel's Philosophy of Right in Terms of the Logical Structure of the Concept". In: PIPPIN, R.; HOFFE, O.. **Hegel on Ethics and Politics.** New York: Cambridge University Press, 2004. p. 81-100.

RITTER, Joachim. Persona y propiedad. Um comentário de los párrafos 34-81 de los "Principios de la Filosofía del Derecho" de Hegel. In: AMENGUAL COLL, Gabriel (org). **Estudios sobre la "Filosofía del Derecho" de Hegel.** Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1989. p. 121-142.

SIEP, Ludwig. **Annerkennung als Prinzip der praktischen Philosophie – Untersuchungen zu Hegels Jenaer Philosophie des Geistes.** Hamburg: Meiner, 2014 [1976].

\_\_\_\_\_. Vernunftrecht und Rechtsgeschichte. Kontext und Konzept der Grundlinien im Blick auf die Vorrede. In: SIEP, L. (org). **G. W. F. Hegel: Grundlinien der Philosophie des Rechts.** Berlin: Akademie Verlag, 1997. p. 5-30.

THEUNISSEN, Michael. The Repressed Intersubjectivity in Hegel's Philosophy of Right. In: CORNELL, Drucilla; ROSENFELD, Michael and CARLSON, David Gray (eds.). **Hegel and Legal Theory.** New York: Routledge, 1991. p. 3-63.

WILLIAMS, Robert. **Hegel's Ethics of Recognition.** London/Los Angeles: University of California Press, 1997.

## A PROPOSTA HUSSERLIANA DA LÓGICA PERANTE O ANTIPSIKOLOGISMO E O PSIKOLOGISMO NOS PROLEGÔMENOS À LÓGICA PURA (1900)

Paulo Ricardo da Silva  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
pricardo\_psi@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo discutir a controvertida oposição entre psicologistas e antipsicologistas, presente no texto *Prolegômenos à Lógica Pura* (1900), de Edmund Husserl. Husserl propõe uma nova linha investigativa perante a experiência, na discussão entre a lógica e a psicologia. Os psicologistas tentavam reeditar o empirismo do último quarto do século XIX, assumindo a proposta de uma experiência fundamentada no naturalismo. É com base em sua refutação da posição psicologista sobre a lógica que Husserl tomará como essencial o reconhecimento da *idealidade como instituidora da verdadeira lógica*, opondo-se à realidade fatural, para fundar a ciência das ciências, ou seja, a lógica pura. A refutação ao psicologismo funda-se na impossibilidade da derivação dos conteúdos lógicos no âmbito do ideal pelos conteúdos psicológicos reais (LANDGREBE, 1968). O psicologismo sustenta que a psicologia detém os fundamentos teóricos para fundar a lógica, no entanto, em uma análise mais detalhada, vê-se que esta é tratada como uma *ciência de fatos da consciência*, uma ciência da experiência do vivido fundada em generalizações de fatos. O que os psicologistas compreendem por 'lei' não é mais que o resultado de regularidades aproximativas de sucessão de experiências. Husserl questiona a possibilidade de uma ciência com fundação teórica tão imprecisa e variável fundamentar outra, como a lógica, que possui princípios e leis absolutos. Analogamente, pergunta-se de que modo a indução, produzindo conhecimento do provável, poderia embasar uma ciência que pretende ter evidência apodítica com validade *a priori*. Desta forma, a psicologia e seus fundamentos teóricos vagos não podem fundar algo que não sejam regras vagas (HUSSERL, 2005). Ao fundar a lógica por essas regras, torna-se possível a delimitação de um caráter teórico vago das leis psicológicas, desconsiderando o fundamento da lógica baseada na exatidão absoluta dos princípios lógico-matemáticos. A lógica fundada por princípios ideais e pela exatidão absoluta em nada é afetada pela imprecisão indiscutível das leis psicológicas; assim, é o sentido dessa lei que nos tem de guiar na fundamentação da lógica, não a ideia confusa de uma dependência causal que deriva o exato do inexacto, como propõe o empirismo. As leis lógicas, sendo válidas *a priori*, não são submetidas a nenhuma lei natural, pois o seu caráter apriorístico contradiz toda legalidade meramente indutiva (SCHÉRER, 1969).

**PALAVRAS-CHAVE:** Antipsicologismo; Psicologismo; Lógica; Husserl.

### REFERÊNCIAS

- HUSSERL, E. **Investigações Lógicas: Prolegômenos à Lógica Pura**. 1 ed. Tradução Diogo Ferrer. Lisboa: CFUL, 2005. (Coleção Phainomenon: Clássicos de Fenomenologia).
- LANDGREBE, L. **El camino de la Fenomenología: el problema de una experiencia originaria**. Traducción Mario A. Presas. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1968.
- PATOCKA, J. **Introducción a la Fenomenología**. Traducción Juan A. Sánchez. Barcelona: Herder Editorial S. L., 2005.
- SCHÉRER, R. **La fenomenología de las "Investigaciones Lógicas" de Husserl**. Versión española de Jesus Díaz. Madrid: Editorial Gredos S. A., 1969.

## O DESENVOLVIMENTO E O FRACASSO DO MÉTODO SINTÁTICO CARNAPIANO

Pedro Henrique Nogueira Pizzutti  
UEL - Universidade Estadual de Londrina  
pedropizzutti@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo apresentar o método sintático de Carnap, para análise da linguagem científica, no *The logical syntax of language*, e o seu possível fracasso. O método consiste na elaboração de uma teoria lógico-linguística, a sintaxe lógica, para lidar com estruturas linguísticas no nível sintático. A sintaxe lógica é a proposta de Carnap e a formulação desta é feita por meio da sintaxe de duas linguagens artificialmente construídas, as Linguagens I e II, e a tentativa de uma Sintaxe Geral aplicável a qualquer linguagem. Com a construção de L.I, Carnap mostrou ser possível formular a sintaxe lógica de uma linguagem valendo-se da própria linguagem objeto. Em L.II, introduziu regras indefinidas de transformação para elaboração de um critério completo de validade para as sentenças da Matemática. Na discussão da Sintaxe Geral, considerou regras físicas de transformação para uma linguagem sintática. Contudo, ao tentar formular a definição de analiticidade na Linguagem II, Carnap teve que admitir a impossibilidade de construir a definição de “analítico” com base nos recursos de L.II. Contrariando os resultados obtidos com L.I, não é possível formular completamente a sintaxe de uma linguagem mais rica com base apenas nos recursos linguísticos de si mesma. Além deste problema, a construção de “analítico em II”, em uma metalinguagem mais rica, utilizou um método semântico. Tanto o apelo a uma metalinguagem mais rica, quanto o recurso a um método semântico, minam o projeto puramente sintático de Carnap.

**PALAVRAS-CHAVE:** Método sintático; Analítico; *Logical syntax*; Rudolf Carnap; Fracasso.

### REFERÊNCIAS

- AYER, A.J. **Logical positivism**. New York: The Free Press, 1959.
- AWODEY, S. Carnap's quest for analyticity: the studies in semantics. In: FRIEDMAN, M. & CREATH, R. (eds.). **The Cambridge companion to Carnap**. Cambridge: Cambridge Press, 2007.
- BRANQUINHO, J.; MURCHO, D.; GOMES, N.G. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CARNAP, R. Intellectual Autobiography. In: SCHILPP, P. A. (ed.). **The philosophy of Rudolf Carnap**. La Salle: Open Court, 1963.
- CIRERA, R. **Carnap and the Vienna circle**. Translated by Dick Edelstein. Amsterdam: Editions Rodopi B. V., 1994.
- \_\_\_\_\_. **The logical syntax of language**. London: Routledge & Kegan Paul, 2017.
- FAJARDO, R. A. S. **Lógica matemática**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- FEIGL, H. A visão “ortodoxa” de teorias: comentários para defesa assim como para crítica. Tradução Osvaldo Pessoa Júnior. **Scientiae studia**, São Paulo, v. 2, p. 265-277, 2004.
- FRIEDMAN, M. Introduction: Carnap's revolution in philosophy. In: FRIEDMAN, M. & CREATH, R. The re-evaluation of logical positivism. **The journal of philosophy**, v. 88, p. 505-519, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Reconsidering logical positivism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. (ed.). **The Cambridge companion to Carnap**. Cambridge: Cambridge Press, 2007.
- FRIEDMAN, M. & CREATH, R. (eds.). **The Cambridge companion to Carnap**. Cambridge: Cambridge Press, 2007.

- PEREIRA, R. **A análise sintática e semântica da linguagem segundo Rudolf Carnap e Alfred Tarski.** Tese (doutorado em Filosofia). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013.
- QUINE, W. V. O. **De um ponto de vista lógico: nove ensaios lógico-filosóficos.** Tradução Antonio Ianni Segatto. São Paulo: Editora Unesp, 2011a.
- \_\_\_\_\_. Dois dogmas do empirismo. Tradução Antonio Ianni Segatto. In: **De um ponto de vista lógico: nove ensaios lógico-filosóficos.** Tradução Antonio Ianni Segatto. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.
- RICKETTS, T. Tolerance and logicism: logical syntax and the philosophy of mathematics. In: FRIEDMAN, M. & CREATH, R. (eds.). **The Cambridge companion to Carnap.** Cambridge: Cambridge Press, 2007.
- STEGMÜLLER, W. **A filosofia contemporânea: introdução crítica.** 2 ed. Tradução Adaury Fiorotti e Edwino A. Royer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Main currents in contemporary German, British, and American philosophy.** Translated by Albert E. Blumberg. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1969.
- TARSKI, A. **A concepção semântica da verdade: textos clássicos de Tarski.** Cezar Augusto Mortari e Luiz Henrique de Araújo Dutra (orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- \_\_\_\_\_. O conceito de verdade nas linguagens formalizadas. Tradução Cezar A. Mortari. In: **A concepção semântica da verdade: textos clássicos de Tarski.** Cezar Augusto Mortari e Luiz Henrique de Araújo Dutra (orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- TRANJAN, T. **Carnap e a natureza da lógica.** Tese (doutorado em filosofia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

## ENRIQUE DUSSEL E O PROBLEMA DA FETICHIZAÇÃO DO PODER

Péricles Ariza  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
periclesariza@gmail.com

Na 5ª Tese de suas *20 Teses de Política*, Enrique Dussel busca apresentar e problematizar o fetichismo do poder. Partindo de uma análise crítica da obra de Marx, Dussel entende ser necessário, neste caso, para que seja possível compreendermos e refletirmos com mais clareza a chamada *fetichização do poder*, desvendar o “mistério fetichista do capital”, que consiste na personificação do produto material do trabalho vivo (o capital), tornando-o este o sujeito da ação, e na coisificação do trabalhador, na sua transformação em mero instrumento a serviço do aumento do capital, da mais-valia e, portanto, do poder. O fetichismo, como bem descreve Dussel em sua tese, ocorre quando temos uma inversão espectral dos princípios ou fundamentos, em que “o fundado aparece como fundamento e o fundamento como fundado.” (DUSSEL, 2007, p.45). Para Dussel, assim como em Marx, tal fetiche ou feitiço provoca a inversão da realidade e, com isso, inevitavelmente, acaba por ocultar, dificultar e distorcer a interpretação e o conhecimento do mundo ao nosso redor. Quanto ao papel do Estado, Dussel, ao contrário de Marx e de alguns marxistas, entende que, do mesmo modo que o mercado, enquanto espaço de intercâmbio e meio para as relações de troca, assim como o dinheiro, enquanto valor equivalente ou geral, assim como estes foram e são necessários para facilitar as relações sociais e de produção, do mesmo modo ocorre e deve ocorrer com o Estado e as instituições. Porém, o mercado, o dinheiro e o Estado, além de serem meios necessários para a manutenção da vida e da comunidade política, são, segundo Dussel, “ambíguos”. Ou, como diria o ditado popular: “*uma faca de dois gumes*”. Ao se fetichizarem, estes instrumentos e criações humanas tornam-se “soberanos” e seres “absolutos” em relação aos homens, “deuses” e “entes sagrados”, que passam a controlar de maneira despótica a vida humana, a realidade e a sociedade. Dussel, desse modo, irá apresentar duras críticas aos defensores do estado liberal, assim como, também, do chamado socialismo real, para defender a tese de que é preciso regulamentar e imbuir de normatividade a atividade ou poder representativo – o Estado – para que o mesmo seja útil, eficaz, justo e, sobretudo, obediente à comunidade, evitando a fetichização e o despotismo do poder. Ou seja, o Estado não deve ser “soberano” em relação à comunidade, mas submisso a ela. No processo de fetichização e absolutização do poder a *potentia* (comunidade política ou povo) é, portanto, *despotencializada* e acaba por tornar-se uma massa passiva que recebe ordens do poder político e das classes e elites dominantes. Neste processo de fetichização do poder é possível notar, também, um processo de divinização e idolatria dos representantes ou instituições, que ao separarem-se e alienarem-se de sua origem, da comunidade política ou do povo, passam a exercer um poder despótico e dominador sobre os mesmos e sobre toda a sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estado; Fetichismo; Poder.

### REFERÊNCIAS:

DUSSEL, Enrique. **20 Teses de Política**. 1. ed. Buenos Aires/ São Paulo: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais / Expressão Popular, 2007.  
MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.  
\_\_\_\_\_. **Crítica ao Programa de Gotha**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

## INFLUÊNCIAS DO CAPITAL NO AGIR POLÍTICO

Rafael Leite Ferreira Cabral  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
rafaellfcabral@hotmail.com

O *Capital*, de Karl Marx, tem como principais legados a desmistificação da legitimidade pressuposta do sistema capitalista e a explicitação de sua lógica exploratória. Como a lógica do império Capitalista impregnou quase todas as potencialidades humanas, dificultando a dissociação do “homem” forjado pelo sistema capitalista do ser humano, busca-se verificar quais influências e condicionamentos do modo de produção e da ideologia capitalista podem ser identificadas no agir político e nas tomadas de decisões coletivas. Com efeito, neste ensaio é explorada a analogia entre a alienação do trabalhador de si mesmo e dos demais humanos no processo de trabalho, e a alienação do cidadão no processo político forjado apenas na eleição e representação; isso tem como efeitos afastar o cidadão dos demais, das questões políticas e comunitárias, bem como impedir que se discuta essa estrutura pressuposta de legitimação simbólica corporificada no voto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Capitalismo; Política; Alienação; Trabalhador; Cidadão.

### REFERÊNCIAS

- DUSSEL, Enrique. **Hacia un Marx desconocido: Un comentario de los Manuscritos del 61-63**. Buenos Aires: Editora Siglo XXI, 1988.
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política. Volume I. Livro Primeiro, O Processo de Produção do Capital**. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1996. (Os Economistas )
- \_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo 2008.
- \_\_\_\_\_. **O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo; 2011.
- SCHÜTZ, Rosalvo. Propriedade Privada e Trabalho Alienado: desvendando imbricações ocultas. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 87, ano VIII, agosto de 2008.
- TAVARES, Francisco Mata Machado. A Democracia Realizada do Materialismo Histórico: sobre a ditadura do proletariado e sua injustificada omissão nos estudos de teoria democrática contemporânea. **2º Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdade**, Brasília, maio de 2014.

## O QUE É A MULHER?

### Uma investigação do conceito "mulher" criado por Simone de Beauvoir

Rafaela Ortiz de Salles  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
PET-Filosofia/Bolsista FNDE  
rafa-salles@hotmail.com

Ester Maria Dreher Heuser  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
PET-Filosofia/Bolsista FNDE  
esterheu@hotmail.com

A comunicação apresenta parte da investigação realizada na pesquisa individual no Programa de Educação Tutorial em Filosofia da UNIOESTE (PETFilosofia), que se propôs a investigar se há um conceito de Mulher criado por Simone de Beauvoir na obra *O Segundo Sexo*. Para essa oportunidade, apenas o primeiro volume da obra será tematizado, com vistas a responder quem é a mulher no mito do eterno feminino, constituído em um mundo masculino, presente nos dados da biologia, no materialismo histórico e na psicanálise, responsável pela submissão da mulher. Tal tematização permitirá problematizar o sentido da afirmação da filósofa de que "não se nasce mulher, torna-se mulher", com vistas a desmistificar a teoria do eterno feminino. Para tanto, será evidenciado que a questão-guia da comunicação e que, em boa medida, é uma das maiores contribuições da filósofa para os séculos XX e XXI, é respondida filosoficamente na medida em que ela fez da própria existência o objeto de sua obra. Ao mesclar vida e produção, Beauvoir inventou uma maneira para solucionar o dilema de ser mulher na sociedade do século XX, a qual, em seu tempo, esteve entre os esquecidos pela sociedade, uma vez que não tinham identidade nem direitos constituídos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Existência; Mulher; Mito; Feminismo.

#### REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 3 ed. Tradução Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.  
\_\_\_\_\_. **A força da idade**. 2 ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

## **DEUS ENQUANTO VERDADE: SANTO ANSELMO E A PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS**

Raphael da Silva Sodré  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
raphaellsodre@gmail.com

Ao fazer uma análise dos escritos da história da filosofia medieval, busca-se descobrir as causas de tamanho interesse pela descoberta de meios racionais para provar a existência de Deus. Essas reflexões na contemporaneidade servem de mecanismos para elucidação das reflexões atuais. Na tentativa de configurar uma definição para dizer quem é esse ser superior, as sagradas escrituras irão defini-lo como: "Aquele que é". Sem a possibilidade de descrever um autêntico conceito irrefutável. Santo Anselmo, Bispo, doutor e pai da filosofia escolástica nunca cogitou no seu coração a dúvida da existência ou não de Deus, porém, a pedido de seus confrades, o Bispo de Cantuária dá início à busca, que tinha como objetivo provar por meios racionais que Deus existe. "Não busco compreender para crer, mas creio para compreender. Efetivamente creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender." (ANSELMO, 1979 p.101). Anselmo, ao longo de seus escritos, também utiliza de alguns atributos filosóficos para melhor fundamentar sua investigação. Sua primeira obra é denominada *Monólogo*, que tem como primeiro ponto falar da existência de um ser supremo, eterno e imutável. Um dos atributos de Deus é ser a Verdade: "De fato, no teu *Monólogo* tu também provas por meio da verdade da proposição que a suma verdade não tem princípio nem fim, ao dizeres: pense quem puder a respeito de quando começou ou quando não existiu esta verdade, a saber, que haveria algo futuro, ou quando deixe de existir ou quando não for verdade esta verdade, isto é, que haverá algo de passado." (ANSELMO, 1979 p.145). Afinal, seria Deus esta verdade? Segundo a parábola judaica "verdade nua", a verdade não é aceita pela sociedade, entretanto, quando disfarçada, sim. Deus no antigo testamento também não podia ser visto. Mas, afinal existiria de fato essa verdade ou ela não passaria de mito criado pelos judeus e cristãos e sustentada ao longo da História? O método que Ele utilizará para provar é o seguinte: sem absolutamente recorrer, em nada, à autoridade das Sagradas Escrituras, tudo aquilo que fosse exposto ficasse demonstrado pelo encadeamento lógico da razão, empregando argumentos simples, com um estilo acessível, para que se tornasse evidente pela própria clareza da verdade. (ANSELMO, 1973, p.11)

**PALAVRAS-CHAVE:** Anselmo; Verdade; Deus; Verdade Nua; Razão.

### **REFERÊNCIAS**

ANSELMO, Santo Arcebispo de Cantuária. **Monólogo; Proslógio; A verdade; O gramático**. 2 ed. Tradução Angelo Ricci e Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

## DIREITA E ESQUERDA NA PERSPECTIVA DE NORBERTO BOBBIO

Reginaldo César Pinheiro  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
reginaldocesarinheiro@yahoo.com.br

José Francisco de Assis Dias  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
prof.dias.br@gmail.com

O presente trabalho tem como tema a análise das ideologias da direita e da esquerda sob a perspectiva de Norberto Bobbio. O objetivo é analisar criticamente origens, as definições e os fundamentos que sustentam cada uma das citadas ideologias. O problema que se coloca é se a díade direita-esquerda ainda encontra espaço na contemporaneidade. Assim, cabe indagar se, diante da complexidade das relações sociais não seria demasiadamente simplório reduzir a política em apenas dois grupos. Para Bobbio, “direita” e “esquerda” são termos antitéticos empregados para designar contrastes entre ideologias e entre os movimentos, que divide o universo, do ponto de vista conflitual, de pensamento e das ações políticas. Enquanto termos antitéticos, eles são excludentes e exaustivos; sendo *excludentes*, no sentido de que nenhum movimento ou doutrina possa ser simultaneamente de direita ou de esquerda e *exaustivos*, no sentido de que um movimento ou doutrina pode ser apenas ou de direita ou de esquerda. Através do método analítico hobbesiano, Bobbio afirma que a díade não está superada, pois o simples fato de considerá-la – até mesmo para refutá-la – é prova de que a direita-esquerda ainda está presente. Não se pode negar que Bobbio recebeu críticas diversas, por considerar que o fundamento da direita-esquerda está na igualdade dos homens; sendo que o fundamento da esquerda, amparada em Rousseau, levaria em consideração a igualdade dos homens, e a direita, amparada em Nietzsche, teria como fundamento a desigualdade natural dos homens. Assim, justifica-se o presente estudo pela predileção pessoal deste pesquisador por Norberto Bobbio, que se consagrou como um filósofo proeminente, com estudos no campo da filosofia do direito, da filosofia política, da ética e da moral. Do ponto de vista acadêmico-científico, o estudo demonstrará a importância da obra *Direita e Esquerda* (um *best seller* traduzido em mais de 20 idiomas) para a compreensão da temática no campo da filosofia política. A relevância social do estudo é a de possibilitar um melhor entendimento sobre a situação política atualmente vigente. Sob o ponto de vista metodológico, o trabalho será desenvolvido com o emprego do método dedutivo, mediante a realização de revisão bibliográfica qualitativa, a partir da obra *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*, publicada originalmente em 1995 sob o título *Destra e Sinistra – Ragioni e Significati di una distinzione politica*. Espera-se, à guisa de resultados, que seja possível demonstrar que “direita” e “esquerda” não são conceitos absolutos, mas relativos; nem substantivos ou ontológicos, sendo um lugar do espaço político.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direita e Esquerda; Ideologias; Norberto Bobbio.

### REFERÊNCIAS

- BOBBIO, N. **Contra os novos despotismos: escritos sobre o berlusconismo**. Tradução Erica Salatini. São Paulo: Unesp, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1995.
- \_\_\_\_\_. Três textos sobre a violência. **Revista USP**, n. 9, p. 3-8, maio 1991.
- \_\_\_\_\_; BOSETTI, G.; VATTIMO, G. A esquerda na era do karaokê. **REU**, Sorocaba, v. 35, n. 1, p. 229-267, jun. 2009.
- GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

## A PULSÃO COMO UNIDADE, MULTIPLICIDADE E DUALIDADE NA TEORIA FREUDIANA

Ricardo Rodrigo França da Silva  
PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Campus Toledo  
rodrigo.ricardo.franca@hotmail.com

A presente pesquisa estuda um dos conceitos principais da psicanálise, a saber, a pulsão. Esse conceito sofreu diversas modificações ao longo de sua elaboração, durante a pesquisa clínica de Freud, o pai da psicanálise, não tendo sido totalmente deslindado por ele. Desde a sua morte, afloraram diversas conjecturas acerca de sua concepção de pulsão, que, não raramente, implicam em erros teóricos e, por conseguinte, metodológicos. Freud também não estava seguro sobre esse conceito ao formulá-lo, visto que, inicialmente havia apenas algo análogo à pulsão de vida, associada, no *Projeto*, ao princípio de constância. Por vezes, considerou que a pulsão de morte seria a primeira pulsão ou pulsão por excelência. Tais imprecisões dificultaram a compreensão desse conceito e continuam a confundir os estudiosos que se iniciam na psicanálise. Desse modo, a pesquisa tem como objetivo geral explicitar os modos limitados de representar a pulsão, a saber, como unidade, dualidade, multiplicidade, o que implica, portanto, nos seguintes objetivos: a) Explicitar como efetivou-se a concepção do conceito de Pulsão; b) descrever o desenvolvimento da concepção acerca da pulsão como multiplicidade – pulsões parciais – à pulsão de vida; c) destacar os limites da linguagem descritiva como meio de representar a pulsão – pulsão de morte. Para tanto, utilizar-se-á como método a revisão bibliográfica. Considera-se que a pulsão é uma unidade, por um lado, ao mesmo tempo em que é dualidade e multiplicidade, mas, também, por ser semovente, não pode ser – tal como a morte – totalmente representada, tanto no plural quanto no modo singular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pulsão; Pulsão de vida; Pulsão de morte.

### REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à Epistemologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1983.
- BEZERRA Jr. Benilton. **Projeto para uma Psicologia Científica**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia Científica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- \_\_\_\_\_. A Interpretação dos Sonhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- \_\_\_\_\_. Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.
- \_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.
- \_\_\_\_\_. Além do Princípio de Prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. XVIII.. Rio de Janeiro: Imago, 1996e.
- \_\_\_\_\_. A Negativa. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996f.
- \_\_\_\_\_. A questão da análise leiga. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996g.
- \_\_\_\_\_. O Mal-Estar na Civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996h.

- \_\_\_\_\_. Por que a Guerra?. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v. XXII. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996i.
- \_\_\_\_\_. Pulsões e seus destinos In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004a.
- \_\_\_\_\_. À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004b.
- \_\_\_\_\_. Além do Princípio de Prazer. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. O Problema Econômico do Masoquismo. In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- \_\_\_\_\_. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: **Obras incompletas de Sigmund Freud**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Neuroses de transferência: uma síntese -manuscrito recém descoberto**. 1 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição: uma introdução à teoria das pulsões**. 7 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- GOMES, A. M. A. **O conceito de Energia Psíquica em Carl Gustav Jung**. Disponível em: <https://psicologiareligiaoart.files.wordpress.com/2007/10/conceito-de-energia-psiquica-em-cg-jung1.pdf>. Acesso: 22 Nov 2018.
- LACAN, Jacques. **Seminário livro 1: O eu nos escritos de Freud e na técnica psicanalítica**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Escritos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

## O INSISTENTE FRACASSO DA ÉTICA MODERNA FRENTE À PÓS-MODERNIDADE

Roberto Corrêa Scienza  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

O pensamento moderno não para de se insinuar na pós-modernidade. E com ele, carrega um erro que a humanidade parece não cansar de repetir: a vontade de uma única e universal moral. Toma-se como exemplo a filosofia moral kantiana para ilustrar esse erro insistente do pensamento moderno frente à pós-modernidade. Desvela-se que não há mais possibilidade de impor uma perspectiva moral sobre todas as outras. Trata-se de um ato de tirania. A vontade de uma única e universal moralidade acaba por reduzir a potência de mudança, eliminar as diferenças e impedir que novas possibilidades éticas apareçam. Argumenta-se, por meio de Nietzsche, que a moral nega a vida, pois impede que um indivíduo possa ser um criador de valores e limita suas ações às ações tomadas como morais. O criador é tomado como inimigo da moral, ou seja, como um imoral. Por fim, defende-se um ato de imoralidade afirmativa para libertar a vida das prisões do homem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Moral; Ética Moderna; Pós-modernidade; Nietzsche; Kant.

### REFERÊNCIAS

- BRYANT, Levi R. The Ethics of the Event: Deleuze and Ethics without Apxn. In: JUN, Nathan; SMITH, Daniel [Org]. **Deleuze and Ethics**. Edinburgh: Universit press, 2011.
- CLARK, Maudemarie. **Nietzsche on Ethics and Politics**. New York: Oxford University Press, 2015.
- DELEUZE, Gilles. **A Filosofia Crítica de Kant**. Tradução Germiniano Franco. Lisboa: Edições 70, 1963.
- \_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva/Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ENGELHARDT, JR. H. Tristram. **Fundamentos da bioética**. Tradução José A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 2008.
- GALLO, Silvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **ANAIS do Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007.
- LAPOUJADE, David. **As Existências Mínimas**. Tradução Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: N-1 edições, 2017.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral: uma polêmica.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Assim falava Zaratustra.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

LAPOUJADE, David. **As Existências Mínimas.** Tradução Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v.1 n.2, p. 241-251, set./ fev. 1993.

VILLAÇA, Nizia. **Mixologias: comunicação e o consumo da cultura.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

## OS DESDOBRAMENTOS DA VONTADE NO CONTRATO SOCIAL, DE ROUSSEAU

Rodrigo Antonio Bilibio  
FAG – Faculdade Assis Gurgacz

Vitória Beise Linke  
FAG – Faculdade Assis Gurgacz  
vitorialinke22@gmail.com

Saulo Sbaraini Agostini  
FAG – Faculdade Assis Gurgacz  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
ssagostini@gmail.com

O filósofo Jean-Jacques Rousseau na obra *O Contrato Social* descreve um estado de natureza onde o homem é plenamente livre, no entanto, as interações sociais o limitam e ameaçam a preservação da liberdade. Neste contexto, a formação de uma sociedade se dá por intermédio de um acordo tácito chamado de “pacto” ou “contrato”. Surge, portanto, a vontade geral como conceito basilar para o sucesso do contrato social. É esta vontade geral a essência de todas as vontades, responsável por unir os integrantes de uma sociedade em um só corpo e guiar as ações do Estado. Diante disso, ao mergulhar no conceito em si, percebe-se que o filósofo aponta diferentes tipos de vontades, as quais podem ser identificáveis no corpo coletivo, que divergem da vontade geral. As vontades divergentes foram identificadas como vontade particular, vontade cooperativa e vontade de todos, as quais constituem elementos que corrompem e desvirtuam a vontade geral, por conseguinte deturpando o propósito do contrato social rousseauiano. Além disso, o autor aponta que a própria vontade geral, apesar de indestrutível, é passível de erro, o que tornou necessária a investigação acerca de como se dá este equívoco e as medidas relevantes para sanar a falha. Sendo assim, este artigo busca aprofundar o conhecimento acerca da temática, traçando paralelos contemporâneos para maior elucidação dos conceitos estudados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contrato; Vontade; Geral; Particular; Cooperativa.

### REFERÊNCIAS

- PINTO, Marcio Morena. A noção de vontade geral e seu papel no pensamento político de Jean-Jacques Rousseau. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 7, n. 2, 2005.
- PITZ, Gelazio. **A Vontade Geral Segundo Jean-Jacques Rousseau: Uma fundamentação moral da política**. Disponível em <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87804>>. Acesso em: 26 out. 2018.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. **O contrato social**. 3 ed. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

## A INFLUÊNCIA DAS MOTIVAÇÕES SOBRE A VONTADE NA FILOSOFIA MORAL DE IMMANUEL KANT

Rodrigo Lopes Figueiredo  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
digofilo@gmail.com

As motivações que influenciam a vontade humana, submetida às condições advindas da sensibilidade, é o foco de nossa pesquisa. A questão que nos interpela neste sentido é a seguinte: como é possível viver exclusivamente segundo móveis, ignorando (deliberadamente) os princípios “*a priori*” de determinação da moralidade? Nosso objetivo geral: entender porque o filósofo Immanuel Kant desqualifica todo e qualquer objeto sensível e condição subjetiva e/ou objetiva relativa à experiência, quando estes influenciam a vontade do sujeito moral, e, o objetivo específico: compreender em que medida o querer racional, quando misturado aos móveis, constitui uma vontade incapaz de reconhecer dignidade em si e nos outros. Nossa pesquisa bibliográfica parte das obras “*Fundamentação da metafísica dos costumes*” e “*A religião nos limites da simples razão*”, escoltadas pelas demais publicações em que Kant escreve sobre o assunto. Conforme nos instrui o próprio Kant na segunda seção da *Fundamentação* (2009, p.197-199), consideramos a sua abordagem prática sob dois aspectos: o “condicionado”, onde se encontram as ações e comportamentos realizados sob condições escolhidas segundo o ‘destino’ do bem estar e no interesse da felicidade, e o segundo remete ao “incondicionado” – âmbito permeado pelo respeito à lei moral, onde a vontade humana escolhe agir por dever, guiada por princípios “*a priori*” representados na razão. Kant evidencia o caráter relativo, contingente e subjetivo da ‘modalidade voluntária condicionada’, denotando grande preocupação pelo fato de haver se tornado tão frequente em sua época o aspecto utilitarista da ação, sendo este “esvaziado” da boa vontade em sentido moral.

PALAVRAS-CHAVE: Motivação; Vontade; Condição; Felicidade; Lei moral.

### REFERÊNCIAS

- BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. 2 ed. Tradução Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. **Sistema de Lógica dedutiva e indutiva e outros textos**. 2 ed. Tradução João Marcos Coelho, Pablo Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).
- HOFFE, Otfried. **Immanuel Kant**. Tradução Valério Rohden et ali. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- KANT, Immanuel. **A Religião nos limites da simples razão**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Discurso Editorial: Barcarolla, 2009. Coleção philosophia).
- \_\_\_\_\_. **Crítica da razão prática**. 2 ed. Tradução Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2008 (Clássicos).
- \_\_\_\_\_. **A metafísica dos costumes**. 2 ed. Tradução Edson Bini. Bauru: Edipro, 2008. (Série Clássicos Edipro).
- \_\_\_\_\_. **Ideia de uma História universal do ponto de vista Cosmopolítico**. Tradução Jean Michel Muglioni e Yves Chateau. Lisboa: Didática Editora, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Tradução Cléia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Antropologia Prática**. 2 ed. Madrid: Editorial Tecnos, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Tradução Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2005.

## **A ORIGEM DO SUJEITO E DO OBJETO A PARTIR DA PERSPECTIVA QUÂNTICA DE AMIT GOSWAMI**

Ronaldo de Oliveira  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
ronaldodeoliver@hotmail.com

José Francisco de Assis Dias  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Tendo como referência a filosofia idealista monista de Amit Goswami, que postula a Consciência Quântica como fundamento necessário da realidade, esse trabalho tem como tema a ser pesquisado a origem ou criação da polaridade relacional do sujeito e objeto. O problema orientador dessa pesquisa é: se conhecer o mecanismo que cria o sujeito e o objeto contribui para tornar a pessoa mais autoconsciente em um processo que integra as polaridades. De acordo com o idealismo monista, sujeito e objeto são polos epistemológicos provocados pela hierarquia entrelaçada na percepção do indivíduo criada pela causação descendente do nível inviolado, da consciência quântica. O objetivo geral deste trabalho é descrever o processo que produz a hierarquia entrelaçada e da qual emergem codependente e simultaneamente o sujeito e o objeto no instante do colapso da consciência quântica. Os objetivos específicos são: relacionar os conceitos de causação ascendente e descendente na perspectiva de Goswami; apresentar as chamadas “assinaturas quânticas” com seus atributos na criação da relação do sujeito e o objeto; justificar que a separação que há entre sujeito e objeto é ilusória porque a Consciência Quântica se torna autorreferenciada mediante o colapso, se identificando com o sujeito. Justifica-se essa pesquisa sendo uma busca pessoal de autoconhecimento, como meio para adquirir autoconsciência, que torna o indivíduo engajado em seu processo de desenvolvimento pessoal pelas escolhas e realizações. A relevância acadêmico-científica se dá pela adequação da explicação da origem do sujeito e do objeto à teoria quântica, que postula a Consciência como nível inviolado e reino das possibilidades. O reconhecimento de que as relações entre os indivíduos resultam de colapsos quânticos com autorreferência leva os indivíduos à uma compreensão do próprio potencial criativo e nisso consiste a relevância social do presente artigo. A metodologia empregada é de análise das obras do físico quântico Amit Goswami. A investigação sobre o tema aqui proposto resultou na compreensão de que o sujeito e o objeto são oriundos de um processo chamado de hierarquia entrelaçada, que camufla o autor do colapso quântico. Descobre-se que a percepção de que o nível inviolado exerce influência causal sobre a ordem explicada é a autoconsciência, que se torna a “chave” para integrar as polaridades, como interno e externo, certo e errado, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Consciência quântica; ordem implicada; hierarquia entrelaçada; Amit Goswami.

### **REFERÊNCIAS**

- GOSWAMI, Amit. **O Universo Autoconsciente: como a consciência cria o mundo material.** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O Médico Quântico: Orientações de um Físico para a Saúde e a Cura.** São Paulo: Cultrix, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Evolução Criativa das Espécies: uma resposta da nova ciência para as limitações da teoria de Darwin.** São Paulo: Aleph, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A Janela Visionária: Um Guia Para a Iluminação Por Um Físico Quântico.** 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Deus Não Está Morto: Evidências Científicas da Existência Divina.** 2 ed. São Paulo: Goya, 2015a.
- \_\_\_\_\_. **Criatividade Para o Século 21: Uma Visão Quântica Para a Expansão do Potencial Criativo.** 2 ed. São Paulo: Goya, 2015b.

## A NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO PARA ARTHUR SCHOPENHAUER BASEADO NO ANTECEDENTE DEIXADO POR IMMANUEL KANT

Sabrina Andrade Barbosa  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
sabrina\_abarb@hotmail.com

A representação é um conceito fundamental na filosofia de Arthur Schopenhauer, pois, como explicitado no título da obra, além da perspectiva da vontade (*Wille*), o mundo deve ser pensado desde a perspectiva da representação atrelada ao conhecimento. Ao adotar essa posição, o filósofo afirma que todas as coisas no mundo existem, do ponto de vista do conhecimento, exclusivamente como representação produzida pelo sujeito. Assim, neste quesito, tudo o que pode ser dito sobre a natureza, sobre seus diversos objetos e sobre o homem, é composto pela capacidade humana de “representar”, como meio pelo qual se constituirá o que se chama conhecimento.

Concernente à origem desse conceito de representação, é clara a influência da concepção de representação de Immanuel Kant para o desenvolvimento da teoria do conhecimento de Schopenhauer. Kant apresentou-a na *Crítica da razão pura* (1781/7), como elemento fundador do conhecimento humano, assentado nas faculdades da sensibilidade (fonte das representações intuitivas) e do entendimento (fonte das representações conceituais). Segundo ele, dado que o intelecto humano não tem acesso às coisas senão na medida em que estas o afetam (sensibilidade), por isso ele é levado a produzir representações (sensíveis e intuitivas) voltadas ao mundo natural, como sua fonte motivadora. Assim, o conceito de representação traz consigo os limites intrínsecos da operação cognitiva a ser executada pelo intelecto humano; esse limite subjaz como perspectiva divisora, em que o modelo kantiano se aparta dos modelos tradicionais (racionalismo dogmático e empirismo cético), que assumem a perspectiva realista transcendental, por admitirem a possibilidade de conhecer as coisas como são em si mesmas. Ao contrário destes, para Kant é válida a perspectiva do idealismo, que dá primazia às condições subjetivas na constituição do aparato de conhecimento. Nesse sentido, a representação circunscreve a adoção do ponto de vista idealista no conhecimento: o entendimento humano não tem um acesso privilegiado (por exemplo, mediante uma intuição intelectual) ao objeto, mas carece ser afetado por ele; e pelo seu aparecimento (fenômeno), o sujeito representa-o, iniciando assim a constituição desse objeto como fenômeno, e não coisa-em-si.

Para Schopenhauer, a representação deve ser considerada desde sua referência completa ao todo do conhecimento possível de objetos do mundo. Assim como em Kant, ele concebe pelo conceito de “representação” a relação entre sujeito e objeto, determinando essa relação como a responsável pelo aparecimento do mundo fenomênico, enquanto que o sujeito é, desse modo, o “mediador” no acesso cognitivo ao mundo. Contudo, nessa perspectiva, Schopenhauer assumirá a perspectiva idealista de Kant, adicionando-lhe nuances ao afirmar que o mundo existe apenas em relação ao sujeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arthur Schopenhauer; Immanuel Kant; Representação; Teoria do Conhecimento; Fenômeno.

### REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.  
KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5 ed. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PIMENTA, Felipe. **Resenha:** A quádrupla raiz do princípio da razão suficiente, de Arthur Schopenhauer. Disponível em: <<https://felipepimenta.com/2014/08/25/resenha-a-quadrupla-raiz-do-principio-da-razao-suficiente-de-arthur-schopenhauer/>>. Acesso em: 04 de maio 2018.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação.** Tradução M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contrapontos, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mundo como vontade e como representação.** Tradução Jair Barboza. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

## **A CLÍNICA TERAPÊUTICA NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

Samuel Lucas de Almeida  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
samuel\_lulz@hotmail.com

Adriana Dias Basseto  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
adriana.basseto@pucpr.br

Esta produção tem como objetivo dispor a base epistemológica e filosófica da clínica fenomenológico-existencial, e perscrutar como ela reverbera na prática e atitude psicoterápica. A vertente fenomenológico-existencial surgiu como síntese da metodologia fenomenológica, construída por Edmund Husserl, com a linha de pensamento e filosofia mais ampla chamada existencialismo, que abarca pensadores como Kierkegaard, Heidegger e Sartre. Em 1958, Ludwig Binswanger, num texto sobre a escola de pensamento analítico-existencial, sintetiza a Daseinsanalyse (análise existencial) como um método de pesquisa fenomenológico psiquiátrico, expressando a conexão entre o pensamento existencialista e a metodologia fenomenológica, e clarificando uma origem para a vertente fenomenológico-existencial (GOMES&CASTRO, 2010). Esta teorização propôs uma nova conceituação de homem e de subjetividade, que abarca a dupla constituição de homem, o homem como constante fazer-se em relação ao mundo. O homem é entendido, então, como liberdade, como abrir-se ao mundo, como vazio a ser preenchido, como possibilidade e como intenção, contrapondo as teorias e práticas tradicionais que tendiam a classificar, patologizar e engessar o homem. Esta nova conjectura do ser e do mundo foi acompanhada de uma nova prática clínica, uma prática que respeitaria e compreenderia o homem em sua integralidade. A operação da psicoterapia existencial busca, em suma, a autenticidade, através da apreensão, conscientização, e ressignificação da própria condição humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Existencialismo; Fenomenologia; Psicoterapia; Clínica.

### **REFERÊNCIAS**

- BINSWANGER, L. The existential analysis school of thought. In: MAY, R. ; ANGEL, E. ; ELLENBERG, H. F. (Orgs.). **Existence: A new dimension in psychiatry and psychology**. New York: Simon & Schuster, 1958. p. 191-213.
- BÜHLER, K.- E. Existential Analysis and Psychoanalysis: Specific Differences and Personal Relationship between Ludwig Binswanger and Sigmund Freud. **American Journal of Psychotherapy**, v. 58, n. 1, 2004.
- GOMES, William Barbosa, CASTRO, Thiago Gomes. Clínica Fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
- LESSA, Adir Machado; NOVAES DE SA, Roberto. A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 393-397, jul. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312006000300013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 dez. 2018.
- MENEGASSI, A. ; PETRICH, L. ; ALMEIDA, S.L; BASSETO, A.D. **A psicologia fenomenológico-existencial e o tratamento da debilidade**. Toledo: PUC-PR, 2018 (comunicação oral).
- PRETTO, Zuleica; LANGARO, Fabíola; SANTOS, Geórgia Bunn. Psicologia clínica existencialista na atenção básica à saúde: um relato de atuação. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 29, n. 2, p. 394-405, jun. 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932009000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200014&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 17 dez. 2018
- SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.

## O MÉTODO ANALÍTICO EM O INCONSCIENTE DE FREUD

Sandra Cristina Boufleur  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
sandra.boufleur@hotmail.com

*O Inconsciente (Das Unbewußte, 1915)* é uma obra fundamental para a elaboração da psicanálise. Sabemos que a teoria psicanalítica tem toda a sua construção teórica e prática fundamentada na concepção de inconsciente, ou seja, pensar em psicanálise é pensar no inconsciente. Desse modo, Freud propõe, em sua Metapsicologia, uma investigação que possa chegar ao conhecimento do inconsciente. Nessa obra, o psicanalista busca mostrar a existência de processos inconscientes. Em um determinado momento, ele lança mão do método analítico, procurando invalidar a proposição de que o psíquico é todo ele consciente, e faz isso através de prospecções internas, por inferências em relação à consciência na própria pessoa. Neste trabalho, iremos apresentar esse uso do método analítico e faremos também uma crítica às suas conclusões, pois elas extrapolam tal método por meio de um número significativo de indícios empíricos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inconsciente; Método Analítico; Consciência; Psicanálise.

### REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **O inconsciente**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 2010.

## **FINITUDE, PROPRIEDADE E RESPONSABILIDADE EM SER E TEMPO** **Das correlações entre *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger,** **e o comentário *Sobre a responsabilidade*, de Zeljko Loparic**

Saulo Sbaraini Agostini  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
ssagostini@gmail.com

Heidegger sempre foi acusado de nunca ter escrito uma ética. Contudo, a obra *Ser e Tempo* pode expressar um traço ético a partir dos seus conceitos fundamentais. A obra trata fundamentalmente sobre a 'Questão do Ser', mas, para tal, tratará sobre o único ente – o privilegiado, diferenciado – que lida e joga com esta questão: Da-sein, o ser-aí. O ente privilegiado existe para fora de si e está constantemente lidando com o sentido de ser, isso é: ter-de-ser, ser-no-mundo, ser-com, ser dos entes que vem ao encontro no mundo. A forma típica da lida é o Cuidado (*Sorge*) nas suas variações: cura (*Sorge*), preocupação (*Fürsorge*), ocupação (*Besorgen*). O ser-aí enquanto existencial é finito, está a lidar com um projeto que tem como fim a morte. É diante da finitude que Zeljko Loparic propõe o conceito de *responsabilidade* para pensar a ética do morar em Heidegger. É neste íterim que insere a questão que estamos a investigar: como Heidegger lida com o conceito de finitude para descrever a propriedade do ser-aí? O que é a responsabilidade que Loparic conceitua em *Ser e Tempo*? Qual a relação entre propriedade, finitude e responsabilidade? Por fim, investigaremos o que Loparic chama de 'exemplos ônticos' da responsabilidade em *Ser e Tempo* e trataremos de problemas e simplificações feitas na exemplificação do comentador em relação ao filósofo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Finitude; Propriedade; Responsabilidade; Ética; Ontologia; Voz da Consciência.

### **REFERÊNCIAS**

- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas. Fausto Castilho. Campinas/Petrópolis: Editora da Unicamp/Editora Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o Humanismo**. 2 ed. Introdução, tradução e notas Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- LOPARIC, Zeljko. **Heidegger Réu: Um ensaio sobre a periculosidade da filosofia**. Campinas: Papyrus, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a responsabilidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

## **NECESSIDADE E INTERESSE DA RAZÃO EM KANT: fim ou início da metafísica?**

Suzana Talita Tietz  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
suzanattietz@gmail.com

Conforme aponta Kant no prefácio da primeira edição da CRP (1781), ainda que a razão reflita, por um lado, a impossibilidade de se esquivar para sempre de um gênero de questões, por outro, exige que as mesmas sejam respondidas e investigadas. Isto é, impelida por si própria, a razão se vê enredada em questões metafísicas, das quais precisa dar conta como parte de sua tarefa. Nesse sentido, ela tem de atender a certas necessidades puramente racionais, para além do domínio cognitivo. As investigações metafísicas trazidas pelo racionalismo e pelo empirismo não alcançaram a solidez almejada para a razão filosófica, pois, enquanto ainda insuficientes metodicamente, o primeiro fazia afirmações sem fundamento e o segundo colocara em xeque as bases da própria razão. Para resolver as questões nesse campo de batalhas, Kant inicia a CRP propondo refletir e espelhar-se no método empregado pelas ciências que obtiveram sucesso (lógica, matemática e física), buscando imitá-las. Assim, cogita-se como sendo também produtiva a razão, na solução dos conflitos interiores gerados por questões que se impõem necessariamente a ela, essa alteração de método que se denomina revolução copernicana. Parece que deste modo são suspensos o caráter paradoxal e o clima de querela interminável, desde as consequências extraídas, para o todo da razão, da aplicação da revolução copernicana à metafísica (filosofia). Pois graças a isso é que a razão desperta para o caráter genuíno e legítimo da necessidade presente nela, de encaminhar respostas às questões que nascem em seu interior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Necessidade; Interesse; Razão; Metafísica; Conhecimento.

### **REFERÊNCIAS**

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução Fernando Costa Mattos. Petrópolis? Bragança Paulista: Editora Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2015.  
HAMM, Christian. **Sobre a necessidade e o limite da razão**. Santa Maria: Imprensa Universitária - UFSM, 2001.

## **LOUCURA E COMPLETUDE: considerações introdutórias em psicanálise**

Tamara Havana dos Reis Pasqualatto  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
tamarapasqualatto@hotmail.com

A psicose e seus fenômenos sempre suscitaram curiosidade, temor ou atração. Tratada popularmente como "loucura", é associada aos medos mais profundos do homem. Ao se tornar objeto de estudo da psiquiatria, perdeu seu caráter de expressão da vida humana e reduziu-se a doença mental, transformando-se em mera patologia. A psicanálise dedicou-se à tarefa de compreender a loucura, devolvendo a ela seu estatuto de fenômeno humano, poupando-lhe das incansáveis tentativas de cura impostas pela medicina. Esse saber sobre a loucura alcançou o ápice do seu desenvolvimento durante as pesquisas de Jacques Lacan. Ele dizia que não devemos recuar diante da psicose, mas antes aprender com ela, a reconhecer seu estilo e suas saídas. Todavia, antes dele, Freud já a havia postulado como uma forma de estruturação psíquica, fornecendo o respaldo teórico necessário para que Lacan continuasse as pesquisas acerca da psicose. O francês discorre, entre outras coisas, sobre a necessidade de igualdade de planos entre o psicótico e aquele que o estuda, ou seja, necessidade de exclusão de toda forma de condescendência ou piedade por parte daquele que se dispõe a lidar com ela. Essa igualdade de planos seria a única maneira de combater o tratamento injusto baseado em preconceitos que sempre sofreu o psicótico. E isso ainda quer dizer que a psicose pode nos ensinar algo quanto ao que Lacan chama de ordem do sujeito (SOLER, 2007). O saber da psicanálise é, de ponta a ponta, atravessado pelo inconsciente. Esse fato a torna distinta dos outros conhecimentos científicos e mesmo psicológicos. Ela restaura a ideia de que o homem é livre por sua fala e de que seu destino não se restringe a seu ser biológico (ROUDINESCO, 2000). A psicanálise opera sobre um sujeito, e não sobre um indivíduo, uma pessoa humana de carne e osso. Ela apresenta um modo de conceber o sujeito e sua constituição, que se opõe do modo mais radical a outras concepções da psicologia (teorias da personalidade humanistas ou racionalistas, ou ainda abordagens comportamentalistas ou ambientalistas, por exemplo) (ELIA, 2010).

**PALAVRAS-CHAVE:** Loucura; Completude; Psicanálise.

### **REFERÊNCIAS**

- ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.  
ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.  
SOLER, Colette. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

## **A ÉTICA ANIMAL EM PETER SINGER E TOM REGAN EM VIRTUDE DA PROBLEMÁTICA DOS DIREITOS UNIVERSALIZÁVEIS DOS ANIMAIS**

Tarinê Cortina Poeta Castilho da Silva  
UNIVEL - Centro Universitário de Cascavel  
tari.tc86@gmail.com

Katia Salomão  
UNIVEL - Centro Universitário de Cascavel  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
salomao@univel.br

Antonella Marques Neves  
antonellaneves@yahoo.com.br

O artigo aborda a universalização dos direitos dos animais em relação à teoria da dignidade animal, apresentada por Peter Singer, e a condição moral de existência, analisada por Tom Regan. Assim, em Singer constrói-se uma ética dos deveres humanos em relação aos animais, uma vez que defende a existência digna dos animais que, para o douto autor, se assemelha à existência da dignidade do homem. Mas, Singer não é desleixado com sua teoria, de maneira que fomenta, com base em Kant, uma distinção entre animal como ser senciente e homem como ser consciente. Regan sustenta a condição do sofrimento animal em analogia ao sofrimento humano, criando uma teoria do 'status moral do sofrimento', como ponto de partida para sua ética animal, já que o animal, bem como o homem, tem os mesmos níveis de empatia, sofrimentos e dignidade moral. Tais enfoques sobre a ética animal são contrapostos ao longo deste artigo; considera-se a condição animal, defendida na Declaração Universal dos Direitos dos Animais, que serve como forma de analisar os níveis de influência teórica sobre a construção desses direitos, além de realizar apontamentos a respeito da recepção desses direitos em território brasileiro. Assim, ao final, de forma tímida, o Brasil tornou-se signatário de tais instrumentos jurídicos internacionais e serão, por meio disso, cotejados contrapontos e analogias à dignidade animal e sua notória condição de ser senciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dignidade; Sencientes; Direito dos Animais.

## UMA ANÁLISE DA PRESENÇA DE ODISSEU NO MITO DE ER

Thayla Magally Gevehr  
UFG – Universidade Federal de Goiás  
gevehrthayla@gmail.com

No livro X da *República*, Platão, depois de tecer longas críticas à poesia mimética e banir, como defendem alguns comentadores, os poetas da cidade perfeita, conta a seus interlocutores o famoso “mito de Er”. Ao que parece, seu intuito, com isso, é o de mostrar o que as almas, que são imortais, recebem como recompensa por seus atos na terra, e como se escolhe o melhor gênero de vida. Todavia, justamente em meio ao mito, e num livro que tratou longamente sobre a poesia, e do mal que ela gera na alma e na cidade, encontramos uma clara referência à poesia, que não parece soar, por seus elementos, como de todo uma oposição aos poetas. Ao iniciar o mito, Sócrates, porta-voz de Platão, afirma que não pretende “narrar um conto de Alcínoo, mas de um homem valente, Er o Armênio” (614 b). Logo em sua abertura, o “mito de Er” faz referência direta à *Odisseia*, mais precisamente aos cantos IX a XII, em que Odisseu, personagem principal, narra sua trajetória ao rei dos Feaces (Alcínoo). Aparentemente, o que se dá, nessas palavras introdutórias, como “claro alerta” (não é um conto de Alcínoo), constitui-se, também, uma indicativa do “lugar” de onde veio a inspiração para o mito – a poesia. Tal como Odisseu, que desceu ao Hades em vida e retornou com a narrativa do que lá se passa, também Er, sob um estado de catalepsia, visita o além, o lugar divino, e retorna à vida com a narrativa do que se dá com as almas. Essa ‘estranha’ aproximação que agora apenas mencionamos, deve, ainda, contar com o seguinte: no mito de Er, Platão dá vida a alguns dos principais personagens de Homero (Agamêmnon, Aquiles, Ajás), inclusive ao próprio Odisseu, para clarificar o gênero de vida escolhido por eles, um a um. Isso significa, porém, não a simples identificação entre as personagens (Er e Odisseu) – possível visto que ambos encontraram-se com as almas dos mortos, conversaram com elas e retornaram com uma narrativa a respeito desse encontro; Platão, ultrapassando a possibilidade de identificação direta, transforma Odisseu numa personagem do seu mito e retrata, ali, como ele escolhe viver a sua vida. O que pretende Platão com tudo isso? O que o Odisseu de Homero teria a ver com o tema mais geral da narrativa platônica? Por que ele aparece como uma das personagens do mito de Er? Em vista dessas questões, pretendemos pensar a proximidade entre Platão e Homero, entre o Odisseu da *Odisseia* e o Odisseu de Er.

**PALAVRAS-CHAVE:** Platão; Homero; Odisseu; Mito de Er.

### REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Maria. Hefesto, vem cá; depressa, Platão precisa de ti. **Kléos**, Rio de Janeiro, n. 9/10, p. 67-86, 2005/6.
- BOCAYUVA, Izabela. Odisseu e o sonho do retorno ou o filósofo ardiloso, se isso é possível. **Viso: Cadernos de estética aplicada**. Rio de Janeiro, v. IX, n. 17, p. 58-69, 2015.
- ERLER, Michael. **Platão**. Tradução Enio Paulo Giachini. São Paulo: Annablume, 2013.
- FERNANDES, R. Catábase ou descidas aos infernos: alguns exemplos literários. **Hvmanitas**, Coimbra, v. XLM, p. 347-359, 1993.
- HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1996.
- HOMERO. **Odisseia**. 1 ed. Tradução e introdução Christian Werner. Apresentação Richard P. Martin. Tradução da apresentação José Rubens Siqueira. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

- IGLÉSIAS, Maura. A unidade do Livro X e sua ligação com os demais livros da República. In: CORNELLI, Gabriele; XAVIER, Dennys. (orgs.) **A República de Platão: outros olhares**. São Paulo: Loyola, 2011. p. 209-220.
- JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- PLATÃO. **La República**. Tradução José Manuel Pabón; Manuel Fernández-Galiano. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A República**. 12 ed. Introdução, tradução e notas Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- SOBRINHO, Rubens. Necessidade e escolha: o mito de Er. In: CORNELLI, Gabriele; XAVIER, Dennys. (orgs.) **A República de Platão: outros olhares**. São Paulo: Loyola, 2011. p. 253-270.
- TRABATTONI, Franco. **Platão**. Tradução Rineu Quinalia. São Paulo: Annablume, 2010.

## NORBERTO BOBBIO E A POLÍTICA DE CULTURA, O INTELLECTUAL DIANTE DAS POLARIZAÇÕES POLÍTICAS E O FENÔMENO DAS FAKE NEWS

Thélio dos Santos Caudinski  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
theliocaudinski@gmail.com

José Francisco de Assis Dias  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
prof.dias.br@gmail.com

Provocado pela polarização acirrada no mundo, de 1940 e início dos anos 1950, Norberto Bobbio (1909 – 2004) produz uma série de artigos e troca cartas entre demais intelectuais que, posteriormente, formaram a coletânea *Política e Cultura* (1955) com o foco no convite ao colóquio entre todos os elementos da sociedade, principalmente aqueles que compunham e alimentavam a polarização (Guerra Fria). Uma polarização tão profunda que inviabiliza um terceiro posicionamento é, para Bobbio, não um problema em si, tem consequências para além, e principalmente na atividade do intelectual. Neste artigo discutir-se-á, precisamente, os escritos iniciais de *Política e Cultura*, sendo eles: *Introdução da Primeira Edição*, *Convite ao Colóquio*, *Política e Cultura* e *Política da Cultura*, e, por fim, *Defesa da Liberdade*. Para defesa da atividade do intelectual e, colateralmente, a quebra ou a elucidação sobre as polarizações, Bobbio propõe o desenvolvimento e a defesa de uma Política de Cultura, uma política que preze pelo colóquio não só na classe política institucional, mas dentro dos círculos acadêmicos contra os dogmas que isolam a produção filosófica. A partir da exposição dos elementos acima referidos como proposta fundamental, pergunta-se: qual a possibilidade de um paralelo profícuo entre o pensamento de Bobbio com o movimento político-social vivido pelo Brasil a partir de 2013, precisamente a partir das Manifestações daquele ano, até as Eleições de 2018? E ainda mais preciso: O que a Política de Cultura pode produzir na recuperação da credibilidade das instituições de intelecto e informação contra o fenômeno das *Fake News*? Os fatos diários na sociedade brasileira, a campanha política pautada nas *Fake News* e o discurso agressivo contra os intelectuais revelam a urgência desta discussão. Da mesma forma que uma Política de Cultura é viável para elucidar as questões que fomentaram o ambiente político brasileiro e boa parte de suas faces — descrédito dos intelectuais e dos meios de informação —, por outro lado, identifica-se que, localmente, não foi possível encontrar apenas ausência de uma Política de Cultura, e sim uma *Política Cultural*, a mesma criticada por Bobbio como responsável por justificar lógicas partidárias que aprofundam ou tentam dar sustentação a uma das escolhas da polarização, que direcionam intelectuais para a manutenção de dogmas filosóficos e políticos, e petrificam cada vez mais as escolhas *aut aut* contra uma racionalização. A Política de Cultura é urgente hoje não só pela correção da atuação do intelectual, é também para a recuperação do crédito do mesmo perante a sociedade e, por consequência, o enfraquecimento da prática de divulgação de notícias falsas e discursos falaciosos, dando assim, mais uma vez, a reafirmação da necessidade do estudo de Bobbio e a sua imperiosa atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Norberto Bobbio; *Fake News*; Polarização; Política de Cultura; Discurso Falacioso; Populismo.

### REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **Política e Cultura**. Tradução Jaime A. Clasen. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

## SARTRE: UMA FILOSOFIA DA CONCRETUDE

Tiago Soares dos Santos  
IFPR - Instituto Federal do Paraná  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
tiago.soares@ifpr.edu.br

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
cafsilva@uol.com.br

O presente trabalho revisita o pensamento sartriano naquilo que lhe é mais próprio: a existência humana em situação concreta. É exaustiva a tese fenomenológico-existencial de que o humano é liberdade. Isso implica assumir que o homem se revela, antes de tudo, como um ser inconcluso, apresentando-se ainda de modo absoluto. Esses dois caracteres são contraditórios, porém, ilustram a aventura de ser livre e, ao mesmo tempo, contingente. Eis assim o problema de Sartre: compreender o humano à luz de sua facticidade. O modo por meio do qual Sartre descreve a condição humana destoa do pensamento moderno substancialmente cartesiano. Ora, aos olhos de Sartre, a consciência não é mais uma substância, mas como retrata Husserl, um fluxo. Dados esses pressupostos, o homem se subjetiva na história; ora, tal subjetivação se estrutura via a própria liberdade. O que Sartre entrevê aí é um movimento dialético: o humano se constitui fora de si por meio da noção de projeto e construção histórica que se efetiva em situação. Sob essa perspectiva, o projeto ontológico de Sartre é pensar o homem como um ser histórico e cultural. Nesse sentido, não é possível dissociar o homem, a sociedade e o meio. É a própria psicanálise existencial que consiste em acessar a linha invisível entre o homem social e a escolha que ele faz de seu ser-no-mundo. O mundo é a totalidade de homens e objetos que são descritos em seu aparecimento por meio da fenomenologia. A parte ontológica do fenômeno visa aclarar o projeto humano como desejo de infinitude, de eternidade. O que isso significa? Significa, radicalmente, que o homem reconhece o princípio de sua coincidência consigo mesmo; todavia, ele também se reconhece, ao mesmo tempo, como um ser finito. Pois bem: tal finitude humana escancara o fracasso de ser um projeto irrealizável. Desse ponto de vista, como pensar uma ética diante de tal fracasso? Qual o papel da psicanálise existencial? Sartre trabalha com a hipótese de que é o caminho que cada homem desenha no mundo com sua existência em vista do mundo como ele desejaria ser. Onde a liberdade se revela? Nas situações presentes em que o sujeito (situado, histórico e livre) terá de escolher. Eis a consciência da angústia, da vacuidade do presente, da responsabilidade sobre si mesmo, sobre o mundo e pela história. Quando o homem define seu projeto originário? No momento absoluto em que o homem aparece a si mesmo. O homem é liberdade pelo tempo que existir e somente a liberdade limita-o. Por isso, a liberdade é uma condenação. Nessa medida, aquilo que se convencionou chamar de determinismo histórico são resultados de escolhas situadas que conduziram ao fim da liberdade. Admite-se, assim, que somente a liberdade é capaz de se limitar. A ausência de liberdade política, por exemplo, é fruto da liberdade de aceitar a opressão. Existir em um estado assim não exclui as possibilidades de aceitar ou resistir. Portanto, moral, valores, cultura, direitos que cerceiam a vida humana são ações oriundas da liberdade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sartre; Liberdade; Concretude; Situação; Escolha.

### REFERÊNCIAS

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2009.  
SILVA, Luciano Donizetti da. **Ética e liberdade em Sartre: da negação da infância ao homem infantilizado**. Curitiba: Appris, 2018.

## **O PROBLEMA DA GUERRA E AS VIAS PARA A PAZ: Norberto Bobbio leitor de Thomas Hobbes**

Valdenir Prandi

José Francisco de Assis Dias  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

O presente trabalho tem como tema O Problema da Guerra e as Vias para a Paz, no pensamento de Norberto Bobbio (1909-2004) e de Thomas Hobbes (1588-1679). Bobbio buscou afirmar uma democracia liberal, e Hobbes, como fundador da ciência política, inaugurou a modernidade no pensamento político. Bobbio diz que a guerra é um conflito entre grupos em que a solução será a violência organizada com suas causas e consequências na sociedade entre Estados e Nações; “paz interna” e “paz externa”, quando não há conflito entre grupos ou indivíduos. Ressalta-se que “paz e guerra” podem ser dadas no sentido positivo, pois entre ambas existe uma zona intermediária. Hobbes entende o Estado natural como estado de guerra permanente, no qual todos são iguais no poder de infligir o maior dos males, a morte, enquanto o estado civil, por meio de um acordo entre todos, institui um sistema de leis válidas e eficazes com objetivo de cessar a guerra. Bobbio atribui ao Pacifismo Jurídico uma via possível para a paz, na qual os Estados renunciam à sua soberania absoluta para criar uma organização internacional mais ampla centralizada em vista da constituição do Superestados. Considera que os Direitos do Homem têm a maioria das definições tautológicas: são direitos construídos ao longo da história, nem todos de uma vez e nem de uma vez por todas; hoje o problema é proteger, sendo um problema político e não filosófico. Quanto à interdependência entre os direitos, Bobbio afirma que a paz é pressuposto necessário para o reconhecimento e a efetiva proteção dos direitos do homem em cada Estado no sistema internacional, ressaltando que Direitos do Homem, democracia e paz são três momentos necessários do mesmo movimento histórico. O pensamento filosófico, jurídico e político de Bobbio é um amplo campo de pesquisa científica e acadêmica, muito se tem a perquirir sobre suas teorias. Acredita-se que o tema é de relevância atual, pois, no âmbito internacional, presenciamos constantes conflitos. Faz-se necessário analisar as causas e buscar uma reflexão por meio do conhecimento jurídico e filosófico. A metodologia empregada será bibliográfica, partindo das obras e teorias histórico-culturais sobre o objeto de estudo, as quais devem fornecer elementos de sustentação. A pesquisa é relevante ao campo acadêmico e científico, propondo caminhos que conduzam à solução de conflitos por meio do diálogo sem violência, contribuindo para uma reflexão política democrática responsável e buscando a valorização dos indivíduos como pessoa humana que precisa ser respeitada em sua dignidade: o que conduzirá à constituição de uma nova moral social.

**PALAVRAS-CHAVES:** Guerra; Paz; Bobbio; Hobbes.

### **REFERÊNCIAS**

- BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Teoria Geral da Política: A filosofia e as lições dos clássicos**. Tradução Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O problema da guerra e as vias da paz**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O futuro da democracia**. 10 ed. ver. ampl. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O terceiro Ausente: Ensaio e Discursos sobre a Paz e a Guerra**. Tradução Daniela Versiani. Barueri: Manole, 2009.
- \_\_\_\_\_. ; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). **Dicionário de política**. v. 2. Tradução Carmen C. Varrialle et al. Brasília: UnB, 1992. p. 910-916.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou Matéria forma e poder de uma república eclesiástica e civil**. São Paulo-SP: Martin Claret, 2006.

## O DESENTENDIMENTO COMO CARACTERÍSTICA INERENTE À DEMOCRACIA

Valmir Gonçalves dos Santos  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
valmir\_10santos@hotmail.com

O artigo busca propiciar reflexões sobre a jovem democracia brasileira, pensada aqui sob a luz da excêntrica filosofia de Rancière. Se considerarmos os tempos da República brasileira, constatamos que os períodos democráticos são breves e sempre sofreram ameaças. Há três décadas vivemos em um regime democrático que, no entanto, ainda é frágil. Do ponto de vista histórico, a democracia brasileira é jovem e continua sendo construída sob ameaças, sua vigência carece de vigilância constante, pois, de vários lados, há forças que a fragilizam, especialmente aquelas que proclamam a ordem e o consenso. O que tais forças querem, ainda que digam falar em nome da democracia, é a organização da vida e do poder de um modo hierárquico e o esvaziamento dos espaços públicos que, necessariamente, são conflituosos e orientados por uma racionalidade dissensual. Para essa comunicação, perguntamo-nos se, no entanto, essa fragilidade da jovem democracia brasileira não é, justamente, característica da própria democracia, desde a sua invenção na Grécia. Trata-se, pois, de pensar, outra vez, quais são os sentidos disso que chamamos de democracia, regime político no qual o povo detém o poder. Jacques Rancière desenvolve uma perspectiva excêntrica acerca da democracia e nos mostra que desde o seu surgimento ela foi alvo de ódio e sempre está em risco, daí ele escrever um livro intitulado *Ódio à democracia* (2014). Esta perspectiva nos interessa, na medida em que se situa a contrapelo do que se consensuou entender por democracia e por política como a mera organização da vida coletiva. A partir da filosofia de Rancière, procura-se, então, resgatar o que é próprio de uma investigação filosófica acerca da política, abordando em que âmbito e quando esta existe e mostrando que inúmeras vezes ela se confunde com polícia; o que implicará trazer à tona o que Rancière diz ser fundamental para a existência da política e da democracia, a saber, a lógica do desentendimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Democracia; Política; Desentendimento; Polícia.

### REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Política**. 2 ed. Tradução Mario da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- DAHL, Robert A. **Sobre a democracia**. Tradução Beatriz Sidou. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. Tradução Ângela Leite Lopes. São Paulo, Editora 34, 1996a.
- \_\_\_\_\_. O desentendimento. In: NOVAES, A. (Org.) **A crise da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.
- \_\_\_\_\_. **O mestre ignorante**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Política, polícia, democracia**. Santiago: LOM Ediciones, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Experimental Org. 2009a.
- \_\_\_\_\_. **O inconsciente estético**. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009b.
- \_\_\_\_\_. **El desacuerdo: Política y filosofía**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Ed. WMF/Martins Fontes, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O ódio à democracia**. 1 ed. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

## NATUREZA DA RAZÃO NA FILOSOFIA KANTIANA

Vanessa Brun Bicalho  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
vanessabicalho@gmail.com

Qual a natureza da razão na filosofia de Kant? Se partirmos do pressuposto de que a razão é a faculdade que organiza sistematicamente a multiplicidade dos objetos de pensamento, no que diz respeito ao conhecimento dos fenômenos e ao puro pensamento crítico transcendental, então, como disse Kant, temos de convir que se trata de uma faculdade que é “por natureza arquetônica”. A questão que esse texto pretenderá desenvolver será, portanto, esta: como compreender a natureza da razão que, por natureza, é ser arquetônica?

**PALAVRAS-CHAVE:** Kant; Razão Pura; Arquetônica; Sistema transcendental.

### REFERÊNCIAS

- HAMM, Christian. A natureza “inatural” da razão em Kant. **Studia Kantiana**, n.15, p.153-164, 2013.
- KANT, Immanuel. **Prolegômenos a toda metafísica futura: que queira apresentar-se como ciência**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições Setenta, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução Paulo Quintela. Lisboa: Edições Setenta, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Pura**. 7 ed. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- \_\_\_\_\_. SCHOPENHAUER, Arthur. **A crítica da filosofia kantiana**. Tradução Wolfgang Leo Maar e Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os pensadores).

## **A FILOSOFIA COMO CONDIÇÃO DE UMA COMUNIDADE AUTÊNTICA PARA HUSSERL**

Vanessa Furtado Fontana  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
fontanessa@yahoo.com.br

O presente artigo trata do conceito de filosofia para Edmund Husserl. Trata-se de analisar o conceito de filosofia e como Husserl concebe a fenomenologia como solução para a crise da humanidade. A obra "A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental", de 1935, são conferências proferidas em Viena e Praga, por causa da sua proibição de atividade pública na Alemanha nazista. A crise das ciências na Europa se pauta pelo uso técnico e objetivista das ciências; sem um pensamento filosófico e crítico que as guie, as ciências sucumbem ao ceticismo, à falta de ética e de humanidade em suas descobertas e uso da tecnologia. Para combater o uso indiscriminado da ciência e sua falta de senso crítico, Husserl nos convida a pensar na importância da filosofia como auto-meditação humana. O papel da fenomenologia e do fenomenólogo não é apenas científico no sentido de construir uma ciência fundante universal, mas tem um sentido ético e até político. No § 73, a filosofia aparece associada à ideia de uma auto-responsabilização universal. Husserl resgata o ideal grego da razão que molda a humanidade mais elevada. O filósofo é um ser vocacionado para a vida na apodicticidade, tal expressão só faz validar o ideal ético do filósofo, que deve, em tempos de ceticismo da humanidade, tornar clara a vocação do ser humano na busca por uma comunidade autêntica. A responsabilidade do fenomenólogo é guiar a humanidade para esse caminho da razão, da vida autêntica e livre. Na obra "Filosofia Primeira", de 1923-24, Husserl já afirmava a filosofia como fundamento racional, o princípio e a condição da possibilidade de uma comunidade autêntica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia; Fenomenologia; Comunidade autêntica; Husserl.

### **REFERÊNCIAS**

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. Lisboa: Phenomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.  
\_\_\_\_\_. **Philosophie première. Histoire critique des idées**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

## A REFUTAÇÃO DO IDEALISMO (PROBLEMÁTICO) DE DESCARTES SEGUNDO MALEBRANCHE: a crítica kantiana *avant la lettre*

Vanessa Henning  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
nessahen@gmail.com

O nosso objetivo neste trabalho é mostrar que os pressupostos da crítica kantiana à Psicologia Racional de Descartes, como ciência da razão pura, já se encontram na filosofia malebranchiana. Na sua obra magna, *A Busca da Verdade* (1674-75), Malebranche anuncia a dificuldade de um conhecimento evidente do *cogito*, bem como a despotencialização quanto à sua capacidade intencional e representativa, notadamente visada pelas vertentes de finais do século XVII. Contracorrente a essas vertentes, o *cogito* malebranchiano se caracteriza como uma “consciência sensível”, cuja percepção que faz de si restringe-se apenas à experiência de como é afetado. O autor dá certa atenção ao problema da afetividade do espírito e busca esclarecer que a consciência de si está submetida à percepção que ela tem do mundo. A “consciência ou sensação interior”, como ele denomina esse tipo de percepção, ocorre somente no momento em que Deus toca o nosso espírito com o Seu arquétipo do mundo, a extensão inteligível, e o modifica sensivelmente ao afetá-lo com essa extensão. Com efeito, o que entendemos por autoconsciência nada mais é que um pensamento que se vê submerso em seus próprios estados e incapaz de se conceber na sua versão constituinte. Tal concepção é condição para que identifiquemos certa proximidade entre a sua filosofia e a de Kant. Conforme a *Crítica da Razão Pura* (1781), o argumento de Kant para a objeção do Idealismo de Descartes mostra que a consciência necessita de experimentação para constatar-se como algo existente. Essa consciência de si ocorre exclusivamente no contato que a mente tem com os objetos espaciais. É pela experiência que temos do mundo que constatamos a nossa existência. Assim, se o argumento kantiano para a Refutação do Idealismo (problemático) de Descartes afirma que a percepção da própria existência depende da representação de objetos espaciais e fora do pensamento, vemos que, em Malebranche, já aparece essa crítica à tese do sujeito cartesiano, ainda que apresentando certas diferenças conceituais mediante a sua doutrina da “Visão em Deus”. Nossa hipótese é que o pensamento malebranchiano contém o germe do kantismo, por analisar as condições de possibilidade do conhecimento humano, sendo essa característica fundamental para o considerarmos uma crítica kantiana *avant la lettre*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Cogito*; Psicologia Racional; Idealismo Problemático; Descartes; Malebranche; Kant.

### REFERÊNCIAS

- ALQUIÉ, Ferdinand. **Le Cartésianisme de Malebranche**. Paris: Vrin, 1974.  
\_\_\_\_\_. Science et métaphysique chez Malebranche et chez Kant. **Revue philosophique de Louvain**, t. 70, p. 5-42, 1972.
- CARDOSO, Adelino. Consciência e invidência do eu em Malebranche. **Revista Phainomenon**, Lisboa, n. 516, p. 367-379, s/d.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método; Meditações Metafísicas; Objeções e Respostas e Paixões da Alma**. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.
- \_\_\_\_\_. **Œuvres de Descartes**. v.11. Publiées par Charles Adam et Paul Tannery (AT). Paris: Vrin, 1996.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5 ed. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MALEBRANCHE, Nicolas. **Œuvres Complètes de Malebranche**. Direction André Robinet (dorénavant citées OC). Paris: Vrin, 1959-76.

\_\_\_\_\_. **Meditações Cristãs e Metafísicas**. Tradução e apresentação Adelino Cardoso. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Busca da Verdade**. Tradução Plínio Junqueira Smith. São Paulo: Discurso Editorial Paulus, 2004.

KONTIC, Sacha Zilber. Cogito, sentimento e afetividade em Malebranche. **Revista Kriterion**, v.59, n.140, p.613-630, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A União da Alma e do Corpo em Malebranche, Biran e Bergson**. Tradução Sílvio Roa Filho e Thiago Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

## **O IMPERATIVO CATEGÓRICO KANTIANO EM FACE DA FALIBILIDADE MORAL DA TERCEIRIZAÇÃO DO TRABALHO NO DIREITO BRASILEIRO**

Victor Augusto Kondrat da Silva  
Centro Universitário de Cascavel – UNIVEL  
Kondratvictor@gmail.com

Katia Salomão  
Centro Universitário de Cascavel – UNIVEL  
salomao@univel.br

Antonella Marques Neves  
antonellaneves@yahoo.com.br

O presente trabalho possui o objetivo de mostrar como a Terceirização do Trabalho, enquanto um fenômeno moderno do Direito do Trabalho no Brasil, especialmente após a Lei 13.467/2017 ter alterado a Consolidação das Leis do Trabalho, seria imoral e ilegítimo, por negligenciar diretamente o imperativo categórico e a pessoa humana em sua Dignidade, sob a luz da teoria de Kant acerca da Moralidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Kant; Moral; Terceirização do Trabalho; Lei. 13.467/2017.

### **REFERÊNCIAS**

- BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. **Filosofia: textos fundamentais comentados**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DELGADO, Maurício Godinho. **Curso de Direito do Trabalho**. 15 ed. São Paulo: LTr, 2016.
- GARCIA, Gustavo Filipe Barbosa. **Curso de Direito do Trabalho**. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. São Paulo: Abril cultural, 2000. (Os Pensadores).
- MASCARO, Alysson Leandro. **Filosofia do Direito**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- ORGANIZAÇÃO Internacional do Trabalho (OIT). **Trabalho digno – a chave do progresso social**. 15 de dez. 2010. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/html/portugal>. (Acesso em: 14 ago. 2018).
- SANDEL, Michael. **Justice: What's The Right Thing To Do?**. Episode 06: "Mind your motive". Harvard University: 8 set. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8rv-4aUbZxQ>. (Acesso em: 14 ago. 2018).
- SANDEL, Michael. **Justiça** [recurso eletrônico]. Tradução Heloisa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade (da pessoa) humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988**. 10 ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2015.
- SILVA FILHO, Artur Adolfo Cotias e. **Monografia**. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/17596/1/2017\\_ArturAdolfoCotiasSilvaFilho.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/17596/1/2017_ArturAdolfoCotiasSilvaFilho.pdf). (Acesso em: 14 ago. 2018).
- WEBER, Thadeu. **Ética e Filosofia do Direito: autonomia e dignidade da pessoa humana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

## AS VIRTUDES ÉTICAS E MORAIS EM TOMÁS DE AQUINO

Vinicius Ricardo Galvão Rosa  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
viniciusgrand447@hotmail.com

O tema proposto para estudo é o conceito de virtudes éticas e morais em Tomás de Aquino. O problema ao qual se pretende dar uma resposta é "qual o conceito de virtudes éticas e morais em Tomás de Aquino e suas variantes", de onde vem o entendimento do uso das virtudes e observar o papel da prudência nas tomadas de decisões. O objetivo geral desta pesquisa é apresentar a atualidade do conceito de virtudes éticas e morais e suas variantes em Tomás, e o porquê cultivar em nossos dias tais virtudes. Os objetivos específicos desta pesquisa são: apresentar a razão como sendo o guia das decisões virtuosas; entender como a prudência pode ser, por definição, o justo meio; pesquisar os métodos de obter o hábito da virtude; distinguindo o justo meio das decisões, dentro de todas as situações que vivemos em nosso cotidiano. Pretendemos, através desta pesquisa, conhecer, bem como ter por guia de vida os hábitos bons. A presente pesquisa justifica-se, pois o pesquisador tem interesse pessoal pelo tema, por ter algo que o cativa a buscar, desde motivações interiores ou objetivos pessoais a serem alcançados; por fim, ressalta-se a relevância social, que fica evidente quando se pensa na importância da prática das virtudes para a boa convivência em sociedade e no comum em nossos lares. A relevância científico-acadêmica desta pesquisa está no fato de que existem poucos estudos na Unioeste Toledo dentro destes objetivos estudados aqui e, por consequência, as pesquisas acabam sendo feitas em autores modernos, esquecendo das valiosas obras do passado. Esta pesquisa será eminentemente bibliográfica; para atender aos nossos objetivos, geral e específicos, serão utilizados os seguintes escritos de Tomás de Aquino: *Onze lições sobre a virtude*, *Suma Teológica* e o *Comentário à Ética a Nicômaco*; também será usada a *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles. Os resultados esperados desta pesquisa consistem em, primeiramente, oferecer aos estudiosos de ética elementos não só para conhecerem melhor o tema das virtudes, mas também os instrumentos para pautarem suas vidas segundo os princípios tomistas, bem como dar ênfase à importância e atualidade científico-acadêmica de Tomás de Aquino nos ambientes acadêmicos atuais e acrescentar à Universidade pesquisas sobre este grande autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Virtude Ética; Virtude Moral; Intelecto e Razão; Tomás de Aquino.

### REFERÊNCIAS:

- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Edições Loyola, São Paulo, 2005. 9 vol.  
\_\_\_\_\_. **Onze lições sobre a virtude: Comentário ao Segundo Livro da Ética de Aristóteles**. Tradução Tiago Tondinelli. Campinas: Ecclesiae, 2013.  
\_\_\_\_\_. **Comentário à ética a Nicômaco de Aristóteles (I-III): O bem e as Virtudes**. Tradução Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Rio de Janeiro: Mutuus, 2015.  
ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

## ÍNDICE DOS RESUMOS

### Por Autor

Nos trabalhos com mais de um autor, os algarismos arábicos indicam a ordem de inscrição do trabalho.

- Adeilson Lobato Vilhena - p. 13  
Ademir Menin - p.14  
Adriana Aparecida da Silva Bissani - p. 15  
Adriana Dias Basseto (2); Samuel Lucas de Almeida (1) - p. 148  
Alessandra Amado Elias Sonda (1); Katia Salomão (2) - p. 16  
Allan Gabriel Cardoso dos Santos - p. 18  
Ana Carolina Noffke - p. 19  
Ana Claudia Barbosa Nunes - p. 20  
Anderson Felipe dos Santos Souza (2); Kaiane Livi (1); Tarcílio Ciotta (3) - p. 89  
Andressa Aline Bertolla (1); Márcia Caroline Szmíd (2); Michaella Carla Laurindo (3) - p. 21  
Ane Natacha Meneguetti (1); Katia Salomão (2) - p. 22  
Angeliana Patricia de Souza - p. 25  
Antonella Marques Neves (3); Tarinê Cortina Poeta Castilho da Silva (1); Kátia Rocha Salomão (2) - p. 153  
Antonella Marques Neves (3); Victor Augusto Kondrat da Silva (1); Katia Salomão (2) - p. 164  
Antonio Rangel dos Reis (1); Junior Cunha (2); José Francisco de Assis Dias (3) - p. 26  
Beatriz Cristina Bencke (1); Emerson Souza dos Santos (2); Vilmar Malacarne (3) - p. 28  
Bianca Squarisi Roque de Oliveira - p. 29  
Caroline de Paula Bueno (1); Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (2) - p. 30  
Célia Machado Benvenho - p. 31  
César Augusto Battisti - p. 32  
César Augusto Battisti (2); Elvio Camilo Crestani Junior (1) - p. 43  
Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (2); Caroline de Paula Bueno (1) - p.30  
Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (2); Tiago Soares dos Santos (1) - p. 157  
Cleiton Luiz Kerber - p. 33  
Cristiane Freytag de Freitas (1); Saulo Sbaraini Agostini (2) - p. 34  
Cristiane Roberta Xavier Candido - p. 35  
Cristiele Rhoden (2); Giullya Schuster de Almeida (1) - p. 65  
Cristiele Rhoden (1); Junior Cunha (2) - p. 37  
Danielle Antunes - p. 38  
Douglas Antonio Bassani - p. 39  
Douglas Antonio Bassani (2); Gustavo Henrique Martins (1) - p. 72  
Douglas Meneghatti - p. 40  
Douglas Silvino de Camargo (1); José Francisco de Assis Dias (2) - p. 41  
Elidsandra Oliveira da Silva (1); Saulo Sbaraini Agostini (2) - p. 42  
Elvio Camilo Crestani Junior (1); César Augusto Battisti (2) - p. 43  
Emerson Souza dos Santos (2); Beatriz Cristina Bencke (1); Vilmar Malacarne (3) - p. 28  
Ester M. Dreher Heuser (2); Rafaela Ortiz de Salles (1) - p. 136  
Estevão Bocalon - p. 45  
Everton Marcos Batistela (2); Manoel Adir Kischener (1) - p. 46  
Ewerton Proença dos Santos - p. 48  
Fabio Batista - p. 49

Fabio Gabriel Semencato - p. 50  
Felipe Belin - p. 51  
Fernanda A. Meglhioratti (2); Luciano Neves da Silva (1) - p. 105  
Fernando Lucas John - p. 52  
Filipe Luis Brustolin (1); José Francisco de Assis Dias (2) - p. 53  
Francieli Maria de Lima - p. 54  
Gabriel Chiarotti Sardi - p. 55  
Gabriela Araújo Fornari (1); Thaís Ferreira Menezes da Silva (2); Sandra Cristina Bouffleur (3) - p. 57  
Geovana Alice Alves da Cruz (1); Thanyse Vanzella (2); Saulo Sbaraini Agostini (3) - p. 59  
Geovane dos Santos da Rocha (1); Michaela Carla Laurindo (2) - p. 61  
Gilmar Henrique da Conceição (2); Guilherme Alves de Souza (1) - p. 67  
Gilmar Henrique da Conceição (2); Marcelo Luiz Dalmagro (1) - p. 110  
Gilmar Henrique da Conceição (2); Mônica Chiodi (1) - p. 120  
Giovani Augusto dos Santos (1); Libanio Cardoso Neto (2) - p. 63  
Giullya Schuster de Almeida (1); Cristiele Rhoden (2) - p. 65  
Gracy Kelly Bourscheid Pereira - p. 66  
Guilherme Alves de Souza (1); Gilmar Henrique da Conceição (2) - p. 67  
Guilherme Baggio Costa - p. 69  
Guilherme José Santini da Silva - p. 70  
Gustavo Henrique Martins (1); Douglas Antonio Bassani (2) - p. 72  
Janaiara A. Wesseling (1); Kaira Carla Sikora (2); Miriam Izolina Padoin Dalla Rosa (3) - p. 74  
Jaqueline Fatima Roman - p. 76  
João Antonio Ferrer Guimarães - p.78  
João Antonio Ferrer Guimarães (2); Junior Cunha (1) - p.88  
José Atílio Pires da Silveira (2); Lucas dos Santos (1) - p. 103  
José Fernando Schuck - p. 79  
José Francisco de Assis Dias (3); Antonio Rangel dos Reis (1); Junior Cunha (2) - p. 26  
José Francisco de Assis Dias (2); Douglas Silvino de Camargo (1) - p. 41  
José Francisco de Assis Dias (2); Filipe Luis Brustolin (1) - p. 53  
José Francisco de Assis Dias (2); Luiz Fernando de Vicente Stoinski (1) - p. 108  
José Francisco de Assis Dias (2); Medéia Laís Reis (1) - p. 117  
José Francisco de Assis Dias (1); Reginaldo Cesar Pinheiro (2) - p. 81  
José Francisco de Assis Dias (2); Reginaldo Cesar Pinheiro (1) - 138  
José Francisco de Assis Dias (2); Ronaldo de Oliveira (1) - p. 145  
José Francisco de Assis Dias (2); Thélío dos Santos Caudinski (1) - p. 156  
José Francisco de Assis Dias (2); Valdenir Prandi (1) - p. 158  
Jose Ignacio Jacob - p. 83  
José Luiz Ames - p. 84  
Josieli Aparecida Opalchuka - p. 86  
Juliana Gilo Tiberio - p. 87  
Junior Cunha (2); Antonio Rangel dos Reis (1); José Francisco de Assis Dias (3) - p. 26  
Junior Cunha (2); Cristiele Rhoden (1) - p. 37  
Junior Cunha (1); João Antonio Ferrer Guimarães (2) - p. 88  
Kaiane Livi (1); Anderson Felipe dos Santos Souza (2); Tarcílio Ciotta (3) - p. 89  
Kaira Carla Sikora (2); Janaiara A. Wesseling (2); Miriam Izolina Padoin Dalla Rosa (3) - p. 74  
Katia Salomão (2); Alessandra Amado Elias Sonda (1) - p. 16

Katia Salomão (2); Ane Natacha Meneguetti (1) - p. 22  
Kátia Rocha Salomão (2); Marcos Antonio Mantovani (1) - p. 113  
Kátia Rocha Salomão (2); Tarinê Cortina Poeta Castilho da Silva (1); Antonella Marques Neves (3) - p. 153  
Katia Salomão (2); Victor Augusto Kondrat da Silva (1); Antonella Marques Neves (3) - p. 164  
Katyana Martins Weyh - p. 90  
Kelly de Fátima Castilho - p. 91  
Laísa Rossato - p. 92  
Larissa Gabriela Utzig (1); Michelly Michels (2) - p. 94  
Leonardo Augusto Catafesta - p. 96  
Leonardo Ribeiro de Souza Castro - p. 97  
Leosir Santin Massarollo Júnior - p. 99  
Libanio Cardoso (2); Giovani Augusto dos Santos (1) - p. 63  
Livio Paulo Michelson Junior - p. 101  
Lucas Antonio Vogel - p. 102  
Lucas dos Santos (1); José Atílio Pires da Silveira (2) - p. 103  
Luciano Carlos Utteich - p. 104  
Luciano Neves da Silva (1); Fernanda A. Meglhioratti (2) - p. 105  
Luiz Claudio Inocêncio - p. 107  
Luiz Fernando de Vicente Stoinski (1); José Francisco de Assis Dias (2) - p. 108  
Manoel Adir Kischener (1); Everton Marcos Batistela (2) - p. 46  
Marcelo Barbosa - p. 109  
Marcelo Luiz Dalmagro (1); Gilmar Henrique da Conceição (2) - p. 110  
Márcia Caroline Szmid (2); Andressa Aline Bertolla (1); Michaela Carla Laurindo (3) - p. 21  
Marcos Alexandre Borges - p. 111  
Marcos Antonio Mantovani (1); Kátia Rocha Salomão (2) - p. 113  
Maria Isabel Formoso Cardoso e Silva Batista - p. 114  
Maria Socorro de Lima - p. 115  
Mario Sergio Vaz - p. 116  
Medéia Laís Reis (1); José Francisco de Assis Dias (2) - p. 117  
Michaela Carla Laurindo - p. 119  
Michaela Carla Laurindo (3); Andressa Aline Bertolla (1); Márcia Caroline Szmid (2) - p. 21  
Michaela Carla Laurindo (2); Geovane dos Santos da Rocha (1) - p.61  
Michelly Michels (2); Larissa Gabriela Utzig (1) - p. 94  
Miriam Izolina Padoin Dalla Rosa (3); Janaiara A. Wesseling (1); Kaira Carla Sikora (2) - p. 74  
Mônica Chiodi (1); Gilmar Henrique da Conceição (2) - p. 120  
Natalia Amaral de Azevedo - p. 121  
Nelsi Kistemacher Welter - p. 122  
Neomar Sandro Mignoni - p. 123  
Nicole Elouise Avancini - p. 124  
Nilson Rodrigo da Silva - p. 125  
Olavo de Salles - p. 126  
Pablo Petravicius Vieira - p. 127  
Patrícia de Oliveira dos Santos - p. 128  
Patrícia Riffel de Almeida - p. 129  
Paulo Ricardo da Silva - p. 131  
Pedro Henrique Nogueira Pizzutti - 132

Péricles Ariza - p. 134  
Rafael Leite Ferreira Cabral - p. 135  
Rafaela Ortiz de Salles (1); Ester M. Dreher Heuser (2) - p. 136  
Raphael da Silva Sodré - p. 137  
Reginaldo Cesar Pinheiro (1); José Francisco de Assis Dias (2) - p. 138  
Reginaldo Cesar Pinheiro (2); José Francisco de Assis Dias (1) - p. 88  
Ricardo Rodrigo França da Silva - p. 139  
Roberto Corrêa Scienza - p. 141  
Rodrigo Antonio Bilibio (1); Vitória Beisi Linke (2); Saulo Sbaraini Agostini (3) - p. 143  
Rodrigo Lopes Figueiredo - p. 144  
Ronaldo de Oliveira (1); José Francisco de Assis Dias (2) - p. 145  
Sabrina Andrade Barbosa - p. 146  
Samuel Lucas de Almeida (1); Adriana Dias Basseto (2) - p. 148  
Sandra Cristina Bouffleur - p. 149  
Sandra Cristina Bouffleur (3); Gabriela Araújo Fornari (1); Thaís Ferreira Menezes da Silva (2) - p. 57  
Saulo Sbaraini Agostini - p. 150  
Saulo Sbaraini Agostini (2); Cristiane Freytag de Freitas (1) - p. 34  
Saulo Sbaraini Agostini (2); Elidsandra Oliveira da Silva (1) - p. 42  
Saulo Sbaraini Agostini (3); Rodrigo Antonio Bilibio (1); Vitória Beisi Linke (2) - p. 143  
Saulo Sbaraini Agostini (3); Thanyse Vanzella (2); Geovana Alice Alves da Cruz (1) - p. 59  
Suzana Talita Tietz - p. 151  
Tamara Havana dos Reis Pasqualatto - p. 152  
Tarcílio Ciotta (3); Kaiane Livi (1); Anderson Felipe dos Santos Souza (2) - p. 89  
Tarinê Cortina Poeta Castilho da Silva (1); Kátia Rocha Salomão (2); Antonella Marques Neves (3) - p. 153  
Thaís Ferreira Menezes da Silva (2); Gabriela Araújo Fornari (1); Sandra Cristina Bouffleur (3) - p. 57  
Thanyse Vanzella (2); Geovana Alice Alves da Cruz (1); Saulo Sbaraini Agostini (3) - p.59  
Thayla Magally Gevehr - p. 154  
Thélio dos Santos Caudinski (1); José Francisco de Assis Dias (2) - p. 156  
Tiago Soares dos Santos (1); Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (2) - p. 157  
Valdenir Prandi (1); José Francisco de Assis Dias (2) - p. 158  
Valmir Gonzalez dos Santos - p. 159  
Vanessa Brun Bicalho - p. 160  
Vanessa Furtado Fontana - p. 161  
Vanessa Henning - p. 162  
Victor Augusto Kondrat da Silva (1); Katia Salomão (2); Antonella Marques Neves (3) - p. 164  
Vilmar Malacarne (3); Beatriz Cristina Bencke (1); Emerson Souza dos Santos (2) - p. 28  
Vinicius Ricardo Galvão Rosa - p. 165  
Vitória Beisi Linke (2); Rodrigo Antonio Bilibio (1); Saulo Sbaraini Agostini (3) - p. 143

Anais do XXIII Simpósio de  
Filosofia Moderna e Contemporânea  
da UNIOESTE

Toledo – PR

2019